

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**JORNALISTA:
NA MARCA DO CRONÔMETRO**

Renée Burda Moutinho Borges

Orientadora: Prof^ª. Dra. Teresa Cristina Othenio
Cordeiro Carreiro

Niterói-RJ
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Renée Burda Moutinho Borges

**JORNALISTA:
NA MARCA DO CRONÔMETRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da *Universidade Federal Fluminense*, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Teresa Cristina Othenio
Cordeiro Carreteiro

Niterói-RJ
2009

Renée Burda Moutinho Borges

**Jornalista:
na marca do cronômetro**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreiro
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dra. Claudia Osorio da Silva
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dra. Creuza da Silva Azevedo
Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
ao meu marido, que me levou até a UFF
e aos
colegas jornalistas que participaram
da pesquisa para que esta Dissertação
pudesse ser elaborada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro, presente em todas as horas. Por seu amor, apoio e paciência.
Pelo incentivo e sensibilidade.

Ao meu filho, por seu carinho e compreensão.

À minha mãe e minhas irmãs, pela força e aconchego.

À minha orientadora, Teresa Cristina Carreteiro, pelo contato com novas abordagens e pensadores.

À professora Claudia Osório, por sua disponibilidade e simpatia.

À professora Sylvia Moretzohn, por suas indicações que foram fundamentais.

Às minhas amigas Reni Farah e Herta Martins, pelos ombros amigos.

RESUMO

A contração do tempo tem sido associada por diversos pensadores à globalização da economia, que desconsidera os limites do tempo e do espaço: qualquer atividade pode ser feita a qualquer hora e lugar. Desta forma, o que se exige é a performance constante. É o tempo da economia de mercado do capitalismo contemporâneo, onde a sobrevivência passa a depender da eficácia em se produzir mais em menos tempo.

Para atingir esse ideal de rentabilidade máxima o indivíduo luta para dominar o tempo que escoar. Deste embate surge o que tem sido identificado por alguns autores como um indivíduo prisioneiro do presente imediato, que funciona no ritmo da economia, imerso em um tempo de simultaneidades e urgências.

A mídia é um dos lugares privilegiados onde as transformações relacionadas ao tempo podem ser observadas. Embora o jornalismo sempre tenha sido exercido contra o tempo, parece que esta tensão tem aumentado significativamente nos últimos anos, favorecida especialmente pelas tecnologias que possibilitaram novas formas de jornalismo, entre elas a notícia em tempo real, modificando profundamente a prática profissional.

Antigas ferramentas de trabalho foram substituídas por computadores e celulares, que através da internet potencializaram o fluxo ininterrupto de informações que acelerou o ritmo de trabalho, sacrificando o espaço para reflexão, fundamental na profissão, comprometendo a qualidade da produção e a relação dos jornalistas com a atividade.

O trabalho no jornalismo exige que o profissional esteja permanentemente em prontidão, disponível para espreitar o novo e agir instantaneamente e simultaneamente em várias direções. Em um mercado altamente competitivo, chegar na frente é o mais importante. Para enfrentar este desafio o profissional trabalha como se tudo fosse uma urgência e o padrão de tempo o instante imediato.

Palavras-chave: trabalho, jornalismo, tempo real, urgência, tecnologia, globalização.

RESUMÉ

La contraction du temps est associée par divers penseurs à la mondialisation économique, qui ignore les limites du temps et de l'espace: toute activité peut être faite n'importe quand et n'importe où. Ainsi, ce qui est requis est une performance constante. C'est le temps de l'économie de marché du capitalisme contemporain, où la survie devient tributaire de l'efficacité dans la production d'un nombre plus élevé de biens ou des services dans un temps toujours plus restreint. Pour parvenir à cet idéal de rentabilité maximale l'individu combat pour dominer le temps qui s'écoule. D'où une lutte qui a été identifiée par certains auteurs comme celle d'un individu prisonnier du présent immédiat, qui se déroule au rythme de l'économie, immergé dans un temps de la simultanéité et de l'urgence.

Les médias sont l'un des lieux privilégiés où les changements liés au temps peuvent être observés. Alors que le journalisme a toujours été exercé contre le temps, il semble que cette tension a considérablement augmenté ces dernières années, particulièrement favorisée par les technologies qui permettent de nouvelles formes de journalisme, dont les « nouvelles » en temps réel, en changeant profondément la pratique professionnelle.

De vieux outils de travail ont été remplacés par des ordinateurs et des portables, qui, par l'intermédiaire de l'Internet, ont rendu possible le flux ininterrompu d'informations qui a accéléré le rythme de travail, en sacrifiant l'espace pour la réflexion, fondamental dans la profession et en compromettant ainsi la qualité de la production et la relation des journalistes avec leur activité.

Le travail du journaliste exige que le professionnel soit en permanence contactable, disponible pour guetter le nouveau, et agir instantanément et simultanément dans des directions variées. Dans un marché très concurrentiel, être le premier est le plus important.

Pour répondre à ce défi, le professionnel travaille comme si tout était urgent et comme si la norme du temps était l'instant immédiat.

Mots-clés: travail, journalisme, temps réel, urgence, technologie, mondialisation.

JORNALISTA:
NA MARCA DO CRONÔMETRO

SUMÁRIO

Introdução.....	9
I - Globalização e mídia.....	14
1.1 - Mídia e capitalismo globalizado.....	16
1.2 - Jornalismo, tempo e tecnologia.....	17
1.3 - Trabalho imaterial e jornalismo.....	20
1.4 - O Homem-Presente.....	22
II. Metodologia.....	24
2.1- Abordagem Clínica.....	24
2.2 - Implicações do Pesquisador.....	26
2.3 - Trabalho de Campo.....	27
2.3.1 - As entrevistas.....	28
2.3.2 - As observações participantes.....	29
2.4 - Os participantes.....	29
2.4.1 Encontros e entrevistas com os participantes.....	31
III. O Trabalho jornalístico em análise.....	56
3.1 - Novas tecnologias e a intensificação do trabalho.....	57
3.1.1 – Prisioneiros da tecnologia.....	62
3.2 - Precarização da atividade jornalística.....	65
3.2.1 - Vínculos eletrônicos.....	70
3.2.2 - Do artesanal à linha de produção.....	74
3.2.3 - Qualidade versus velocidade.....	77
3.3 - Competição e fragilização do coletivo.....	81
3.3.1 - Cansaço e desencanto.....	84
3.4 - Armadilhas do tempo real.....	87
3.4.1 – Futuro antecipado.....	92
Conclusão.....	95
Referências Bibliográficas.....	101

INTRODUÇÃO

O tempo presente é brevíssimo. Em razão disso alguns até negaram sua existência. Ele está sempre em fluxo, sempre flui e precipita-se. Antes de chegar, já deixou de estar, sem admitir parada. Nem mesmo o universo e as estrelas porquanto aquela agitação sempre em movimento nunca estaciona na mesma posição.

Os atarefados só possuem o tempo presente, mas que é tão volátil que não conseguem sequer agarrá-lo. Mesmo esse lhes é furtado por incontáveis afazeres. (Sêneca, 2007)

Na contemporaneidade, o tempo parece estar cada vez mais curto e acelerado. O tempo falta, é desejado. A contração do tempo tem sido associada por diversos autores tais como Aubert, Castells, Bauman, Giddens, Harvey, entre outros, ao processo de globalização da economia, que vence as fronteiras do tempo e do espaço: qualquer atividade pode ser feita a qualquer hora e em qualquer lugar. É o tempo da economia de mercado do ritmo do capitalismo contemporâneo, onde a sobrevivência passa a depender da eficácia em produzir mais em menos tempo. Nesse processo, a tecnologia surge como fundamental, reorganizando os processos produtivos e conectando distantes pontos do globo. “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação” (Bauman, 2001, p. 16)

Em uma sociedade onde o tempo e o espaço devem desconsiderar limites, o que se exige dos trabalhadores é a performance imediata. Para atingir este ideal de rentabilidade máxima os indivíduos lutam para dominar o tempo que escoar. Nesse combate, Aubert (2003) distingue novas formas de relações com o tempo, que fazem nascer o que chama de indivíduo em tempo real, que funciona no ritmo da economia, um prisioneiro do presente imediato, sem passado nem futuro, incapaz de diferenciar o urgente do importante.

A mídia é um dos lugares privilegiados onde as transformações relacionadas à experiência do tempo podem ser observadas. Embora o jornalismo sempre tenha sido exercido contra o tempo, parece que essa pressão tem aumentado significativamente nos últimos anos. O tempo é cada vez mais valorizado. A velocidade crescente na produção e divulgação da informação, a partir da notícia em tempo real, alimenta no mercado a necessidade por novas notícias. Cada vez a mídia produz mais e mais rápido.

Mas a perecibilidade dos noticiários enquanto informação sobre o “mundo real” é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos. (Bauman, 2001, p. 178).

A notícia em tempo real é a mais veloz, mas não é a única forma de jornalismo. Apesar das possíveis diferenças no tempo de produção nos diversos ambientes de trabalho (revistas, jornais impressos diários, consultorias de comunicação etc.), o ritmo de trabalho parece ser o mesmo. O jornalismo em tempo real passou a ser uma referência, uma forma de gestão da produção, pautada em uma cultura de resultados.

Para muitos profissionais, a tecnologia que possibilitou o jornalismo em tempo real e on-line transformou a atividade profissional nas últimas duas décadas. Estas inovações foram rejeitadas inicialmente por muitos jornalistas, por sacrificarem postos de trabalho e por condenarem uma produção entendida de certa forma como artesanal ou autoral à linha de produção. Ainda hoje é possível encontrar profissionais saudosistas das antigas e barulhentas máquinas de escrever. Porém, a rápida penetração destas tecnologias na indústria da mídia e, também, no universo da vida particular dos indivíduos são alguns dos fatores que favoreceram a adesão dos jornalistas às suas possibilidades.

O celular e a internet, atualmente ferramentas básicas de vida e trabalho, podem ter um aspecto libertador e ao mesmo tempo escravizante, porque permitem que o indivíduo realize trabalhos simultâneos e responda instantaneamente às solicitações, sem perda de tempo nas decisões. Exigem do profissional uma dedicação ininterrupta ao trabalho. Com o tempo compactado, tudo passa a funcionar na lógica da urgência, ou seja, todas as demandas devem ser atendidas no momento em que surgem (AUBERT, 2003). Esses trabalhadores eternamente ligados, que recebem de suas chefias celulares que os permitem estar constantemente conectados, a toda hora e em qualquer lugar, devem suportar a obrigação de estarem continuamente presentes, em tempo real.

O trabalho, especialmente em áreas como o jornalismo e o mercado financeiro, exige que o profissional esteja permanentemente em prontidão, ligado e disponível para espreitar o novo e agir instantaneamente e simultaneamente em várias direções. Em um mercado aonde a oferta de trabalho vem diminuindo e a competição aumentando, é preciso que se desenvolvam novas qualidades profissionais para atender às necessidades de uma indústria que privilegia cada vez mais a leveza, a rapidez, a polivalência (SENNETT, 2007). Mas, no jornalismo, uma

profissão onde a reflexão crítica é fundamental, a atual corrida contra o tempo parece comprometer profundamente a qualidade da produção e a relação dos profissionais com o trabalho.

Abolido o tempo para reflexão, o que resta é apenas o tempo para a ação, para que se responda com imediatismo às demandas que surgem, em um movimento parecido ao de um jogo de pingue-pongue, como descrito por uma jornalista: “É um jogo diário, onde você não pode perder uma bolinha. Tem que pegar e arremessar todas de volta para não perder o jogo”.

As atividades de trabalho não têm hora marcada e podem ser iniciadas pelo celular ou pela internet, durante a noite após um dia tenso de trabalho, em um domingo pela manhã na praia ou durante um natal em família. Desta forma, a disponibilidade exigida sacrifica e fragiliza as fronteiras entre a vida pessoal e a profissional.

Estas questões – as mudanças provocadas pela entrada das novas tecnologias que acarretaram a modificação na relação com o tempo, nos vínculos com a profissão e no clima entre os colegas de trabalho – transformaram-se em um projeto de pesquisa para a dissertação de Mestrado. As observações feitas em uma consultoria de comunicação, onde trabalhei por quase um ano, e a troca de idéias com colegas, que apontavam para uma espécie de angústia relacionada à aceleração crescente do ritmo de vida e de trabalho inspiraram a construção do projeto.

Dez profissionais foram convidados para participarem dessa pesquisa. Destes, três evitaram as entrevistas, com a justificativa da indisponibilidade de tempo, mas integram as análises realizadas. Além das entrevistas, algumas observações dos profissionais em atividade contribuíram para a elaboração das questões apresentadas.

No primeiro capítulo a pesquisa é contextualizada, através de algumas referências sobre o universo do jornalismo em termos do papel da mídia no capitalismo globalizado e, principalmente no Brasil. Para uma melhor compreensão dos conteúdos das entrevistas, é feita uma breve descrição para caracterizar os ambientes e as rotinas de trabalho mais comuns no jornalismo, e um resumo histórico sobre as transformações ocorridas nos últimos anos.

No segundo capítulo estão apresentados os aspectos metodológicos, os participantes desta pesquisa, as entrevistas e as implicações da pesquisadora no trabalho. Como escolha metodológica, a pesquisa foi realizada com base na abordagem clínica, onde o conhecimento é construído nos encontros entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa, como uma arte que possibilita o encaminhamento progressivo de sentido de forma coletiva, por caminhos que vão se abrindo nas trocas com o campo (SÉVIGNY, 2001; ENRIQUEZ, 1993).

A partir da análise das entrevistas algumas questões puderam ser eleitas, descritas no terceiro capítulo, em função da saturação dos temas, evidenciando temas relevantes para os entrevistados: o papel das novas tecnologias nas transformações do jornalismo nos últimos anos; as relações interpessoais entre colegas de trabalho; a precarização do trabalho com a queda da qualidade e da satisfação dos profissionais com o trabalho; o jornalista em sua relação com o trabalho e, por fim, a questão do tempo real no jornalismo.

Nas entrevistas, os profissionais assinalaram questões relativas à aceleração do tempo associadas às inovações tecnológicas, como se estas pudessem ser a causa do atual ritmo de trabalho. Para os jornalistas, na mesma proporção em que o trabalho é acelerado, perde em qualidade. Essa perda levou os entrevistados, unanimemente, a questionarem o sentido do trabalho, que, para eles, teria uma função social, expressa por um compromisso com a verdade e com o público. A compressão do tempo também se revela na deterioração das condições de trabalho, com a superposição de funções e o aumento da carga individual de trabalho.

Os profissionais descrevem uma rotina sem intervalos para reflexões, onde metas quantitativas são parâmetros de eficiência. Desta forma, é preciso agir, realizar o maior número de trabalhos no menor tempo possível. É como evidencia Aubert (2003), o tempo da urgência, que se traduz como uma resposta imediata, uma maneira rápida de se agir, sem julgar, presente nas relações de trabalho e da vida pessoal.

Os jornalistas, surpreendentemente inclusive os mais jovens, relatam um sentimento de cansaço em relação a um cotidiano vivido como se fosse o último dia de vida. As dificuldades em suportar o ritmo surgem como desistência da profissão, depressão e, por outro lado, como uma crença de que as dificuldades podem ser superadas, porque a aceleração é algo “inerente” ao jornalista, ou seja, pode ser uma questão de ajuste às novas exigências. O sentimento de eu posso tudo se contrapõe ao da falta de sentido que trás adoecimentos como a depressão.

O clima nos ambientes de trabalho mudou. Atualmente as pessoas apenas se comunicam por e-mails, inclusive para assuntos íntimos como para a marcação de um almoço entre colegas que sentam numa mesma sala. Os salões arrumados e silenciosos imperam hoje em lugar das antigas redações barulhentas e repletas de papéis espalhados. Esse passado é lembrado por alguns profissionais como um tempo mais feliz, onde as relações eram mais calorosas, os colegas mais próximos e o prazer de trabalhar era maior. Os e-mails geram desconfianças entre os jornalistas com mais tempo de experiência, porque não traduzem todo o teor da comunicação, o “olho no olho”, como explica uma das entrevistadas, que pode revelar uma declaração irônica ou ingênua.

Na conclusão a idéia de que atualmente o jornalismo funciona em um tempo único, o tempo real, é explorada e de que forma este tempo se alastra e aprisiona os profissionais ditando um ritmo de vida e trabalho onde nada pode ser postergado, dificultando a reflexão e a criatividade, as principais características destes profissionais, que, bloqueadas, trazem o cansaço e o adoecimento.

A mídia é uma das principais forças na operacionalização do avanço da globalização (HARDT & NEGRI, 2001) através do Planeta, com o apoio das novas tecnologias da informação, que possibilitam o tempo real da notícia – que fundamenta decisões para a realização de negócios 24 horas por dia em diversos mercados (HARVEY, 2007; CASTELLS, 2000). A pesquisa para esta Dissertação nos permite a articulação deste entendimento com as transformações na relação dos indivíduos com o tempo, observadas principalmente sob as formas de uma intensificação do presente que fragmenta o sentido de continuidade e construção que organizam a atividade social e individual (Sennett, 2007), especialmente no campo do jornalismo, onde fica evidenciada a emergência de um tempo descontínuo, tecnológico, que privilegia a urgência.

CAPÍTULO I

GLOBALIZAÇÃO E MÍDIA

Diversos autores como Bauman (2001), Castells (2000), Giddens (1991), Harvey (2007) entre outros identificam a partir da década de 80 do século XX um importante processo de reestruturação do capitalismo, que acentuou a sua mundialização, rompendo fronteiras políticas em favor da livre circulação do capital e das produções das grandes empresas, um “período de rápida mudança, de fluidez e de incerteza” (Harvey, 2007).

Castells (2000) sublinha nesse ambiente o papel decisivo das novas tecnologias da informação que, aliadas às formas inéditas de gerenciamento, possibilitaram a emergência de uma economia globalizada. Para sustentar sua visão, o autor chama a atenção para as diferenças entre uma economia mundial, na qual a “acumulação de capital avança por todo o mundo” no ocidente desde o século XVI e uma economia global, “com capacidade de funcionar como uma unidade em tempo real, em escala planetária”. Nessa nova configuração, os principais elementos e processos do sistema econômico vêm sendo alterados desde o final do século XX por uma nova infra-estrutura tecnológica (Castells, 2000; p.111).

Essa economia é identificada por Castells como “informacional”, porque nela todo o processo de geração de conhecimentos, produtividade econômica e comunicação midiática foi transformado pelas novas tecnologias da informação, que passam a integrar o mundo em rede. A economia virtualizada incorpora à produção o conhecimento científico que cria as inovações. A informação passa a ser matéria-prima e a produtividade e competitividade dependem da capacidade das empresas em gerar, processar e aplicar de forma eficiente as informações que circulam à velocidade da luz.

Os avanços tecnológicos possibilitam a desterritorialização da produção, organizada em redes horizontais, que passa a ser controlada de qualquer ponto do planeta, porém, paradoxalmente, de forma cada vez mais centralizada. Os produtos chegam diretamente aos consumidores, vencendo distâncias e atravessando culturas locais (HARDT & NEGRI, 2001). A produção e o consumo se aceleram. Os bancos eletrônicos e o dinheiro de plástico aumentam o fluxo monetário. Serviços e mercados financeiros passam a operar vinte e quatro horas por dia (HARVEY, 2007).

Para Castells (2000), as novas tecnologias representam uma transformação de dimensões históricas, ao possibilitarem “A integração potencial de textos, imagens e sons no mesmo

sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação” (Castells, 2000, p. 354). Embora possa ser discutível a questão das reais condições de acesso de grande parte da população mundial às novas tecnologias, pode-se considerar que atualmente, o acesso possível já produziu o efeito assinalado pelo autor.

Nesses sistemas, as relações dos indivíduos com o tempo e o espaço são radicalmente transformadas: ”O tempo é apagado no novo sistema de comunicação, já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagirem entre si na mesma mensagem” (Castells, 2000, p. 397). Nesta mesma direção, Harvey (2007) supõe que o novo contexto mundial revolucionou o sentido do tempo e do espaço, a ponto de alterar os modos das pessoas estarem no mundo. O autor expõe seu ponto de vista através da idéia de compressão do tempo e espaço, para se referir à aceleração do ritmo de vida que vence barreiras espaciais na história do capitalismo “(...) em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós” e prossegue “(...) à medida que o espaço parece encolher (...) e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto que só existe o presente” (Harvey, 2007, p.219).

Para Giddens (1991), tempo e espaço para são separados pelo processo de globalização para garantir o dinamismo da economia contemporânea, que funciona ininterruptamente. Desta forma, ao libertar o capital da necessidade de vínculos com contextos específicos ou locais, permite a recombinação de tempo e espaço na medida de sua conveniência.

A globalização intensifica as relações sociais em escala mundial, ligando realidades diferentes e distantes de tal forma que uma influencia na outra e vice-versa.

A globalização se refere essencialmente a esse processo de alongamento na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam através da superfície da Terra como um todo. (Giddens, 1991; 69)

Nessas ligações, o sentido tradicional de tempo e espaço fica em suspenso e pode-se observar o que Castells (2000) chama de tempo intemporal, que conjuga a instantaneidade, a não linearidade, a simultaneidade e a multiplicidade.

A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo

intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno. (Castells, 2000, p. 460)

Esse tempo é o correlato do tempo real, que afirma “(...) ações e interações podem se realizar sem dispêndio de tempo, mas para marcar que esta não é apenas uma conquista tecnológica, mas um redefinidor de práticas sociais” (Franciscato, 2004p. 18).

O tempo linear é fragmentado pela economia organizada em rede e pelas novas tecnologias, que por sua penetrabilidade em todos os domínios da atividade humana, atravessa todos os processos da existência coletiva e individual. Esses fatores levam à emergência de uma nova relação entre os indivíduos e o tempo, que se manifesta através da velocidade, da instantaneidade e da urgência, a mesma lógica que rege o funcionamento dos mercados financeiros (Aubert, 2003).

1.1 MÍDIA E CAPITALISMO GLOBALIZADO

Na obra Trabalho Imaterial (2001), os autores Negri e Lazzarato chamam a atenção do leitor, na análise sobre a vitória de Berlusconi na Itália, para o papel da mídia no capitalismo globalizado. Os autores apontam para a implicação da indústria da comunicação no funcionamento da nova ordem mundial globalizada, descrita no livro Império (2001) como uma potência que transcende geografias, políticas, economias, tecidos sociais.

Nesta nova ordem global, a mídia exerce um papel estratégico, operacionalizando a globalização, legitimando sua linguagem, homogeneizando a informação e fabricando o consenso. Nas reflexões de Negri e Lazzarato (2001, p. 50), a máquina da comunicação articula-se à máquina da produção e à máquina da política no processo de “domínio capitalista do real”. Com capacidade para conectar simultaneamente todo o planeta, integra a rede coletiva que constrói o mercado. As informações produzidas pela mídia circulam pelo mundo, ligando e desligando pontos, interferindo e criando o real. A mídia facilita a ordenação dos fluxos e a constituição e organização do mundo em torno de um comando que visa ampliar mercados e lucros.

A indústria da comunicação “não apenas expressa, mas também organiza o movimento da globalização” (Hardt & Negri, 2001, p.51), multiplicando e estruturando conexões, controlando e canalizando o imaginário social. A máquina de produção da comunicação

legítima o Império¹ através da construção de tecidos sociais que esvaziam e absorvem as diferenças, neutralizando desequilíbrios e sustentando modelos universais de modos de vida.

Guattari (1996) defende que tudo o que surpreende, rompe ou angustia é enquadrado nas referências dominantes, especialmente pelos meios de comunicação. Assim, a mídia participa da produção de uma subjetividade modelizada, que também é produtora nos processos de fabricação do social e do material. Em relação à máquina da comunicação, compara a subjetividade a um terminal, que se encontra na posição de consumidor de subjetividade, absorvendo necessidades, mercadorias, idéias. A mídia é como uma função ampliada do Estado, que opera a formação de subjetividade capitalística.

A emergência de novas tecnologias de comunicação vem transformando a experiência social do trabalho. Os sistemas de produção dos meios de comunicação são cada vez mais mediados por máquinas. O trabalho jornalístico é a cada dia mais pulverizado entre sucursais, agências de notícias, departamentos de marketing, questões políticas, pesquisas de opinião. Mas, ao mesmo tempo, a descentralização aprimora o controle da produção e unifica o seu discurso. A mídia não deve ser vista apenas como representante do mundo, mas, principalmente, como produtora de mundos, na medida em que decide o que vai entrar em suas redes. Nesta escolha, as informações selecionadas e a forma como serão apresentadas ao público são estratégias definidas em função dos interesses dos grupos capitalistas envolvidos.

1.2 JORNALISMO, TEMPO E TECNOLOGIA

O jornalismo sempre foi associado à tecnologia que em diferentes períodos históricos possibilitou a transmissão da informação. Embora não existam muitas pesquisas já publicadas que tratem da entrada das novas tecnologias no setor², é possível buscar-se,

¹ Na obra Império os autores Hardt e Negri tratam da nova ordem da globalização, que se caracteriza por um poder exercido sem limites, como um regime sem fronteiras, que abrange todo o espaço social.

²No artigo Estudos sobre jornalismo digital no Brasil, publicado pela Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – e compôs – um levantamento com base em dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aponta seis principais pesquisadores: Cláudia Quadros, Elias M. Gonçalves, Elizabeth Saad, Marcos Palácios, Sebastião Squirra e Zélia Adghimi. Alguns dos trabalhos destes estudiosos foram utilizados na produção desta Dissertação. Em função da especificidade do interesse desta Dissertação, optamos por utilizar outros pesquisadores, além dos citados neste artigo.

principalmente em trabalhos apresentados em eventos acadêmicos ou profissionais, algum apoio para a compreensão deste processo em linhas gerais.

A globalização levou as empresas jornalísticas a buscarem as novas tecnologias para enfrentarem a competição crescente no mercado. O jornalismo foi especialmente afetado por este processo, com a informatização das redações dos veículos de comunicação a partir da década de 80 do século XX - processo que alterou os ambientes, as rotinas de trabalho e a imagem de uma profissão tida como artesanal por seus profissionais. Em um artigo das jornalistas Astrid Fontenelle e Débora Chaves, publicado pela revista especializada *Imprensa*, em setembro de 1987, a entrada dos computadores no *Jornal O Globo* é assim descrita:

(...) uma louca sinfonia de gritos, gargalhadas, telefones, campainhas, reverberavam impunemente (...) as Olivetti e Remington que não sofriam de arritmia eram disputadas no tapa (...) e o impiedoso papel carbono tingia mesas, paletós, mangas de camisa, dedos, mãos e rostos menos atentos (...) montanhas de laudas¹ se formavam para qualquer lado que se olhasse (...) hoje as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação que inclui um requinte inimaginável: calhas especialmente desenhadas, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem reflexos nos olhos ou nas telas (...) um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava (...) e a sinfonia das pretinhas² deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas (...) e a limpeza, nada de montanhas de papel.

O uso da tecnologia possibilitou que o trabalho pudesse ser medido, prática fundamental para o aumento da rentabilidade. Controles mais rígidos reordenaram o as redações neste período. O medo do desemprego se concretizou através de demissões como as executadas pela Folha de São Paulo, de 474 profissionais perderam seus empregos entre maio de 1984 e fevereiro de 1987: uma demissão em média a cada dois dias, justificadas pelo diretor do *Jornal* como falta de tempo para preparar os jornalistas adequadamente (BALDESSAR, 1998).

A necessidade de adequação às novas ferramentas de trabalho transformou a relação com o texto, principal objeto de trabalho. As dificuldades iniciais adiaram o uso de todo potencial que os computadores ofereciam, mas foram vencidas pela curiosidade. Entre as

¹ Folhas padrão onde são digitadas as matérias

² Máquinas de escrever

mudanças positivas estão as facilidades de pesquisa e acesso às informações, redução de custos e da perda de tempo com locomoções, além de melhores condições para arquivamento dos dados. Entre os aspectos negativos estão o aumento das atividades e a redução do tempo que compromete a qualidade do trabalho e a satisfação profissional.

As primeiras versões on-line dos principais jornais foram lançadas a partir de 1995. Os investimentos cresceram na área, principalmente após a privatização das telecomunicações, que possibilitou parcerias na produção e distribuição de notícias em rede (ADGHIRNI, 2002). Com o novo veículo, o aumento na circulação e, conseqüentemente na necessidade de atualização das informações, multiplicou o trabalho dos profissionais.

Atualmente os jornalistas além do texto, precisam se ocupar com outros trabalhos, possibilitados pelas novas tecnologias, como, por exemplo, a elaboração de gráficos, anteriormente preparados por profissionais de outra categoria, que não mais integram a produção – o que revela outra das conseqüências da informatização, a superposição de funções. Com os modernos programas, um único profissional pode realizar simultaneamente tarefas que faziam parte de outras etapas da cadeia produtiva.

A horizontalização da organização do trabalho abre espaço, hoje, para que um repórter possa editar sua matéria e diagrama-la. Ao mesmo tempo em que ameniza a alienação do processo, dando ao trabalhador oportunidade de entender toda a cadeia produtiva, exige maior comprometimento e responsabilidade. (Grisci, 2007 & Rodrigues, p. 52)

Adghirni (2002), ao analisar a pesquisa para dissertação de Mestrado da jornalista Jaqueline Paiva, mostra através dos agendamentos das agências de notícias do Grupo Estado (do qual faz parte o jornal O Estado de São Paulo), que a finalidade não é a apresentação de temas importantes para o público em geral, mas de informações com características utilitárias, dirigidas a um público que se utiliza delas para fechar negócios. A autora aponta, desta forma, para uma mudança que transforma a notícia em ferramenta, para que clientes tomem decisões e obtenham lucro.

A notícia em tempo real ganhou espaço com a instabilidade econômica do final do século XX. A informação que vinha das agências de notícias especializadas em economia significava perdas ou ganhos (ADGHIRNI, 2002). Este tipo de jornalismo ganhou espaço, e oferece atualmente produtos a vários segmentos específicos do mercado, por meio de assinaturas. É um jornalismo que privilegia a velocidade porque funciona no tempo do mercado financeiro.

Nos últimos anos, as pressões em função do ritmo acelerado e o excesso de trabalho, têm levado a uma série de questionamentos entre os profissionais e pesquisadores do meio acadêmico, que deram origem a trabalhos como o de Moretzsohn (2000), que discute a velocidade que tomou conta do jornalismo, fazendo com que dar a notícia em primeiro lugar se sobreponha ao valor da informação em si, transformando a velocidade no valor a ser consumido.

A compressão do tempo no trabalho jornalístico não se restringe aos ambientes que trabalham em tempo real. As transformações na produção que levaram à intensificação da atividade, à redução dos prazos e à sobrecarga de trabalho imperam em todos os locais (FONSECA, 2005). Metas passaram a ser estipuladas, assim como a remuneração por desempenho em algumas organizações. Com a concentração das empresas em grupos de mídia, os profissionais passaram a realizar sistematicamente trabalhos para vários veículos (rádio, edições on-line e impressas de jornais, além de revistas). Quanto mais aumenta a velocidade de circulação das informações, mais o trabalho se acelera. O jornalismo em tempo real é o resultado da vitória da tecnologia sobre os limites do tempo e do espaço (AUBERT, 2003).

Nos últimos anos, os avanços tecnológicos permitiram o jornalismo móvel, com o uso de equipamentos multimídia como celulares ou computadores portáteis, que pode ser realizado em qualquer lugar ou horário. Por um lado, as tecnologias de comunicação instantânea permitiram o ganho de tempo, a liberação da necessidade de se estar presente e de se poder viver sob o ritmo do imediato. Por outro, leva a uma necessidade de se estar constantemente ligado, sob tensão permanente, sem a possibilidade de temporalizar as relações e de se desligar, que pode se transformar numa questão psicológica (AUBERT, 2003).

As novas tecnologias, presentes tanto nos ambientes profissionais, quanto nos particulares permitem que os profissionais sejam acionados mais facilmente pelas empresas. Facilidades que se transformam em hábitos alongam as jornadas de trabalho, levando os profissionais a um contínuo estado de prontidão, que se acumula sob a forma de patologias e desinteresse pela profissão (BALDESSAR, 1998)

1.3 TRABALHO IMATERIAL E JORNALISMO

Na nova realidade da economia globalizada, a natureza do trabalho vai se modificando. Hardt e Negri (2001) assinalam a mudança na comunicação entre produção e consumo como um marco, que diferenciou o antigo modelo Fordista do mais recente Toyotista, onde a

produção se dá como resposta a uma demanda do mercado. Neste processo, a comunicação e a informação têm papel central. É a partir dela que o sistema produtivo passa a se organizar (Castells, 2000; Harvey, 2007).

As relações entre trabalho e capital vêm se transformando. O valor do trabalho passa a se dar pela socialização e pela capacidade de mobilização subjetiva do trabalhador, quer dizer, pelo seu envolvimento subjetivo com a atividade profissional. “Como prescreve o novo *management* hoje, ‘é a alma do operário que deve descer à oficina’. É a sua personalidade, a sua subjetividade que deve ser comandada e organizada”. (Negri & Lazzarato, 2001, p.25).

O trabalho é organizado em torno de sua imaterialidade. É a subjetividade do trabalhador que é apropriada pelo capital. Suas características pessoais são diferenciais competitivos, incluindo seus desejos, opiniões, que são, também, matéria para a construção do cliente e do mercado. O investimento é no ciclo produção-consumo. O trabalho imaterial se reproduz na forma de produção de subjetividade, que alimenta o mercado.

Na atividade imaterial não existe distinção entre tempo livre e tempo de trabalho. Vida e trabalho se confundem. O trabalhador é cada vez mais solicitado, precisa mobilizar sua capacidade comunicativa, seus afetos, suas redes sociais. Não existe, na realidade da produção descentralizada e rizomática, um fora e um dentro. O trabalho pode ser exercido a qualquer tempo em qualquer lugar: é inerente ao trabalhador.

Em setores como o da indústria da comunicação, a produção repousa sobre o sistema de cooperação abstrata de mentes. A horizontalização da produção faz com que todos participem de toda a cadeia produtiva: aumentam o compromisso e a responsabilidade dos profissionais. A nova organização do trabalho abre espaço para que um repórter, por exemplo, possa editar e diagramar uma matéria, ou seja, uma gestão que envolve um além da sua atividade.

O processo de produção da comunicação se transforma imediatamente em processo de valorização, segundo o modelo proposto em Trabalho Imaterial:

O ‘autor’ perde a sua dimensão individual e se transforma em um processo de produção organizado industrialmente (com divisão de trabalho, investimento, comando etc.); a ‘reprodução’ torna-se uma reprodução de massa organizada segundo os imperativos da rentabilidade; o público (recepção) tende a tornar-se consumidor/comunicador. (Negri & Lazzarato, 2001, p.49).

Essa transformação de um produto ideológico em mercadoria aplica-se perfeitamente ao jornalismo, onde o autor/jornalista realiza sua atividade dentro de uma organização de

trabalho que é coletiva – depende da interação com outros profissionais e da tecnologia. A sua produção é uma das partes que compõem o que será transformado em mercadoria pronta para circular no mercado, como um jornal, por exemplo ou um programa de TV. A produção é realizada em função de demandas do mercado e o jornalista, neste processo, é também um consumidor, ao lado de outros, que, ao consumirem, passam a necessitar da mercadoria e a justificar sua reprodução.

A exigência é de uma disponibilidade irrestrita, de criatividade ilimitada e preocupação com o mercado (com o leitor). A informatização homogeneizou os processos de trabalho, que passam a ser manipulação de símbolos e informações, realizadas sempre através do computador – ferramenta universal (Hardt & Negri, 2001). Neste ambiente, os prazos são supervalorizados, o que se traduz em execução de tarefas dentro de um tempo previamente determinado, cada vez mais curto e controlado. A velocidade é associada à eficiência. O tempo do capitalismo globalizado comanda a produção. As informações são produzidas em um sistema de urgência, que passa a ser o tempo real, “trazendo como resultado, freqüentemente, a divulgação de informações falsas ou apenas parcialmente verdadeiras com conseqüências às vezes catastróficas” (Moretzsohn, 2000.).

1.4 O HOMEM-PRESENTE

Com a globalização e a tecnologia os mercados financeiros passam a funcionar em tempo real e a impor sua lógica à vida social, atravessando indivíduos e empresas.

As empresas, pressionadas pela intensificação da concorrência se vêem confrontadas pela necessidade de responderem com flexibilidade e velocidade às oscilações da economia e do mercado. Os trabalhadores, por sua vez, devem estar em disponibilidade permanente, para que seus empregadores não percam as oportunidades ou o espaço que conquistaram no mercado.

Nesse contexto, Aubert (2003) observa a emergência de uma nova forma de expressão da relação dos indivíduos com o tempo, a urgência, que os leva a agir sempre, de forma indiscriminada, com imediatismo em qualquer situação, com o objetivo de ganhar em eficiência.

A urgência que, em seu significado original refere-se a procedimentos necessários em situações excepcionais ou de crise, quando não existem outras soluções possíveis, passa a ditar o ritmo da vida social, aprisionando os indivíduos no presente imediato (Laïdi, 2001).

Como um tempo imposto, a urgência se revela como uma violência que não respeita as temporalidades individuais e que leva a um comportamento de reatividade constante que não permite a reflexão. Essa é a condição do homem contemporâneo, um Homem-Presente, descrita Laïdi:

Privado das mediações do tempo que o ajudavam a pensar e a sentir o mundo, ele tornou-se imediato a si mesmo. Essa ruptura não provém apenas da sua subjetividade. Ela decorre talvez de um novo ethos desde que ele se debate com uma temporalidade que modifica a sua maneira de compreender a realidade e de orientar sua ação. (2001; 245)

Esse homem funciona no mesmo ritmo do mercado, sem a possibilidade da distância que o permitiria pensar sobre suas experiências no mundo. Ele vive em um tempo presente que engole o passado e que impossibilita a narrativa cronológica que dá sentido à sua vida. Para Sennett, um mundo “caracterizado pela flexibilidade e o curto prazo” (2007, p.32), um mundo de incertezas e de uma instabilidade que se normatiza, comprometendo a elaboração de projetos de futuro.

A importância da notícia nas transformações globais dos últimos anos é reforçada por Ramonet que vê na mídia “um instrumento de influência, de ação e de decisão incontestável” (2007; 40) que municiou a expansão econômica (GIDDENS, 1991). Como mostra Castells (2000), a comunicação molda a cultura: os novos sistemas multimídia que captam manifestações culturais diversas simultaneamente, misturando temporalidades de forma aleatória, constroem um novo ambiente simbólico, onde o tempo é apenas o presente intensificado.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, opção considerada como a alternativa metodológica mais adequada à análise da questão proposta. Esta escolha tornou possível oferecer ao leitor informações que o permitam acompanhar a forma como se deu a construção desta Dissertação.

Na pesquisa qualitativa os dados são obtidos a partir do contato interativo do pesquisador com o campo. No conjunto de temáticas abordadas, não existe um percurso pré-determinado. O direcionamento se dá durante o processo de pesquisa, de forma coletiva. É a relação entre o pesquisador, o seu objeto de estudo e o entrevistado que permite que as questões possam se descortinar. Nesta caminhada, tudo o que está presente nos encontros é considerado como fazendo parte do campo de pesquisa: as pessoas com suas formas de expressão e modalidades de linguagem, os ambientes, os textos, os comportamentos, os materiais utilizados. Todos estes dados fazem parte das análises realizadas.

A subjetividade do pesquisador é positivada, porque é com base na sua cultura, formação e experiência que o material de campo pode nele ressoar e ser explorado. Na pesquisa qualitativa as singularidades dos pesquisadores são bem-vindas. As diferenças são enriquecedoras e “propiciadoras da polissemia” (Lefèvre, 93).

1. ABORDAGEM CLÍNICA

Para poder compartilhar a questão e o encaminhamento da pesquisa com o campo, partimos da idéia de que o pesquisador é também esse campo. Na abordagem clínica o pesquisador, o entrevistado e o objeto da pesquisa são vistos como tendo a mesma natureza, ou seja, a posição de exterioridade do pesquisador em relação ao entrevistado ou a este objeto é uma ilusão (Lhuillier, 2006). O saber passa a ser, então, forjado na triangulação entre os três.

Esta abordagem nos pareceu uma escolha apropriada a esta Dissertação por possibilitar uma construção coletiva, onde são privilegiados os sentidos e os não sentidos que se revelam durante o desenvolvimento da pesquisa, facilitada por um tipo de relação onde não existe uma hipótese rígida ou um percurso pré-definido, mas onde se interage com aquilo que os participantes trazem. Não é suposto um sentido prévio a ser descoberto. Os sentidos são tecidos durante as entrevistas, por cada participante, na construção de sua narrativa junto ao pesquisador. O conhecimento é entendido neste trabalho como indissociável das condições de

sua emergência, ou, em outras palavras, de como se dão as relações entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa (ENRIQUEZ, 1993).

A abordagem clínica é apresentada por Enriquez (1993) não como uma teoria, mas como um meio, ou como uma arte que possibilita o encaminhamento progressivo de sentido, com a colaboração ativa de todos os envolvidos. Deste modo, o encontro adquire papel fundamental.

Esse encontro pode ser entendido como um encontro afetivo, que afeta e modifica tanto o pesquisador quanto seus entrevistados, com sugere Stengers (apud Despret, 2004, p.122). Na mesma direção, Kupermann (2004) defende a possibilidade de uma clínica onde se privilegie a idéia de parceiros de uma experiência afetiva, como condição para a produção de sentido.

A qualidade clínica de um encontro com o outro é descrita pelo filósofo e educador Maritn Bubber (apud Hycner, 1997, p. 85) como marcado pelo desejo genuíno de se estar com o outro, um encontro horizontal, onde nem um nem outro controlam o resultado. Neste tipo de relação, o clínico fica na escuta do outro, disponível para o que emerge no diálogo e para acompanhá-lo pelos caminhos por ele escolhidos (Hycner, 1997).

Mas para que o afeto (Kupermann, 2004) possa se dar do pesquisador em relação aos participantes da pesquisa, é preciso que ele saiba sobre si, sobre sua posição, do porque do seu interesse por esta pesquisa e qual tipo de relação desenvolve com o campo. Esta análise é fundamental para que ele possa determinar como vai poder lidar com seu objeto de pesquisa.

Enriquez (1993) lembra que, quando o objeto de pesquisa é visto como uma extensão do próprio pesquisador ou vem ocupar o espaço deixado por lacunas no seu desenvolvimento infantil, este pode tender a dissecá-lo, comprometendo a vida própria e impedindo a relação de respeito que possibilitaria a existência da subjetividade ou da alteridade deste objeto, e comprometendo a elaboração do conhecimento.

O esforço para desenvolver um trabalho científico coletivamente envolve a necessidade de que o cientista ultrapasse a atitude de prestar atenção a si próprio e de se enclausurar nos seus estudos acadêmicos, como sugere Van Kaan (1969). Para o autor, é preciso que o pesquisador vá além dos seus interesses profissionais no sentido de atender a expectativas do meio científico, para não comprometer a percepção do que se dá no encontro, do que é a ele endereçado pelo entrevistado.

Nesta dissertação exploramos narrativas individuais que são entendidas também como coletivas. Partimos da compreensão de que “o social está em toda parte, em todo lugar onde existam atores ou sujeitos em interação.” (Sévigny, 2001; 22). As questões levantadas pelos participantes podem ser pensadas como geradas no social, pelo confronto destes indivíduos

com determinações de ordens política, econômicas ou outras. Por esta razão, consideramos que os efeitos destas normas sociais não devem ser compreendidos apenas do ponto de vista individual. Como alerta Gaulejac (2003), ver estas questões apenas como individuais pode levar a uma visão de impotência e culpabilidade, que esteriliza e bloqueia novas atitudes e possibilidades de transformação.

Pela perspectiva clínica, o indivíduo é visto como fazendo parte de “uma história singular e coletiva, cujo sentido eles tentam construir a partir de suas múltiplas formas de interação nos contextos coletivos” (Carreteiro, 93, p. 15). A idéia de contexto é valorizada e privilegia-se a noção de ser humano em situação, que é “um estado resultante de interações e inter-relações de uma pessoa com o conjunto de elementos de seu meio físico (físico, psíquico, cultural, social) (Carreteiro, 93, p. 11)”. Neste sentido, a abordagem clínica está atenta às possibilidades de relações presentes em cada situação.

2. IMPLICAÇÕES DO PESQUISADOR

Despret (2004) sugere que os resultados de uma pesquisa podem caminhar na direção da confirmação das suposições dos pesquisadores, na medida em que algumas crenças dos pesquisadores possam influenciar na forma como são moldadas as questões. Nestas circunstâncias, o pesquisador pode ser levado a respostas que corroborem as expectativas dos cientistas.

Expectativas existem e elas estão presentes nas intenções dos pesquisadores. A pesquisa começa por algo que afeta o pesquisador. No caso desta dissertação, os questionamentos nasceram no exercício da profissão, frutos de conversas entre colegas, sobre as dificuldades do grupo em trabalhar de uma forma que fosse considerada satisfatória pelos profissionais e pelo mercado, em um tempo que se reduzia na medida em que a quantidade das atividades crescia vertiginosamente.

Lidar com o que nos afeta nem sempre é simples e, muitas vezes se revela, ao longo do tempo, como algo que angustia e porque angustia provoca uma busca. Para que algum conhecimento possa resultar desta busca, o pesquisador precisa abrir espaço para que outras vozes sejam ouvidas, para além da sua e da sua questão. Mas existem muitas formas diferentes de se fazer contato e de se perceber como o tema da pesquisa pode se apresentar no campo onde é pesquisado.

No caso desta dissertação, minha vivência na profissão e o conhecimento da cultura do meio jornalístico ajudou a conduzir a pesquisa como uma espécie de diálogo, onde os problemas foram pensados conjuntamente, entre entrevistado e pesquisador. A posição de “colega de profissão” e pesquisadora e, especialmente, psicóloga favoreceu o diálogo e a empatia, abrindo caminho para que fosse possível falar sobre um tema intenso.

3. O TRABALHO DE CAMPO

Uma série de perguntas nos acompanha quando iniciamos o que é chamado de pesquisa de campo. A primeira é o que pode ser entendido como campo. Optamos por trabalhar com a idéia de campo como sendo o próprio tema ou campo-tema (SPINK, 2003), ou seja, considera-se que o cientista já está no campo, na medida em que está trabalhando com o tema, seja em uma biblioteca ou realizando uma entrevista: todos são territórios do campo-tema.

O campo-tema não existe previamente, mas vai sendo criado a partir de conexões e negociações que se realizam a partir do tema. Pode passar a existir a qualquer momento, a partir do vínculo com a temática. A partir deste momento, a trajetória é fruto dos acordos que se dão e da validade acadêmica dos argumentos que sustentam as idéias apresentadas (Spink, 2003).

Podemos considerar que o campo-tema desta pesquisa começou a se esboçar nas observações críticas feitas sobre alguns ambientes de trabalho na área de comunicação, na qual estive inserida, a partir de alguns estudos sobre as transformações no mundo do trabalho, especialmente relacionadas ao tempo. Estas observações, divididas em conversas informais com colegas jornalistas conformou a temática e o campo-tema.

No caso deste trabalho, como o tema explorado nasceu em observações e conversas com profissionais do próprio meio a ser pesquisado, buscamos possibilitar que esse meio nos conduzisse, de forma que pudéssemos participar, acompanhar e documentar os sentidos que emergissem sobre a questão. Constituíram este campo jornalistas, ambientes de trabalho, estudos acadêmicos e todos os elementos que foram surgindo na medida em que a pesquisa seguia sua trajetória.

Das sete entrevistas, cinco foram realizadas nos locais de trabalho dos profissionais, em ambientes reservados, sem interrupções. Das duas restantes, uma ocorreu na residência do profissional e a outra em um restaurante durante o horário de almoço. Em todos os encontros, os locais foram escolhidos pelos participantes.

Dois profissionais foram entrevistados uma segunda vez, para que algumas questões pudessem ser mais aprofundadas e como uma oportunidade de reflexão sobre o que já havia sido dito. Segundo Clot (2007), este segundo olhar amplia a visão e a compreensão do entrevistado sobre si e sobre a atividade.

Além das entrevistas, parte do trabalho também se pautou em observações participantes, que complementaram nossa visão para a abordagem do tema. Esta etapa se deu através do acompanhamento de alguns profissionais em atividade em seus ambientes de trabalho: na relação com suas ferramentas de trabalho, com os colegas, com o serviço a ser feito e com as normas.

O campo ainda foi constituído por alguns textos, acadêmicos ou opinativos, coletados na internet, que versam sobre a questão do tempo no jornalismo. Este material nos auxiliou a nos situarmos em relação ao que vem sendo debatido pela categoria profissional sobre nossa questão, levando em conta que a internet tem sido um espaço bastante explorado por jornalistas como um lugar de debates e exposição de idéias.

3.1. AS ENTREVISTAS

Optou-se por realizar entrevistas semi-estruturadas, com alguns eixos elaborados previamente para servirem como condutoras dos encontros. Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos participantes, com exceção de uma, ocorrida durante uma caminhada, que rendeu anotações feitas imediatamente após a conversa.

Deve-se levar em conta nos registros das entrevistas tanto os conteúdos das falas, quanto a forma como esse conteúdo se manifesta. A fala expressa ao mesmo tempo conhecimentos, saberes, emoções e afetos. Ao falar, a experiência pode se reorganizar e novos sentidos podem ser construídos. Por esta razão, foram acrescentadas às transcrições das gravações algumas observações sobre os comportamentos dos entrevistados, os ambientes e outros fatores de interesse.

Os contatos para programação das entrevistas são parte importante do trabalho de campo. A forma como a pesquisa é apresentada e é feito o convite à participação são fatores decisivos que devem ser levados em conta. O comportamento do entrevistado e a forma como reage ao convite para participação pode ser entendido como resultado da abordagem feita pelo pesquisador. Todos estes fatores constroem o campo-tema, como assinalamos anteriormente.

A escolha dos entrevistados seguiu o critério das indicações dos próprios participantes, ou seja, o primeiro entrevistado sugeriu alguns outros, que, por sua vez também apresentaram novos nomes. Na medida do tempo disponível, incluímos as pessoas propostas. Estas sugestões surgiram como formas de ampliar as reflexões sobre alguma questão levantada durante os encontros.

3.2. AS OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

Com o objetivo de buscar nas situações de trabalho a questão do tempo, procuramos complementar as entrevistas com a observação de alguns jornalistas em atividade. Optamos por realizar a observação participante, onde o observador participa das situações que estuda, como parte do contexto e, desta forma, o conhecimento é construído na interação entre o pesquisador, o profissional observado e a atividade.

Nesta etapa, alguns conceitos desenvolvidos por Yves Clot na Clínica da Atividade nos auxiliaram especialmente na possibilidade de poder analisar como se dá o desenvolvimento da atividade jornalística, com a preocupação em fazer do jornalista observado um protagonista da análise, engajado na observação de si e na interpretação de sua atividade.

As observações aconteceram em quatro situações: na redação de duas agências de notícias (jornalismo em tempo real) e em duas entrevistas coletivas em um instituto de pesquisas, para divulgação de índices econômicos oficiais.

Nas redações das agências de notícias foi possível observar a relação dos profissionais com as novas tecnologias que ditam o ritmo do trabalho. Fones nos ouvidos garantiam o atendimento imediato às chamadas telefônicas, sem atrapalhar o acompanhamento que os jornalistas faziam de várias telas nos seus monitores, principalmente as entradas de informações que deviam, rapidamente, serem transformadas em notícias. As entrevistas aconteceram como mais uma entre todas as atividades, só interrompidas quando era preciso atender a alguma chamada telefônica.

4. OS PARTICIPANTES

Alguns dos participantes foram colegas de profissão, conhecidos na década de 80 quando trabalhei na área de comunicação – assessoria de imprensa - de uma empresa multinacional, onde cuidava da mediação na relação da organização com a imprensa (divulgação de investimentos, entrevistas dos diretores etc.). O contato com estes profissionais já não se dava

há cerca de quinze anos. Apesar desse longo intervalo de tempo, os jornalistas foram receptivos já primeiro contato.

Apenas três dos entrevistados não eram conhecidos pela pesquisadora antes da realização deste trabalho. Cabe notar que neste meio profissional, grande parte das pessoas se conhece, pela própria natureza do trabalho, que envolve muitas atividades compartilhadas, como, por exemplo, entrevistas coletivas, pelo fato de que muitos profissionais tornam-se figuras públicas ou, também, pelas trocas, relativamente comuns, de emprego.

Apesar de nossa escolha inicial ter sido feita por profissionais que já possuíssem mais de vinte e cinco anos de carreira e que tivessem participado das intensas mudanças no cenário profissional nas últimas décadas, em função das indicações que foram surgindo no campo, no decorrer desta pesquisa, alguns jornalistas com menos experiência também foram incluídos. As sugestões para que estes jovens fossem ouvidos surgiram em algumas entrevistas com os jornalistas mais experientes, como questionamentos sobre como estaria se dando a relação das novas gerações, com a aceleração do ritmo da atividade e com o exercício da profissão, no sentido da satisfação com o cotidiano e com os ambientes de trabalho. A presença destes últimos entrevistados abriu espaço para a reflexão sobre as possíveis e diferentes visões a respeito da profissão nos dias atuais.

Os dois primeiros entrevistados foram escolhidos por nós, pela longa e variada experiência profissional e por terem sido lembrados nas primeiras conversas informais. Os demais profissionais foram apontados no curso desta pesquisa por seus colegas, sugeridos como pessoas que poderiam ampliar os pontos abordados por esta pesquisa. Não usamos como critério o tipo de mídia (televisão, jornalismo impresso ou on-line, rádio, revista, áreas de comunicação de empresas não jornalísticas etc.) na qual o jornalista estava vinculado no momento em que realizamos os encontros, já que, em função da movimentação natural e constante no mercado de trabalho, a maior parte destes profissionais já atuou em diversas mídias.

Em acordo com os profissionais, para preservar suas privacidades, seus nomes foram alterados assim como a identificação dos locais onde trabalharam ou ainda trabalham. Apresentamos alguns dados básicos sobre cada um dos entrevistados, que supomos serem suficientes para compreensão do universo nos quais estão inseridos.

A questão inicial proposta aos entrevistados foi as transformações no jornalismo nas últimas décadas. Além destas, outras questões ligadas à temática que emergiram nos encontros, também foram levadas em conta nas análises do trabalho de campo, como a precarização do trabalho, a relação com as novas tecnologias e as relações interpessoais.

As entrevistas estão apresentadas no quadro a seguir na ordem em que foram realizadas.

Profissionais entrevistados	Tempo de atuação profissional	Faixa etária
Marcos	+ 35 anos	+ 55 anos
Paula	+ 30 anos	+ 55 anos
Bia	+ 30 anos	+ 55 anos
Ana	+ 30 anos	+ 55 anos
Joana	8 anos	- 30 anos
Clara	15 anos	+ 30 anos
Carlos	+ 25 anos	+ 50 anos

4.1 ENCONTROS E ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES

MARCOS

“Pensar 24 horas por dia em trabalho é inerente à nossa profissão”.

Marcos foi o primeiro entrevistado. É pai de uma jornalista que conheci a trabalho. Possui mais de trinta e cinco anos de profissão, exercidos nos mais diversos veículos: rádio, jornal impresso, além de grandes empresas de diversos setores e, atualmente, é repórter especial de televisão. Pela experiência que já possui, é chamado para a realização de matérias que envolvem autoridades ou questões sociais importantes. Possui um tipo de vínculo profissional que permite mais liberdade em relação a horários, embora esteja em contato constante com a redação do telejornal pelo celular. Respondeu prontamente ao meu pedido de entrevista, que foi marcada para o início de uma manhã, de forma a não comprometer seus compromissos de trabalho.

O encontro foi rápido e objetivo. Sua fala foi, em grande parte, em terceira pessoa, de forma impessoal e generalista.

No encontro, começamos a entrevista pela questão de como o tempo é vivido pelos profissionais. Marcos abordou o tema de duas formas. Na primeira, *“Você (o jornalista) não tem uma rotina como em outras profissões”*. A relação com a profissão é, como descreve o jornalista, *“24 horas por dia”*, já que não *“dá para ligar e desligar porque você pode ser*

acionado a qualquer momento, o que te obriga a estar minimamente informado sobre todos os assuntos". Este estado de atenção permanente está presente em todas as situações, inclusive nas interações familiares e sociais: *"Se descobrir alguma coisa (informação) em casa, eu tenho que transformar numa reportagem"*. Essa espécie de compromisso faz com que o profissional tenha necessidade de manter um conhecimento razoável e variado sobre os assuntos do momento.

A segunda forma de abordagem do tempo foi relacionada às inovações tecnológicas, que, na opinião de Marcos, facilitaram em muito o trabalho jornalístico de todos nas equipes, incluindo os profissionais não jornalistas (responsáveis pelas imagens em TV, ilustrações e diagramações nos jornais etc.). A evolução das ferramentas de trabalho acabou, para o entrevistado, com antigas preocupações com problemas como, por exemplo, o limite de tempo para gravação de uma reportagem, em função do alto custo do material, ou a possibilidade dos filmes – hoje substituídos por gravações em disco – velarem ou serem amassados, comprometendo o resultado final do trabalho do repórter de TV.

Um dos aspectos mais positivos apontados por Marcos foi o aumento da presença do jornalismo nas redes de televisão. Há vinte e cinco anos atrás a produção de reportagens geradas sobre os principais centros urbanos do país era de cinco a sete minutos e, atualmente, já chega há seis horas. O crescimento do período de exibição da programação jornalística acarretou no aumento das equipes e também no trabalho individual: *"Hoje em dia um repórter produz um volume de notícias maior do que no passado"*.

Embora a produção individual tenha aumentado, Marcos conta que a rotina de trabalho, quando começou na profissão há trinta e cinco anos atrás, era mais *"opressiva"*. Nos jornais impressos, que entravam em produção gráfica na madrugada, as equipes eram obrigadas a trabalharem por mais tempo noite adentro. Mas Marcos observa que o jornalismo é *"Um trabalho que não tem hora fixa para acontecer, ou seja, existe um horário para a entrada, mas o da saída é o da tarefa cumprida... Porque você tem uma alternância de horário muito grande, porque depende do que vai acontecer"*.

O horário de trabalho de Marcos é determinado a cada dia no final de expediente, em função do que está previsto para ser produzido no dia seguinte, mas, em geral, sofre alterações em função de novos acontecimentos. Mas a rotina começa cedo, ainda em casa, com o acompanhamento dos noticiários dos jornais, ligações telefônicas, preparação da agenda do dia etc.

Marcos é atualmente um profissional conhecido do público que alcançou, como ele mesmo diz, uma relação confortável com o trabalho, que se refletiu em sua fala na visão

positiva das transformações do jornalismo nos últimos anos, sem se ater às dificuldades ou frustrações, talvez pela posição que ocupe e pelo antigo vínculo com a empresa jornalística na qual trabalha. Suas opiniões concentraram-se basicamente nas possibilidades que a tecnologia trouxe para o desenvolvimento do jornalismo.

Esta entrevista contrasta com as demais, onde os jornalistas falaram mais sobre o impacto das novas rotinas sobre os próprios trabalhadores e sobre os ambientes físicos de trabalho. Leva-se em consideração que os demais profissionais eram pessoas já conhecidas da entrevistadora, ou seja, já existiam referências que podem ter facilitado a relação de confiança.

PAULA

“(...) o computador acelerou, está todo mundo em ritmo de Fórmula 1”.

Paula, a segunda entrevistada, é uma antiga colega de profissão. Após mais de dez anos sem contato, procurei-a por telefone para apresentar esta pesquisa para o Mestrado e um convite para sua participação. Paula possui mais de trinta anos de experiência profissional, em diversas redações de grandes jornais, assessorias de comunicação de grandes empresas e como professora universitária. Foi a primeira jornalista relacionada nesta pesquisa como uma possível entrevistada, por seu longo e variado percurso na profissão.

No primeiro contato por telefone Paula me recebeu de forma calorosa e confidenciou o seu cansaço com o cotidiano de trabalho, a vontade de mudar de vida, as doenças que desenvolveu - que acredita serem fruto do estresse - e sobre como estava gostando de dar aulas, uma nova atividade profissional. Esta primeira conversa durou cerca de quarenta minutos, durante os quais Paula falou bastante, como se o convite para ser ouvida nesta pesquisa pudesse ter estimulado suas reflexões. Ao final, marcamos um encontro para uma data próxima.

A entrevista aconteceu, por sugestão de Paula, no seu horário de almoço, em um restaurante próximo ao local onde trabalha. Fui buscá-la no escritório para conhecer o seu ambiente de trabalho, uma assessoria de comunicação que presta serviços para grandes empresas, onde Paula coordena uma equipe de jornalistas. Saímos para o restaurante em ritmo apressado e, durante o caminho, Paula já começou a falar sobre o estresse, o cansaço, e a saúde abalada de forma grave em decorrência da intensidade de trabalho.

Seu ritmo era sempre acelerado: gestos e especialmente a fala, de certa forma condizente com o próprio restaurante que Paula escolheu, bastante barulhento, mas grande o suficiente para que pudéssemos ocupar uma mesa mais afastada e tranqüila.

O encontro transcorreu como uma conversa próxima a um desabafo. Paula destacou por várias vezes a informatização das redações como um marco a partir do qual o jornalismo havia se modificado. A partir deste momento, uma série de dificuldades teria trazido frustrações para os profissionais que já atuavam há vários anos no mercado, principalmente com relação às novas ferramentas de trabalho que privilegiam a velocidade em detrimento da qualidade e ao e-mail, que ocupou o lugar das conversas nas redações, distanciando os colegas, que atualmente comunicam-se quase sempre eletronicamente.

A geração a qual Paula pertence talvez seja uma das que enfrentou uma das maiores mudanças na história do jornalismo. Mudanças ocorridas em poucos anos, forçando os profissionais a adequarem-se com rapidez à nova realidade profissional. A rapidez é uma qualidade “*inerente*” ao jornalista na opinião de Paula: “*É uma coisa que está na gente*”. Mas Paula questiona se a aceleração vista atualmente nos profissionais é essa qualidade “*inerente*”, ou é consequência das novas formas de se fazer jornalismo: “*Mas eu tenho uma dúvida: o que começou primeiro o ovo ou a galinha?*”. “De qualquer forma, independentemente do esclarecimento da sua questão, acredita que para ser jornalista é preciso funcionar em ritmo acelerado:” *Eu sempre fui uma pessoa muito agitada, mas eu conheço muita gente com ritmo lento, mas que entrou nesse ritmo (acelerado) porque foi para o jornalismo (...). Então eu acho que tem que acelerar*. Lembra de uma colega “*lenta, desacelerada, calma (...). Essas pessoas não se ajustam, apesar de todo o tempo de profissão, não se ajustam e acabam sendo criticadas*”. No entanto, esta aceleração parece encontrar alguns limites: “*Eu não consigo mais imaginar gente da minha geração com esse pique*”.

Não é claro na entrevista a quais fatores estes limites poderiam estar relacionados. Uma das hipóteses seria ao tempo de profissão ou à idade do jornalista, como na fala acima, ou a dificuldade de identificação dos profissionais mais experientes com os novos ambientes e formas de trabalho, como nas críticas que surgem ao longo da narrativa de Paula.

Esses limites também aparecem relacionados à saúde, como em patologias como a depressão. A recuperação da saúde envolveu, para Paula, um encontro com os próprios limites pessoais e a uma necessária desaceleração, “*obrigatoriamente (...). Eu fazia só o que eu podia*”. No entanto, para prosseguir na profissão, foi preciso retomar o antigo ritmo: “*Eu não aprendi. Estou fazendo tudo igual*”. Pode-se supor que dificilmente Paula prosseguiria trabalhando como jornalista se não suportasse o ritmo exigido, não por uma escolha sua, mas

por uma imposição para prosseguir no exercício profissional. Pode-se ver nesta situação algo que é relativamente comum entre os profissionais: a obrigação de superar todos os limites. Para esta obrigação não há não limites e o fracasso muitas vezes significa um problema pessoal, ou seja, aquilo que se acredita ser possível e não pode ser alcançado leva o indivíduo a imputar a si mesmo a culpa pelo seu insucesso.

Porém, em sua narrativa, é possível que se perceba uma contradição entre a postura crítica e a adesão às novas formas de se fazer jornalismo, como no trecho seguinte:

A gente chegou a fazer esses leilões de privatização e era uma loucura. O on-line funcionava que era um horror... Eu me lembro que eu editava ao mesmo tempo em que estava acontecendo o leilão...Mas era muito alucinante. Era como se você estivesse correndo, correndo, correndo, não sabe onde vai chegar. Eu estou cansada só de lembrar... Agora é bárbaro. Tem que ser mais rápido do que todos (concorrentes).

A informatização alterou profundamente as rotinas profissionais, os ambientes e o mercado de trabalho, por possibilitar a oferta de novos produtos, em novos formatos. Paula nota que, com a reorganização do mercado e o crescimento das agências de notícias, as redações ficaram mais enxutas e os profissionais passaram a fazer matérias para diversas mídias do mesmo grupo empresarial, ou seja, o mesmo repórter passou a escrever para a página de notícias on-line, o jornal impresso, a rádio e a revista, comprometendo, conseqüentemente, a qualidade da sua produção: “*As redações ficaram menores. E a outra coisa é o impacto que se reflete na apuração do repórter (...). O repórter é mais superficial... Ele faz mais correndo as coisas*”.

A velocidade com que as informações circulam é cada vez maior. Crescem as quantidades de notícias para serem lidas, e-mails para serem respondidos, ligações telefônicas para serem atendidas e, como diz Paula: “*Daqui a pouco você está uma pilha. Se você estiver escrevendo um texto e parar alguns minutos, a caixa de entrada (computador) vai estar com mais dez, vinte mensagens (...). Aumentou a velocidade, aumentou a quantidade*”

Como Paula conclui, atualmente trabalha-se mais. Com os novos meios de comunicação, os profissionais são mais exigidos.

Na opinião da entrevistada, inevitavelmente, “*(...) os jornais hoje têm menos qualidade do que no passado*”. Os erros passaram a ser constantes: “*(...) as agências de notícias estão cometendo muitos erros, porque não tem tempo de checar a informação. Aí você manda errado e daqui a pouco você está corrigindo*”.

Paula nota que os jovens profissionais, inclusive seus alunos, lêem menos do que as gerações anteriores de jornalistas:

A leitura era maior, então você conseguia cobrir muitos assuntos de uma forma melhor (...) mas eu acho que eles (alunos, nova geração) estão menos preparados por causa dessa história de não ter a leitura da informação do cotidiano como a gente tinha, porque lê o on-line (...). Quando chega a hora de aprofundar uma entrevista não sabem o que perguntar.

Na comparação do fazer o jornalismo hoje com o fazer de algumas décadas passadas, lembra que durante o período da ditadura militar era mais difícil se obter informações: *“Tinha que ter muita apuração. E essa investigação era muito maior do que hoje”*. Embora atualmente a pesquisa seja mais fácil, inclusive a partir da internet, Paula se pergunta como é possível que hoje se vejam textos mal apurados e mal escritos: *“O que está acontecendo? Eu acho que é muita informação, é muita coisa na cabeça. Eu acho que embola (...). Eu vou ler isso, vou ler aquilo, não sei por onde começar”*.

Talvez a facilidade com que se obtenham atualmente múltiplas informações sobre quase todos os assuntos dificulte, em função do pouco tempo disponível, uma seleção mais rigorosa do que pode é relevante, assim como com uma escrita mais cuidadosa.

Ao mesmo tempo em que criticou a necessidade de precisar lidar com uma tecnologia em constante transformação, Paula se disse uma usuária cotidiana do computador em casa. Mencionou o esforço que faz para superar suas barreiras em relação às novidades tecnológicas: *“A ponto de eu ter chegado a me inscrever num curso de informática. Eu achava que tinha que ver tudo possível de máquina (computador)”*. O esforço para vencer as dificuldades surge em sua fala como algo imperativo. Em sua narração, evidencia-se um esforço ininterrupto para acompanhar as mudanças que envolvem tanto as ferramentas de uso diário de trabalho quanto as rotinas, que se modificam com muita rapidez: *“A minha relação com o trabalho ficou mais estressante”*.

A tecnologia é vista como uma facilitadora da invasão do trabalho na vida pessoal. O computador pessoal funcionaria, na visão da entrevistada, como uma extensão do ambiente profissional em casa, como uma espécie de obrigação de se continuar ligado ao trabalho, sutilmente imposta: *“Eu chego em casa, vou abrir o computador, acabo vendo o e-mail”* ou *“Então vira uma bola de neve. Você não tem argumento. Você tem computador? Tenho. Então vou te mandar aquele produto para você ler quando puder”*.

A atitude crítica de Paula em relação à fragilização das fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal não impedem a que trabalhe em qualquer hora ou em qualquer lugar, pelo risco de perda do espaço no mercado de trabalho. Ela comenta, com perplexidade, uma crônica publicada na Revista Época, escrita por uma psicóloga e monja budista, em defesa da necessidade de desaceleração das pessoas. Para Paula, trata-se de um paradoxo que propõe a saúde por um lado, mas por outro inviabiliza a sobrevivência: *“Mas o computador acelerou, está todo mundo em ritmo de Fórmula 1. Se eu não conseguir me adaptar ao mercado de trabalho com o computador, eu não vou dar mais (para trabalhar). É um inferno”*.

Para administrar os conflitos no mundo do trabalho contemporâneo, Paula lembra, com ironia, a recomendação feita pela empresária que dirige a consultoria na qual trabalha: *“No mundo de hoje você tem que ser multivalente”*, capaz de estar envolvido produtivamente com diversas atividades simultaneamente.

Em meio a tantas mudanças, mais uma consequência é levantada por Paula: *“Você passa a ficar mais distante das pessoas, a relação fica mais formal, do e-mail (...). Não tem relação pessoal”*. A relação via e-mail, que parece ter se estabelecido de forma absoluta nos ambientes de trabalho, é relacionada tanto ao distanciamento entre os colegas quanto à insegurança sobre a execução do próprio trabalho, como Paula assinala: *“Você não tem certeza se as coisas acontecem. Tudo gera dúvida... Não vi teu e-mail”*.

Nas redações contavam-se muitas histórias, conversava-se bastante, ao contrário do que ocorre hoje: *“Mas eu acho que antigamente as pessoas eram mais próximas. Elas tinham mais tempo para sentar e ouvir a história do outro”* e lembra, com muita emoção: *“Outro dia eu estava contando uma história lá na redação” e percebeu pela falta de atenção que “as pessoas estão mais distantes umas das outras. Estão mais no seu mundinho”*.

BIA

“Todo mundo quer meu caderninho de telefone”.

Bia trabalhou na redação de importantes jornais impressos e atualmente é assessora de imprensa de uma grande empresa, cargo que ocupa à convite da diretoria da instituição. Exerce o jornalismo há mais de trinta anos.

Não nos conhecíamos pessoalmente, mas existiam referências mútuas. Bia foi lembrada por Paula (a entrevistada anterior) como uma colega com quem havia vivido o momento da informatização das redações e que possuía uma experiência um pouco diferente da sua.

Bia me recebeu para a entrevista em uma sala de reuniões no seu local de trabalho em um dia aparentemente calmo. Bia parecia uma pessoa bastante acelerada, com a fala e a gesticulação rápidas. Descreveu-se como uma pessoa acelerada, o que é, para ela, uma qualidade necessária ao jornalista.

A entrevista girou em torno das diferenças entre o jornalismo praticado hoje e o praticado antes da informatização das redações. Nesta comparação surgiu a imagem das antigas redações com mesas repletas de papéis com carbonos (para cópias) rabiscados e “*sujinhos*”, máquinas de escrever barulhentas, telefones tocando e gente falando alto contraposta às atuais: “*Hoje é tudo mais limpo*”.

O acesso à internet é visto como revolucionário. Bia lembra que, para evitar ter que acionar o setor de pesquisa para obter informações sobre algum assunto, era comum que os jornalistas tivessem “*livrinhos*”, cadernos cheios de anotações, com dados que usualmente eram utilizados, como índices econômicos básicos dos últimos anos, valores dos salários mínimos entre outros para facilitar a redação das matérias. Atualmente esses dados podem ser encontrados facilmente pela internet – o que acabou por reduzir os setores de pesquisa dos jornais.

Bia reconhece que não foram muitos dos colegas de sua geração que permaneceram nas redações dos jornais nos últimos anos. Destes, a maior parte exerce cargo de chefia, o que significa menos correria para apurar informações para fazer as matérias, mas um trabalho maior dentro das redações, como responsabilidades sobre a coordenação de equipes, o controle das pautas (agendas de trabalho) do dia, entre outras. Ela nota que o trabalho aumentou. Os fechamentos (finalização das edições) são a cada dia mais cedo e no jornalismo on-line acontecem vários por dia.

Esse trabalho “*a mais*” trás consigo a necessidade de uma maior disponibilidade dos profissionais a qualquer hora e de “*ficar mais ligado*”, porque a quantidade de informações aumentou bastante e a competição é uma ameaça crescente. No jornalismo on-line “*importa quem deu primeiro*”. O risco de o jornalista ser “*furado*” por um concorrente é muito maior. Na correria, em redações “*pequenas com repórteres sobrecarregados (...) tudo se torna mais superficial*”. Uma superficialidade que se perpetua pelas condições de trabalho e por um tipo de serviço que o mercado passa a consumir e a esperar.

Na entrevista, que transcorreu de uma forma bastante descontraída, como uma conversa informal, Bia manteve uma fala vibrante, associando cenas por ela vividas às questões que comentava. Em uma de suas observações evidencia as diversidades dos tempos em universos profissionais diferentes. Em uma entrevista, contou que um Ministro questionado sobre os

resultados de uma negociação, respondeu que houve avanço porque no relatório a palavra poderá havia sido substituída por deverá. *“Mas na nossa ótica não tinha avançado nada (...). Para ele era um avanço. Para a gente não é nada. Então ele disse: ‘O tempo de vocês é outro tempo. O nosso tempo é o tempo da negociação, vai e volta, recua. Vocês estão no tempo da mídia’(...) Porque no jornal é tudo para ontem. Você escreve ontem no dia de hoje – já está no passado”*.

Bia ressaltou através do relato de outras experiências similares que existe um tempo particular da mídia, que pode ser bastante diverso de outros tempos. O jornalista vive neste tempo em horário integral – um tempo onde o presente é sempre efêmero, ultrapassado. Isso se reflete em uma espécie de aceleração que salta aos olhos quando o meio na qual o jornalista está inserido pertence a algum outro universo, como no caso dos que trabalham em empresas que não são da área de comunicação, como Bia. Na descrição da cobrança que fez a um diretor sobre uma informação solicitada por um jornalista, é possível que se observe as diferenças entre o ritmo mais lento da empresa e o do jornalismo. *“A gente trouxe isso (para a empresa onde trabalha). Isso é neurose de jornal porque jornal é todo dia. Todo dia tem uma história nova (...). Não existe fazer uma matéria em uma semana. Você começa do zero todo dia em jornal e isso te dá um sentido de urgência”*.

Bia identifica no perfil do jornalista qualidades como *“(...) fazer mil coisas ao mesmo tempo. Eu sou capaz de atender dez demandas diferentes num dia (...). São diferentes, mas isso realmente me realimenta muito porque você não fica burro”*. Assim como em outras entrevistas, a capacidade de fazer diversas atividades simultâneas, uma característica necessária aos profissionais, é associada à inteligência.

Embora pareça receptiva às mudanças nas rotinas profissionais, Bia reconhece algumas diferenças entre as gerações: *“Minha geração não absorve a tecnologia com facilidade”*. Na entrevista lembra as aulas sobre como usar o computador, que inicialmente funcionava apenas como um substituto mais ágil e moderno para as máquinas de escrever. *“Eu demoro mais do que deveria”*. Na relação com o computador, mantém ainda antigos hábitos: *“(...) imprimo tudo, gosto de pegar o papel, riscar. Tenho outra cultura”*. Cultura que é valorizada quando conta que apesar de toda tecnologia das novas agendas telefônicas, ela ainda mantém um clássico caderninho de telefone com todos os seus contatos, que é bastante solicitado pelos colegas da nova geração.

ANA

“A culpa é minha, é do sistema”? Cadê os nossos ideais? Tem saída? Não tem saída?”.

Ana começou no jornalismo em 1975, fazendo a cobertura da área econômica, onde acabou por se especializar - nessa época, auge da ditadura militar, em função da censura que restringiu a cobertura política, os jornais expandiram as áreas de economia. Trabalhou em vários grandes jornais cariocas e paulistas. Atualmente faz parte da equipe da área de comunicação de uma empresa multinacional, como responsável por um setor que produz material institucional (folhetos, relatórios etc.). Assim como vários dos seus colegas, no final da década de 90, optou por trocar o ambiente de redação de jornal pelo das grandes corporações.

Procurei Ana no seu trabalho, por telefone. Fui recebida com cordialidade e disponibilidade. O encontro foi marcado na empresa onde Ana trabalha. Para que pudéssemos conversar com maior privacidade, fomos para um terraço – o fumódromo – que estava vazio.

Ana falou sem parar, dando poucas chances para perguntas. Muitas emoções vieram à tona em função das questões que emergiram durante a entrevista, como a falta de esperança no futuro, que se contrapunha às lembranças dos bons tempos do jornalismo, quando as redações eram povoadas por idealistas e apaixonados pela profissão, como ela descreve: *“Ganhava-se pouco, mas se era feliz e amava a profissão”.*

Uma segunda entrevista foi realizada. Foi proposto que neste encontro fossem abordadas as questões que mais se repetiram nas entrevistas com o grupo de jornalistas, para ela pudesse comentá-las. Ao ver a sua entrevista transcrita em 17 páginas, mostrou-se surpresa: *“Eu falei isso tudo? Você edita?”*- não é comum aos jornalistas estarem no lugar de entrevistados em vez de entrevistadores.

O segundo encontro aconteceu em uma sala de reuniões em seu local de trabalho. Em meio a muitas críticas ao jornalismo atual, ela lembrou-se de uma entrevista concedida a um jornal brasileiro por Roudinesco, quando associou a depressão à falta de expectativas para o futuro, um dos temas que mais se repetiram em suas falas.

Ana falou em orgulho por ser jornalista por várias razões: pelo reconhecimento social, *“Eu me lembro que eu enchia o peito: eu trabalho em X (jornal X)”*; pelo prazer, *“Era aquela alegria (...). Foi uma época muito boa.”*; pela liberdade e apoio das empresas às suas equipes, *“(…) a gente tinha opinião (...) me dava muita liberdade (...). Era muito bom trabalhar num lugar que você escreve o que você acha. Você fica muito encorajado a fazer as matérias”.*

O envolvimento com a profissão era grande: *“O País era uma outra época. Havia um ideal muito grande, pessoas com idealismo. A gente trabalhava de uma forma engajada. Era um jornalismo engajado.”*. A relação com a profissão *“(...) era de paixão (...). A gente não é movida a dinheiro. E a gente é movida à paixão”*.

Lembrou, com saudosismo, do seu passado: *”Era uma turma de jornalistas que acabava entendendo muito (...). A gente sabia olhar uma notícia e analisar e tirar desdobramentos dali”*. Comparou as diferenças entre os profissionais da sua e da nova geração: *“Os novos que estão entrando não são mais especializados que nem nós éramos”*, no sentido de não entenderem com profundidade dos assuntos que fazem cobertura.

Ana referiu-se à imprensa atual como massificada: *“Os jornais são exatamente iguais (...). Eles pegam só a primeira informação. Não tem análise, não tem outra informação. O que a gente percebe hoje é uma massificação imensa da informação, porque não há mais tempo, não há mais interesse”*. Essa massificação foi vista como uma das conseqüências da entrada da tecnologia nas redações e do jornalismo em tempo real. Ana opinou, com ironia, que *“As notícias não tem mais profundidade porque o mundo não quer mais profundidade”*.

Assim como os demais entrevistados, criticou a sobrecarga de trabalho *“Os mesmos jornalistas que fazem o jornal impresso são os mesmos que fazem o on-line”* e associou esta condição à superficialidade da imprensa.

(...) elas (as pessoas) teriam que ter tempo para fazer uma apuração de boa qualidade, para fazer uma boa matéria escrita. Só que não pode porque elas têm que parar e ligar para o jornal para passar a informação para o on-line porque existe uma competição de segundos (...). Não tem mais questionamento (atualmente).

Os jornalistas usam celulares para passarem informações com mais rapidez para as páginas on-line. Nas coberturas é comum que no meio de uma entrevista, o profissional saia do ambiente para passar algum dado que já possa ser divulgado em tempo real e volte para continuar a apuração. Ana associou esta *“correria”* e *“competição de segundos”* aos erros cada vez mais comuns:

A pessoa (executivo de uma empresa) vai lá e fala: “Nós agora vamos investir nisso”. Aí sai tudo correndo (os repórteres), pega o celular e começa: “A empresa C informou agora que vai investir nisso”. Aí volta correndo. Quem ficou sentado escutou tudo. Aí vira para o colega e diz assim: “Aconteceu alguma coisa importante?”

Aí daqui a pouco ele (executivo da empresa C) diz assim: “Mas nós não vamos investir agora. Nós vamos investir somente em uma área do País”.

”Tem que corrigir, porque essa frase eu não ouvi” (fala o repórter). Como é um on-line, a permissividade do erro é muito grande. Porque se errou agora, daqui a dois (minutos), não chega nem há um minuto, liga para os jornais e fala: “não é milhão, é bilhão, eu entendi errado”. Então tem isso. Agora, se eu entrei no on-line, vi uma matéria e saí, eu estou com uma informação errada e eu não vi a seguinte (informação), eu posso ser induzida a erro. Então é uma maluquice essa história.

Ao mesmo tempo em que incomodam os profissionais, os erros parecem ser inevitáveis e freqüentes. A perícia dos profissionais sucumbiu à urgência da produção. A falta de cuidado com os textos, que parece refletir características das novas gerações, pode, na verdade, ser consequência das formas atuais de produção.

Ana chamou atenção para a questão do furo jornalístico, que é quando um jornal consegue divulgar alguma informação importante antes dos concorrentes e comenta: *“Imagine que você é super pressionada quando leva um furo no jornal (impresso) no dia seguinte. As pessoas vivem pressionadas porque não podem levar furo de um minuto (no on-line). Então os jornalistas estão enlouquecidos.”.*

Ana se lembrou da crença que o mundo informatizado seria melhor. As pessoas trabalhariam em casa, teriam mais tempo disponível para si. Mas, o que ocorreu foi o contrário: *“A tecnologia trouxe a simultaneidade das atividades, a perda do foco e o estresse (...). É essa maluquice que virou o trabalho”.* O mundo melhor transformou-se em excesso de trabalho e a crença em frustração:

Você tem 365 e-mails para ler. Metade eu nem abro, porque é um monte de lixo (...). No celular, o teu chefe te acha toda hora, se quiser. Se tem o celular da empresa você é obrigado a atender, mesmo nas férias. Eu não tenho. Eu atendo se eu quiser, depende da minha consciência, do trabalho que eu estiver fazendo. É uma invasão. Você está na praia namorando e tem que atender porque é o celular da empresa!

Ana acredita que atualmente exista uma ânsia por tecnologia, que se revelaria em atitudes comuns, como a busca por celulares cada vez mais sofisticados, e pelo “bombardeio” de mensagens via e-mails, celulares e letreros: *”Não tem um horizonte. Acho que invadem o meu visual. É demais.”.* Ela compara estas situações a um “arrastão” por excesso de informação: *“Você se perde, se você não tiver um eixo”.*

Sobre as mudanças no mercado Ana relatou que grande parte dos profissionais de sua geração (acima dos 50 anos) trocou as redações dos jornais por trabalhos nas áreas de comunicação de grandes empresas, que ofereciam melhores condições de trabalho e salários mais altos naquele momento (últimos 10 ou 15 anos). Poucos ainda permanecem no jornalismo diário. Mas, com as mudanças ocorridas na profissão, diversos profissionais de qualidade ficaram fora do mercado de trabalho, alguns citados por Ana e também por outros entrevistados.

O fim da paixão surgiu em seu relato associado à depressão, à falta de fé em um futuro melhor do que o presente. Para a jornalista, não há mais lugar no mercado de trabalho para os bons e experientes profissionais: vários estão atualmente sem trabalho. Reconhece que é uma espécie de privilegiada por ocupar um bom lugar em uma grande empresa, mas o trabalho não satisfaz.

Perguntada sobre a possibilidade de voltar a trabalhar em uma redação de jornal, Ana responde: *”Não tem mais a ver comigo. Então fiquei perdida”*.

O estar *“perdida no mundo”* produz, para Ana a falta de felicidade, o estresse, as doenças. Mas, ao mesmo tempo em que diz *“Eu me embolei com o mundo. Eu desandei”*, também afirma que *“Mas a gente dá conta.”*

Expressões como *“O sonho acabou”*, *“Para onde foi os anos 60?”* refletem a questão da relação com os ideais que motivavam tanto o exercício do jornalismo, quanto a vida de forma geral.

Esta questão também se manifesta em perguntas como *“A culpa é minha, é do sistema? Cadê os nossos ideais? Tem saída? Não tem saída?”*.

A relação entre os colegas foi lembrada com saudosismo. A concorrência entre os jornais não afetava as relações de amizade, mesmo em casos de furo jornalístico. As relações se deterioraram, na sua visão. Especialmente, em função das comunicações acontecerem quase exclusivamente por mensagens eletrônicas, mesmo entre colegas sentadas uma ao lado da outra: *“É um silêncio mortal”*, e relata uma cena em que perguntou a uma nova colega: *“Poxa, você não dá bom dia?”* e ouviu como resposta que dar bom-dia todo dia não era necessário: *“Aí você senta, enfia a cabeça no computador e não fala uma palavra”*.

JOANA

“Eles querem tudo ao mesmo tempo agora”.

Joana trabalha como repórter na redação de uma agência de notícias on-line que integra um grupo de empresas de comunicação que também oferece jornalismo impresso e rádio. Iniciou sua carreira há oito anos em um jornal impresso. Conheci Joana em uma visita feita à agência de notícias. Fomos apresentadas pelo chefe da equipe. Mesmo bastante ocupada, Joana prontificou-se com simpatia a me falar sobre o seu trabalho. Marcamos, então, uma data para que eu acompanhasse parte de sua rotina.

No dia combinado cheguei à redação antes de Joana, que entrou apressada dez minutos depois. Uma de suas rotinas diárias é o acompanhamento de alguns índices econômicos que são anunciados por institutos de pesquisa e a sua divulgação na página on-line da agência, através de pequenas notas ou, ainda, de matérias mais analíticas, que podem solicitadas pelo jornal impresso ou pela rádio que fazem parte do grupo para o qual trabalha. A rotina é cronometrada. O intervalo de tempo entre o acontecimento e a sua divulgação é de segundos ou pouquíssimos minutos, o que a mantém em uma espécie de estado de alerta permanente.

Joana sentou-se em frente ao seu computador, colocou os fones de ouvido do celular e convidou-me para sentar ao seu lado, de onde eu poderia ter uma boa visão da tela do seu monitor. Enquanto trabalhava, conversava comigo, interrompendo sua fala apenas quando precisava redigir algum texto ou falar ao telefone.

Tudo era acelerado, como se houvesse um atraso a ser sanado.

Enquanto abria no seu computador a tela do instituto de pesquisas, me explicava que o índice que procurava havia sido programado no dia anterior para ser divulgado naquela manhã, às 8 horas. Passado um minuto após as oito horas, a repórter, já visivelmente tensa, clicava sem parar o teclado: *“Eles (instituto de pesquisas) já estão atrasados. Já devia ter saído. Vou tentar por telefone”*.

Liga e descobre que a divulgação não foi feita por problemas técnicos no site da instituição. Imediatamente avisa ao chefe da equipe e pede que ele inclua na página on-line da agência uma nota dizendo que o instituto de pesquisas ainda não divulgou o índice por problemas técnicos, para que os clientes que são assinantes saibam que o atraso não foi causado pela agência. Discute índices e pautas de matérias para aquele dia e, a seguir, conversa sobre as músicas que são boas para serem ouvidas na ginástica, enquanto acompanha no monitor do computador a página do instituto de pesquisas. Pergunta ao interlocutor se eles podem ficar ligados enquanto ela espera o índice. Prossegue clicando no teclado ininterruptamente e reclama com irritação: *“Já são 08h01min min. E o índice ainda não saiu”*.

Às 08h06min minutos surge na página on-line do instituto de pesquisas o índice esperado. Joana prepara rapidamente a matéria que é enviada para seu chefe.

Recomeçamos a conversar e ela me fala sobre a sua história profissional. Nesta narrativa o tempo tem papel central. Relata o caso de um jornalista (presenciado por uma colega) que atrasou em um ou dois minutos a divulgação de uma informação sobre o mercado financeiro. Por esta falha, considerada bastante grave, a agência de notícias perdeu, naquele dia, cerca de duzentos clientes Parece assustador, mas a escolha desta história para ser contada reflete como o tempo tem sido um fator de tensão e preocupação entre os profissionais.

Nas descrições que faz do seu cotidiano de trabalho surgem expressões tais como: *“matar um dragão por dia”*; *“Eles querem tudo ao mesmo tempo agora”*; *“Eu, como todo mundo trabalho trezentas mil horas por dia para vários serviços diferentes”*; *“Ninguém consegue ficar lidando com tantas atividades ao mesmo tempo num espaço tão curto de tempo e ao mesmo tempo gostar de todas elas”*.

Como é possível que se veja nestes exemplos, o tempo e a simultaneidade de atividades aparecem repetidamente na fala da jornalista, de forma crítica, apesar da facilidade e aparente gosto pela tecnologia: *“A gente passa as notas até da rua, direto pelo celular. Tem gente que gosta de falar no aparelho, eu prefiro esse fone (mostra outro modelo de fones de ouvido guardados dentro da sua bolsa) porque dá pra falar até andando. Nem precisa usar as mãos. Você vai passando a matéria na rua, no táxi”*, e pergunta onde conseguiu meu gravador, um modelo antigo, que utiliza fita cassete, porque gostaria muito de ter um equipamento igual, apesar das novidades tecnológicas que estão a sua disposição para trabalhar. O interesse por ferramentas de trabalho é evidente.

Joana associa o aumento da carga horária de trabalho nos últimos anos e as cobranças por rapidez e eficiência à concorrência entre as empresas. Lembra-se que no início da carreira, por dificuldade em identificar os índices na página do instituto de pesquisas, repleta de informações variadas, chegou a cometer erros: *“Esses erros não são mais admitidos nem se for um foca (iniciante)”*. A eficácia no tempo e na informação é exigida de todos, experientes ou não.

O volume crescente de trabalho no seu caso foi acontecendo aos poucos: *“Cada vez mais funções, mais atividades que não estavam previstas inicialmente quando eu vim pra cá”*. Contratada para realizar um tipo de cobertura jornalística, foi sendo solicitada para escrever sobre áreas afins. Além de matérias para a agência de notícias, passou a trabalhar para o jornal impresso, outras publicações como revistas especializadas e até gravar informações para a rádio do grupo de comunicação.

O aumento de trabalho também vem acontecendo por meio da sobreposição de funções, que vem ocorrendo em função da evolução tecnológica e da redução da mão-de-obra. Um dos serviços que passou a fazer – tabelas e gráficos – era até alguns anos passados realizado por uma equipe de arte nos jornais. Atualmente, os novos programas disponíveis possibilitam que profissionais não especializados em artes gráficas possam desenhar gráficos e tabelas. No entanto, pela descrição dada, a nova atividade não parece tão simples, além de consumir bastante tempo e extrapolar as tarefas padrão de um jornalista: *“A gente tem que bater isso para o pessoal da arte. Isso é um ‘saco’. Isso demora 40 minutos. Dependendo da arte, quarenta minutos à uma hora da sua vida que não volta mais porque são números e você tem que ficar conferindo”*. Reforçando a idéia do aumento crescente de trabalho, Joana lembra, de forma indignada (*“Olha que absurdo!”*) de um colega que foi cobrir uma entrevista coletiva e levou consigo uma máquina fotográfica para fazer as fotos que deveriam ser produzidas por um fotógrafo. Aqui, além de exercer uma atividade que não era de sua competência, o repórter poderia comprometer a qualidade do trabalho. Porém, como Joana acrescentou: *“Acho que eles não estão muito preocupados com a qualidade”*.

A falta de preocupação da indústria com os erros e a queda na qualidade apontada por Joana repete-se em quase todas as entrevistas, como um problema sem solução visível para os profissionais.

As frustrações com a profissão parecem se acumular e, unidas às instabilidades do mercado e às novas estratégias organizacionais das empresas de mídia, não permitem que seus profissionais vislumbrem boas chances de futuro. As políticas de contenção de custos e as novas formas de administração chegaram ao setor de comunicação impondo demissões: *“Eu não acho que eu tenha futuro no jornalismo, porque o salário não é lá essas coisas, e mesmo se o salário aumentar você fica na fila de frente para as demissões, porque eles cortam primeiro os salários mais altos. Então o que adianta você crescer, ser promovida, ganhar um bom salário e quando chega uma empresa de consultoria internacional, que diz que tem que reduzir gastos, e diz que você deve ser um dos primeiros a ser demitidos porque o seu salário é muito elevado? Que futuro tem isso?”*.

Em função da rotina tensa de trabalho, das instabilidades e da falta de prazer em boa parte das atividades, as carreiras podem ser curtas, como é o caso desta jornalista que já está buscando uma nova formação em outra área.

CLARA

“Hoje a gente trabalha mais para não ser furado do que para furar. É o tempo todo vigiando os outros para se garantir”.

Clara é repórter e colega de Joana (entrevistada acima) em uma agência de notícias. Trabalha há quinze anos como jornalista, em jornalismo impresso e agência de notícias. No dia em que fomos apresentadas pelo chefe da equipe, convidou-me para assistir a uma coletiva em um instituto de pesquisas, que ocorre mensalmente para divulgação de índices econômicos. O convite foi feito porque Clara julgou ser interessante para a pesquisa o acompanhamento da correria dos jornalistas para divulgarem a informação em primeiro lugar.

A divulgação de índices econômicos em entrevistas coletivas para a imprensa com data e hora programadas é habitual, para evitar o risco de vazamento de informações que possam privilegiar algum setor. São agendadas com antecedência e aguardadas com ansiedade por investidores. São divulgadas em tempo real por diversos veículos de comunicação, como na apresentação a seguir.

Nestas entrevistas coletivas pode-se observar a competição por segundos entre as empresas de comunicação. As informações da área econômica são básicas para realização de negócios em diversas áreas. Por esta razão, é um dos segmentos que mais oferece retorno financeiro à indústria do jornalismo e que mais recebe seus investimentos. Este jornalismo funciona principalmente em tempo real.

A coletiva

A entrevista coletiva ocorreu em um auditório onde mesas com diversos notebooks estavam à disposição dos jornalistas, para que pudessem passar as informações em tempo real. Minutos antes do início da coletiva, técnicos do instituto ligaram os equipamentos. Ao lado de Clara foi possível acompanhar o evento.

Antes de a coletiva ser iniciada, Clara contou-me a história que Joana já havia me relatado, e que parece ter se tornada emblemática no mercado: a de um colega seu que chegou um minuto atrasado para uma coletiva de divulgação do índice que reflete a inflação - o mais concorrido - e que ocasionou a perda de muitos clientes por parte da agência de notícias. O rapaz teria se “*queimado*” (conhecido como incompetente) no mercado de trabalho. Atualmente esta agência exige que seus funcionários cheguem com uma hora de antecedência às coletivas, para evitar que qualquer problema inesperado provoque atraso.

Durante a coletiva, Clara assinalou que “*A falta mais grave é atrasar e não passar a informação na hora (instantaneamente) ou passar errado*”. Mostrou-me no notebook o esqueleto de uma nota que já havia redigido no dia anterior para ganhar tempo, com espaços para inserir as informações fornecidas na coletiva. Faltava apenas encaixar neste texto os índices que seriam divulgados na coletiva, para que a nota fosse incluída na página on-line. Tudo precisava ser calculado previamente para que imprevistos não atrapalhassem a entrada da notícia em tempo real.

O executivo do instituto de pesquisas colocou um relógio digital sobre sua mesa e avisou: “Faltam sete minutos”. Distribuiu para os jornalistas três releaes (textos com informações gerais sobre as pesquisas) e sentou-se de frente para os jornalistas. Na sua mesa havia um computador e um microfone. A tela do seu computador foi projetada em um telão, com os dados da pesquisa, no momento em que foi anunciada.

Clara acertou o seu relógio conforme o do executivo, que anunciava a cada minuto o tempo que faltava para a revelação do índice.

Para garantir a notícia em tempo real, Clara ligou para a redação e ditou para um colega o esqueleto da nota que havia preparado. Os dois jornalistas permaneceram na linha até que a informação fosse divulgada, para que seu colega na redação a incluísse na página on-line. As inclusões dos textos são feitas na redação, por isso precisam ser passadas através de celular.

Clara percebe que as páginas do release entregue pelo executivo estavam grampeadas em ordem diferente da usual e reclamou, porque quando isto acontece os jornalistas perdem tempo na procura de informações. Deste texto, que continha uma série de tabelas indecifráveis para quem é leigo, Clara retirou o que lhe interessava, num gesto automático. Em geral os repórteres não olham para o alto da página, que identifica o assunto, porque já conhecem a distribuição dos dados. Mas neste caso, a ordem invertida era um risco para algum jornalista mais distraído. O erro foi imediatamente comunicado aos jornalistas pelo executivo, que, logo após, iniciou a contagem regressiva: “*Faltam 30 segundos*”; “*Faltam 15 segundos*”; “*Faltam 5 segundos*”. E, finalmente, disse: “*Pode passar*”.

Ouviu-se um som e logo todos os jornalistas estavam falando aos celulares e digitando nos notebooks. A sala ficou agitada.

Alguns jornalistas saíram da sala falando aos celulares. Um deles, enquanto falava em um celular, fazia uma ligação por outro aparelho. No fundo da sala, repórteres de rádio gravavam ao vivo as informações. Este movimento continuou até o final da coletiva. Durante um pequeno intervalo, a entrevista com Clara prosseguiu e perguntei sobre a imagem com uma escrita oriental no visor de seu celular – o símbolo representa um som sagrado, presente em

quase todos os lugares que oferecem terapias alternativas. Clara justificou a imagem que reflete uma tranquilidade que se contrapõe à sua vida profissional como ligada à yoga, que pratica para buscar equilíbrio e suportar a correria cotidiana:

Essa aceleração virou coisa natural, que parece completamente fora do ritmo da natureza. Acho desumano não poder atrasar um minuto. Subverte todas as naturalidades. É frustrante fazer jornalismo desse jeito.

Assinalei que apesar de sua opinião, é possível notar como executava suas atividades de forma bastante acelerada. Clara respondeu: “*Ser rápida é fundamental*”, e explicou que a aceleração é apenas mental, e que fora da vida profissional o seu ritmo é mais lento. Esta explicação fala da sua dificuldade em lidar com o cotidiano de trabalho:

Eu não gosto do jornalismo. O tempo é a coisa mais básica. É frustrante. Detesto a maneira como se lida com o tempo. Não quero isso para minha vida. Esse trabalho é muito repetitivo. Não quero investir nisso.

O profissional hoje deve ser rápido, explica Clara, “*porque o trabalho intelectual virou processo industrial. O que vejo como problema é o tempo contar muito para valorização do trabalho (...). A qualidade ficou secundária*”. Além de rápido, também é preciso ser competitivo: “*Hoje a gente trabalha mais para não ser furado do que para furar. É o tempo todo vigiando os outros para se garantir*”. Estas qualidades são visíveis em Clara. No entanto, sua narrativa reflete o desencanto com o exercício dessas qualidades, que, com certeza, são a garantia do seu emprego.

Após um intervalo, o executivo do instituto de pesquisas passou a responder às perguntas feitas pelos repórteres. Os jornalistas ouviam suas as respostas, olhavam os gráficos apresentados no release e escreviam ao mesmo tempo. Clara, no mesmo ritmo dos colegas, ainda conseguia prosseguir com a entrevista.

Após o evento, acompanhei Clara até a redação. Durante o caminho a jornalista criticou o excesso de trabalho, a falta de reconhecimento profissional e o rigor em relação às falhas:

Você pode trabalhar 12 horas num dia e no outro precisar trabalhar cinco. Vão te ver como quem trabalhou cinco, não interessa o que você fez antes. Eu fico chateada de ver colegas grávidas que precisam sair antes para fazer exames. Não conta tudo o que já

fizeram pela profissão. O que conta é que hoje elas trabalharam menos tempo.

E lembrou-se, mais uma vez, do seu colega que atrasou para a divulgação do índice de inflação: *“Você é medido pelo seu atraso. Parece que o valor da gente é cada vez mais efêmero. Só vale o hoje, não conta o que veio antes. Não conta a tua história profissional”*.

Citou as diversas dificuldades impostas pela carreira, como cuidar dos filhos, por exemplo, e concluiu: *“Jornalista trabalha muito, mas nunca vai ganhar tão bem”*. Assim como Joana, Clara está buscando uma nova carreira profissional.

CARLOS

“As empresas jornalísticas passaram a trabalhar com metas, o que é uma coisa complicada quando você lida com informações”.

Carlos é um antigo colega que já não via há cerca de vinte e cinco anos. Durante este período, trabalhou em redações de grandes jornais impressos, assessorias de imprensa de empresas privadas e agências de notícias.

O pedido de entrevista foi bem acolhido e o encontro marcado para um final de expediente na agência de notícias onde trabalha atualmente. Explicou que já começa a trabalhar cedo, ainda em casa, com uma reunião virtual (via conference call) com jornalistas de outras sucursais, para programar a agenda do dia, e depois já segue para a agência, onde fica até a noite. É praticamente o dia inteiro dedicado ao trabalho.

No final do expediente apenas Carlos permanece na redação da agência, para acompanhar pelo computador algumas informações internacionais de última hora e, pela televisão, dois telejornais, sendo um deles o Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo. Caso surja alguma notícia importante, como, por exemplo, um furacão que poderia afetar a produção de petróleo no Texas, ele deve repassá-la imediatamente para os clientes da agência. Caso contrário, o trabalho é encerrado.

A redação da agência funciona em um salão repleto de mesas iguais, todas com computador, dispostas umas de frente para as outras, mas divididas por baias relativamente baixas, ou seja, que permitem a visão e o contato direto com o colega em frente, ao lado e na diagonal. Apesar dessa disponibilidade aparentemente convidativa, Carlos conta que o costume é que se falem por e-mail, uma das mudanças que considerou mais marcantes nos últimos anos.

As transformações no exercício do jornalismo são associadas por Carlos às inovações tecnológicas, especialmente à internet e ao advento do jornalismo em tempo real, que alteraram, definitivamente, o trabalho na área. Destacou que, ao contrário das expectativas, a tecnologia possibilitou o aumento do tempo de trabalho, que passou a poder ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar, como no caso da reunião da qual participa todas as manhãs.

Mas, junto à revolução tecnológica, Carlos também identifica outro grande movimento: *“As empresas jornalísticas ficaram muito mais semelhantes às outras empresas. Passaram a trabalhar com metas, o que é uma coisa complicada quando você lida com informações”*. As novas estratégias organizacionais atendem a necessidade de aumento da velocidade de circulação da informação, que nutre as transações comerciais, a cada dia mais rápidas nos mercados globalizados.

Na competição pelo mercado no jornalismo em tempo real, a preocupação com o tempo se traduz em uma disputa por segundos, o que faz com que as empresas jornalísticas monitorem a sua performance e a de seus concorrentes, como um parâmetro de competitividade: *“Se você está dando (informações) depois (do concorrente), você tem que verificar o porquê”*, explica Carlos.

O jornalista chama a atenção para o fato de que o cliente das agências de notícias é o mercado, especialmente, o mercado segmentado: *“A informação em tempo real é negócio (...) permite o cara operar (...) é ferramenta de trabalho”*. O jornalismo em tempo real ganhou força no mundo oferecendo informações que alimentam diversos setores da economia. Neste filão, segundo Carlos, está o futuro do jornalismo: *“Você não tem mais nenhum jornal que não tenha uma edição on-line”*.

Desta forma, o jornalismo entrou no que Carlos e outros profissionais chamam de *“linha de produção”*, onde *“o tempo da informação é muito curto”* – pode ser de dois minutos em um noticiário on-line ou numa rádio, por exemplo. A produção, para ser rápida, não permite muita elaboração, contrariando a relação que Carlos mantém com a profissão: *“Eu gosto de, quando estou escrevendo, pensar um pouco”*.

Talvez a transformação da relação dos profissionais com o texto seja uma das maiores e mais difíceis mudanças para os profissionais. Um exemplo dado por Carlos ilustra a questão da produção da notícia e da participação dos jornalistas no produto final:

(...) quando você trabalhava na tecnologia antiga (anterior à informatização) você tinha uma liberdade muito maior de mexer no produto final. Eu me lembro no jornal, de você descer da redação para a gráfica, para fazer uma correção (...). Você ia lá com o

gráfico, o cara na faca podia apertar linha por linha, se você não queria fazer um corte abrupto na matéria. Você achava que ela era importante (...) então tinha um jeito de dar um aperto. A tecnologia moderna já não te permite nada disso.

Carlos vê a produção atualmente como muito mais disciplinada. Os jornais (on-line e impressos) passaram a fechar suas edições mais cedo, o que aumentou, em contrapartida, a pressão em relação ao tempo. Os jornalistas precisam entrar mais cedo nas redações, porém, o envolvimento com o trabalho sempre prossegue após o expediente, nas redações ou fora delas, no acompanhamento dos assuntos que não puderam ser incluídos na última edição, ou seja, as jornadas de trabalho prolongaram-se.

A tecnologia eliminou em diversas situações o espaço. O trabalho pode ser feito em muitos lugares diferentes. Por um lado isto pode significar uma grande comodidade, mas, por outro, também eliminou os limites do tempo: o trabalho pode acontecer a qualquer hora em qualquer lugar. As reuniões virtuais que Carlos participa todas as manhãs em casa ao mesmo tempo em que são cômodas, alongam o seu dia de trabalho, porque acontecem fora do horário que cumpre na sede da empresa. Como Carlos conclui: *“Eu trabalho o dia inteiro. A única liberdade que me deu é que eu não preciso estar lá. Eu estou em casa. Vou ali, vejo meu filho. Estou administrando as coisas ao mesmo tempo”*: filhos, casa, trabalho etc.

Como desvantagem, Carlos cita o monitoramento, ou o “estar plugado o dia inteiro”, que compara à idéia de *“Big Brother”*. O monitoramento dos profissionais se dá através de aparelhos celular, cujas chamadas devem ser atendidas, independentemente da ocasião. Esse desconforto, no seu caso, é um modelo de celular cedido pela empresa que, além das chamadas telefônicas, recebe e envia mensagens. Desta forma, Carlos tem condições para acompanhar o seu trabalho quando não está presente na agência de notícias.

Você está com o e-mail (no celular) o tempo todo ligado, as pessoas te acessando, sabendo onde você está. Não tem um desligamento hoje em dia do trabalho. Não é como era antigamente. Você está muito mais alcançável para qualquer coisa e não tem desculpa. Tem todas as ferramentas para que você seja encontrado.

Neste novo contexto, Carlos nota, com certo saudosismo, que o jornalismo *“perdeu o caráter romântico”*, ou o *“glamour”* que envolvia a profissão. Aponta para uma *“profissionalização (...) voltada para resultados”*. Neste caminho, as empresas jornalísticas estariam a cada dia mais próximas da cultura das grandes organizações voltadas para o mercado: *“Passaram a trabalhar com metas, o que é uma coisa complicada quando você lida*

com informações”. Além da prática de metas, Carlos também citou o compromisso com o volume de notícias que devem produzidas e veiculadas no caso do jornalismo em tempo real.

De todas as mudanças vividas pelos profissionais nos últimos tempos, uma das mais citadas, inclusive por Carlos, é a do clima que passou a vigorar nas redações. Os antigos ambientes de trabalho, barulhentos em função das máquinas de escrever, telefones tocando e pessoas gritando, deram lugar a salões mais silenciosos e arrumados, onde *“cada um na sua”*, permanece o tempo todo com fones nos ouvidos para atender às ligações telefônicas e, simultaneamente, com o olhar voltado para o monitor do seu computador, e com as mãos ocupadas com a digitação no teclado: *“Aqui é o dia inteiro olhando tela (monitor do computador), fazendo o teu trabalho, monitorando as concorrências e outras coisas mais (...). Isso exige que se fique na cadeira. Se você levanta para tomar um café, pode perder uma notícia importante”*.

Na conta das desvantagens, Carlos inclui a substituição das conversas habituais pelas mensagens eletrônicas: *“A relação mudou (...). Só falo com o cara que senta aqui do lado. Quando eu entro falo um oi e quando eles (colegas) saem, me dão um tchau”*.

REGINA

“Quanto tempo leva essa entrevista?”

Regina trabalha a mais de vinte anos na redação de um dos mais importantes jornais impressos do País. Já era conhecida antes do convite para participação na pesquisa.

Tentei falar com Regina por várias vezes. Em algumas ocasiões estava fora da redação, em outras em reunião ou em alguma ligação telefônica. Permaneci tentando o contato, com a preocupação de não interromper nenhuma de suas atividades, em função do ritmo acelerado de trabalho naquela redação. Quando consegui falar com Regina, pude notar que estava apressada, falando com outras pessoas ao mesmo tempo, e o esforço que fez para me localizar entre seus conhecidos. Quando me reconheceu, pude falar sobre a pesquisa e sobre meu interesse em fazer uma entrevista. Sua reação foi de surpresa: se eu era também uma jornalista já não sabia da sua correria cotidiana?

Perguntou-me quanto tempo levaria nossa conversa. Respondi que dependeria da sua disponibilidade. Regina riu e falou: *“você sabe que não tenho mais disponibilidade para mais nada, além disso, aqui”*. Perguntei sobre a possibilidade de ir até a redação para conversarmos por vinte ou trinta minutos. Regina perguntou: *“Tudo isso?”* e pediu-me para telefonar num próximo dia. Tentei por três vezes marcar, porém, em todos os momentos em

que mantivemos contato percebi que Regina estava com bastante trabalho e muito pouca vontade de ceder parte do seu exíguo tempo para participar da pesquisa.

Conversando sobre esta situação com outros dos entrevistados, surgiram as seguintes questões: os jornalistas normalmente entrevistam as outras pessoas e não gostam de lugar e ser entrevistados e os jornalistas não dão importância a mais nada além do seu trabalho, ou seja, o que é feito nas universidades só interessa se for virar notícia.

LUÍSA

“Na semana que vem...”.

Luísa chefia uma equipe de jornalistas na redação de um grande jornal, em sua versão online.

Procurei-a inicialmente por telefone, e relatei que uma colega em comum havia me sugerido procurá-la para uma entrevista. Sua primeira resposta foi que naquele dia seria bastante complicado. Preocupada com uma possível negativa, me dispus a vir em outra data apenas para conversarmos sobre o meu projeto e a entrevista. Neste dia ela me recebeu com simpatia, mas pouca disponibilidade. Assim que chegou me ofereceu uma cadeira ao lado da sua, pôs os fones nos ouvidos, me explicando que precisava falar com as redações dos outros estados, e começou a ler as mensagens e notícias no seu monitor.

Iniciou, por telefone (com fones nos ouvidos), uma reunião com colegas de outras cidades, discutindo a pauta do dia. Em alguns momentos, afastava o aparelho da sua boca e me contava um pouco do que estava sendo discutido. Quando terminou a ligação, apresentou-me à sua equipe, que também estava imersa no mesmo tipo de atividade. Alguns cumprimentaram com acenos, sem interromperem seus serviços.

Em um dos rápidos intervalos em que pudemos conversar, Luísa contou que naquela semana estava acontecendo a substituição do diretor de redação, o que sempre gera alguma tensão. Perguntou-me se eu poderia procurá-la novamente na próxima semana, quando a substituição do diretor já teria sido feita.

Na semana seguinte voltei a procurá-la, mas todas as vezes que mantivemos contato ela alegou excesso de trabalho, mas sem nunca negar a possibilidade de uma entrevista. Esse comportamento repetiu-se por mais duas vezes. Em uma última tentativa envie-lhe um e-mail, que não foi respondido.

LUÍS

“Me liga na quarta...”

Luís trabalha em um canal de jornalismo de uma rede de televisão. Conhecemo-nos há dois anos, quando me foi indicado para fazer parte, como *“free-lancer”*, de uma equipe, que coordenei em um trabalho jornalístico. Quando o procurei com o pedido de entrevista, percebi a surpresa por me ver trabalhando em outra área. Concordou em ser entrevistado. Porém em todas as vezes que tentei marcar a entrevista havia algum contratempo. Era difícil conseguir localizá-lo no trabalho ou em casa ou, quando conseguia, havia impedimentos em função do seu trabalho. Porém, era nítido o desconforto em negar a entrevista, embora não existisse disponibilidade para que ela acontecesse. Talvez recusar a entrevista fosse difícil em função da possibilidade de que eu fosse fonte de novos trabalhos.

CAPÍTULO III

O TRABALHO JORNALÍSTICO EM ANÁLISE

Nas análises foram levadas em conta as observações realizadas em alguns ambientes de trabalho e as narrativas dos entrevistados. Nas narrativas nossa atenção dirigiu-se às formas que o tempo assume nos discursos e expressões dos jornalistas. Não houve intenção de obter no conteúdo das entrevistas material para documentação objetiva da atividade jornalística, mas consideramos as informações oferecidas pelos profissionais como uma versão sobre essa realidade.

Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, algumas questões foram eleitas para análise em função de suas repetições em diversas entrevistas e situações, pondo em evidência temas predominantes para os entrevistados e que se tornaram, desta forma, centrais para esta pesquisa. Estas questões são analisadas do ponto de vista individual em sua relação com o coletivo.

Robert Sévigny (2001) nota que na abordagem clínica os objetos de análise podem ser tanto os problemas levantados no campo, quanto o como estes problemas são compreendidos por este mesmo campo, ou seja, “(...) a interpretação dessas interpretações” (p.21), que amplia e diversifica o conhecimento que se pode alcançar sobre o tema pesquisado. Nos encontros com os jornalistas adotamos a postura de oferecer o tema e participar das narrativas no sentido de preservar o fio condutor relacionado ao tema proposto, de forma que fosse possível alguma reflexão dos próprios entrevistados sobre os problemas que emergiram nos encontros, em função das disponibilidades individuais no aprofundamento das questões.

Em algumas entrevistas muitas reflexões pareciam estar se dando pela primeira vez. As interpretações puderam se dar, principalmente, em função do engajamento e interesse dos profissionais nesta pesquisa, que foi vivido como um espaço em um cotidiano sem intervalos.

As observações nos ambientes de trabalho aconteceram em quatro ocasiões: em duas entrevistas coletivas à convite de Clara e nas redações de duas agências com Joana e Carlos.

As entrevistas realizadas com Clara e Joana, que trabalham em uma agência de notícias, precisaram ser autorizadas previamente pela direção da empresa, que solicitou uma apresentação formal da pesquisa. Exatamente nesta instituição, a chefe da equipe Regina esquivou-se da entrevista alegando falta de tempo, uma razão justa, mas que nos fez pensar que participar deste trabalho significava ceder um intervalo do valioso tempo dos profissionais para reflexões nem sempre confortáveis.

Mas, para os jornalistas que se dispuseram de forma bastante receptiva a participar da pesquisa, esta parece ter sido uma boa e rara oportunidade para falarem e refletirem sobre suas atividades.

3.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO

Na verdade, como eu estava te falando, a grande mudança foi a tecnológica, na minha cabeça (...) a tecnologia mudou tudo. (Paula)

Em todas as falas os entrevistados se referiram a um tempo que parece a cada dia mais curto e acelerado, insuficiente para que os profissionais dêem conta da quantidade de tarefas que tem aumentado consideravelmente. Essas tarefas incluem, além do que é programado, as demandas que surgem de última hora, relativamente comuns no jornalismo. Ou seja, sempre há mais para ser feito, em um tempo que falta.

Nas entrevistas, esse tempo que tem se tornado a cada dia mais insuficiente aparece como uma conseqüência das inovações tecnológicas, introduzidas na atividade jornalística nas últimas décadas, que transformou o cotidiano, os ambientes e a relação dos profissionais com o trabalho.

Novas ferramentas, como o computador e o celular ligados à internet, redefiniram a organização do trabalho, permitindo a realização de mais tarefas ao mesmo tempo, com muito mais agilidade, a qualquer hora e lugar, como descrito por Bia: *“Você pode apurar uma matéria em pé, esperando um ônibus, falando com a fonte. Essa coisa da mobilidade (...) ter essa disponibilidade telefônica, é uma coisa muito importante”*.

A tecnologia que dá suporte à troca instantânea de informações possibilitou as novas formas de jornalismo, como o noticiário on-line, que está presente em praticamente todo o mundo.

Você não tem mais nenhum jornal que não tenha uma edição on-line (...) eu acho que as empresas jornalísticas no mundo viram esse filão (...) por terem a tecnologia e a prática de apuração, de investigação. Acho que o processo de globalização, da velocidade do comércio, a velocidade das transações precisou ser acompanhada pela velocidade da informação. Então quando a gente fala que o cliente fundamental (...) é o mercado (...) o cara que está lá na bolsa de valores ou numa corretora qualquer, para ele a informação em tempo real é negócio, é a coisa da notícia commodities, é negócio. (Carlos)

O jornalismo on-line imprimiu outro ritmo de trabalho aos profissionais, que passaram a ter que produzir mais notícias por dia e a poder transmiti-las no momento em que estão sendo apuradas, ou seja, em tempo real.

A circulação de informações, a partir dessas novas possibilidades, tem aumentado vertiginosamente. Embora o mercado de atuação dos jornalistas não se resuma aos veículos on-line, pode-se observar nas entrevistas que quando os profissionais falam sobre a aceleração do ritmo de trabalho e sobre o tempo insuficiente, têm como referência o jornalismo em tempo real, como na explicação apresentada por Paula, que sofre com o aumento da velocidade e da quantidade de trabalho em uma consultoria de comunicação que atende a várias empresas: “*Antes chegava (informação) como? Por telefone ou então você tinha que ligar a televisão e o rádio. Agora você abre (o computador) (...) Isso muda o ritmo (...). Aumentou a quantidade e a velocidade de informação que chega para a gente*”, ou seja, os profissionais têm que lidar com uma quantidade muito maior de informações ao mesmo tempo, que se apresentam em diferentes meios.

Pode-se observar nas entrevistas que esse aumento afeta tanto os profissionais que trabalham com noticiário em tempo real, quanto os demais, que trabalham em assessorias, revistas mensais ou outros veículos. Trabalhar com informação significa, nas palavras de Marcos, estar “*ligado vinte e quatro horas por dia*” ou “*estar antenado com o mundo*”, com esse fluxo que circula ininterruptamente pela rede mundial de computadores.

Por um lado a tecnologia também foi festejada por alguns aspectos considerados bastante positivos em relação às facilidades introduzidas no jornalismo, como soluções para problemas rotineiros, como a falta de linhas telefônicas, as dificuldades para transmissão de matérias entre diferentes localidades, a pesquisa de dados, entre outros, como nos relatos a seguir:

Era um problema seríssimo conseguir uma linha de telefone. Não tinha esse conforto de um telefone em cada mesa. Você tinha um mesão que tinha alguns telefones. Ali você apurava a matéria (...). Se estava ocupado com algum colega, você tinha que esperar e podia perder a entrevista porque o cara (o entrevistado) saiu. E para conseguir linha você tinha que discar o zero e não conseguia a linha. Ficava tentando, era um inferno... Você não tinha um serviço de telefonia adequado, era uma coisa muito precária. Então, a coisa da telefonia melhorou muito. Você pode apurar uma matéria em pé, esperando um ônibus, falando com a fonte. Essa coisa da mobilidade, de você poder conversar por celular (...). Hoje tem essa disponibilidade telefônica, que é uma coisa muito importante. (Bia)

Quando começou as redações eram informatizadas, mas para você trabalhar, para escrever matéria (apenas digitação) (...) E a gente achava ótimo. Eu me lembro que quando viajava, para passar matéria, primeiro era máquina de escrever, depois tinha que ir no correio para perfurar o telex (...). Essa fita era transmitida e era decodificada no jornal. Hoje não, no quarto do hotel você passa tua matéria (...). Essa parte é maravilhosa. (Ana)

Essas facilidades, aliadas à reorganização da produção, elevaram consideravelmente a capacidade produtiva da mídia. No entanto, suprimiram funções e postos de trabalho e trouxe, em contrapartida, uma sobrecarga de trabalho, citada em todas as entrevistas, como na de Paula: “*Quando eu estava no Jornal X, no final (sete anos atrás), nós éramos 30. Encolheu. Agora tem 12*”. Equipes menores produzem mais, como reforça Bia: “*As solicitações hoje são muito maiores, a competição é maior. Eu vejo que meus colegas fazem muito mais pautas do que antigamente*”.

A precarização da profissão vem se agravando com o enxugamento dos postos de trabalho, que leva os profissionais a realizarem serviços simultâneos para diversos meios de comunicação, como no comentário de Joana:

A gente está cada vez mais trabalhando para vários veículos diferentes, tipos de mídia diferente (jornal impresso, on-line, revista, rádio). Eu comecei trabalhando só para a agência. Depois da agência, para bater matéria para o jornal foi um pulo. Depois a gente tem que bater arte (imagens) para o jornal.

E também uma coisa chata, cada vez mais funções, mais atividades que não estavam previstas quando eu vim para cá (...). Começou com a cobertura dos índices. Depois com trabalhar nos plantões, depois as matérias especiais, as revistas do grupo. Enfim, na minha avaliação, o trabalho só tem aumentado, se diversificado em termos de atividades e aumentado a carga horária e isso não se reflete no salário. (Joana)

Em sua crítica, Joana refere-se a uma prática que se tornou comum nos grandes grupos, que congregam várias mídias (agências de notícias, jornais on-line e impressos, revistas rádios e canais de televisão): o trabalho simultâneo dos profissionais para os vários veículos. As notícias produzidas para uma página on-line, por exemplo, são ajustadas pelos repórteres para o jornal impresso ou como uma nota para a rádio.

Aí ele (empresa) aproveita a matéria dele (jornalista) para rádio, para o jornal do mesmo grupo, para a agência do mesmo grupo. Aí o

mercado fica mais enxuto porque uma pessoa faz tudo. De jornal faz para a agência, de agência faz para o jornal. (Bia)

A introdução de novos programas de computador para serem manuseados pelos jornalistas foi substituindo atividades anteriormente realizadas por profissionais de outras categorias, gerando o acumulo de funções, como evidencia Joana em dois momentos de sua entrevista:

Eu comecei trabalhando só para a agência. Depois da agência, para bater matéria para o jornal foi um pulo. Depois a gente tem que bater arte para o jornal (...). É o seguinte (abre uma página de jornal e mostra um gráfico em colunas) Está vendo isso aqui? A gente tem que bater isso para o pessoal da arte (ilustração). Isso é um “saco”. Isso demora quarenta minutos. Dependendo da arte, quarenta minutos à uma hora da sua vida que não volta mais, porque são números e você tem que ficar conferindo (...). Isso a gente também é obrigado a fazer. (...)

A maior parte dos repórteres que trabalham em redação reclama de ter que trabalhar em funções que não eram da competência deles. Eu não sei se ainda continua, mas eu lembro que no ano passado eu fui numa coletiva e, eu não sei se era alguém do Globo, do G1, que estava levando uma câmera para tirar fotos do evento para colocar no site. Ele ia apurar e ele ia tirar foto e ia colocar no site. Olha que absurdo isso! O cara nunca quis fazer fotojornalismo, não se interessa por foto e vai tirar foto.

As novas tecnologias têm sobrecarregado os profissionais não apenas pelo excesso de tarefas, mas, também, por permitir a realização do trabalho a qualquer hora e em qualquer lugar, facilitando a sua penetração na vida doméstica e sua instalação como mais uma atividade que passou a ser corriqueira. Um dos exemplos é o apresentado no trecho a seguir da entrevista de Carlos, que se refere às atividades profissionais que são realizadas em sua residência, diariamente, como uma “comodidade”, que se tornou possível graças aos avanços tecnológicos. A forma como expressa essa comodidade, faz parecer que realizar trabalhos profissionais em casa passou a ser natural. Percebe-se pelas suas falas não mais haver distinção entre espaço público e privado.

E hoje trabalhando numa agência de notícias, você tem a coisa de estar trabalhando em casa, em alguns momentos, isso te dá uma comodidade maior. Reuniões, você não precisa mais estar presente. Por exemplo, eu tenho todo dia de manhã uma reunião, com todas as

unidades - cada um está no seu lugar - por uma conference call dessas. Então você não precisa mais estar em tal lugar, em tal hora. Você está na sua casa. Te deu mais tempo, não te deu o tempo total porque de alguma forma eu, por exemplo, trabalho aqui de tarde, tarde e noite e de manhã eu tenho uma reunião.

Para confirmar a impressão de que fazer reuniões de trabalho em casa não causa nenhuma estranheza em Carlos, foi apresentada esta questão: “*Mas então você trabalha o dia inteiro?*”

Eu trabalho o dia inteiro. Na prática eu trabalho dia inteiro. A única liberdade que me deu é que eu não preciso mais ir lá. Não preciso vir aqui para a reunião. Eu estou em casa. Vou ali, vejo meu filho. Estou administrando as coisas ao mesmo tempo. Quer dizer, tenho as vantagens e as desvantagens. Acho que tem a desvantagem hoje em dia do monitoramento. Estar plugado o dia inteiro. (Carlos)

A reação à questão colocada pela pesquisadora parece ter despertado Carlos para o que mais gera desconforto: o monitoramento, o estar conectado, “*plugado*”, todo o tempo, que parece ser um além da idéia de que o jornalista deve estar constantemente bem informado e que, por isso, mantém uma relação ininterrupta com o trabalho.

Para manter-se atualizado no período anterior à chegada das novas tecnologias, o jornalista lia jornais e revistas e acompanhava o noticiário em horários fixos nas rádios e televisões. Atualmente a atualização incessante de informações que circulam pela internet, através dos computadores e celulares, obriga os profissionais a manterem-se, como dito por Carlos, “*plugado o dia inteiro*” para acompanhar todo esse movimento. Estamos face a uma nova forma de subjetividade plugada, expressão utilizada por Marcel Gauchet (apud Aubert, 2004), que pode ser um dos reflexos da interação com o ritmo das novas tecnologias.

Da mesma forma, é possível que se observe na entrevista de Paula como a tecnologia abriu espaço para que o trabalho não se limite apenas ao período do expediente. Nesta parte, Paula conta como o e-mail facilita um tipo de relação onde os limites parecem não existir.

*Paula: Claro porque ficou muito mais fácil para todo mundo: “Professora, eu não estou com meu trabalho pronto” (seu aluno). “Manda por e-mail” (Paula).
Aí eles mandam domingo à noite, meia-noite (...). Meia-noite, duas da manhã, e eu vou ler (...). Ficou cômodo para mim e para eles. Não precisei ir na faculdade.
Agora eles mandam por e-mail porque fica uma relação informal.*

Se não fosse uma exigência da presença, eu não precisava vir aqui (na assessoria onde trabalha). Tem dias que eu fico em casa trabalhando (...). E tem dias que eu ligo para cá, “não estou muito bem hoje, vou ficar em casa. Pode mandar o que for de texto”. O cliente manda, a gente faz.

Pesquisadora: Mas você trabalha muito mais.

Paula: É mais fácil de trabalhar, mas tem mais quantidade. Você abre mais oportunidade do cara (patrão) exigir de você (...) eu acho que sim, aumenta, em todos os sentidos, pelo que você recebe, pelo que tem que limpar, pelo que você tem que arquivar, pelo que você tem que retornar.

Estes entrevistados que têm rotineiramente trabalhos em casa, não mencionaram espontaneamente o fato de trabalharem mais a partir do advento da internet, mas apenas após a observação da entrevistadora. O trabalho extra que nos salta aos olhos passa como natural para os entrevistados, talvez porque o jornalista esteja habituado, como diz Marcos, a “(...) *estar antenado com o mundo*”, independente de hora ou lugar. Neste caso, a tecnologia pode ter reforçado um antigo e necessário comportamento. Reforço que, obviamente, aumenta a quantidade de tarefas dos profissionais.

A tecnologia parece ter agilizado ainda mais a rapidez natural com que os profissionais já trabalham. Cria uma espécie de tempo tecnológico, como nota Nicole Aubert (2003), onde as respostas devem ser sempre imediatas e nada pode ser postergado, aprisionando os profissionais em um estado de urgência permanente. Um tempo que, segundo a autora, faz caducar o tempo humano de reação, ou seja, que induz a um esforço extremo e constante de aceleração.

3.1.1 PRISIONEIROS DA TECNOLOGIA

“O que eu acho meio curioso é que toda mudança tecnológica que teoricamente vem para o bem, para agilizar os processos - o próprio processo industrial de feitura e composição do jornal - acaba te obrigando a trabalhar mais”. (Carlos)

A promessa de que a tecnologia viria para diminuir o tempo de trabalho, dar mais liberdade e chances de lazer foi sendo substituída pela decepção que surgiu do confronto dos profissionais com as dificuldades das novas rotinas e o aumento do trabalho.

A gente fazia matérias assim: o mundo informatizado, a tecnologia vai ser uma maravilha. Eu fiz uma matéria (...) uma análise de como

seria o mundo com a informatização, com toda a tecnologia (...) a indústria vai ter que vender roupas mais confortáveis porque as pessoas vão trabalhar em casa nos seus computadores (...). Vamos ter muito tempo porque, imagina, o celular vai facilitar a vida de todo mundo, o computador vai facilitar a vida de todo mundo, tudo vai facilitar a vida de todo mundo. Só que o que eu vejo é o contrário.
(Ana)

A tecnologia além de favorecer um maior envolvimento com o trabalho, passou a ocupar os espaços de lazer. O trabalho segue no bolso, acompanha os profissionais a todos os lugares. Celulares que funcionam como pequenas estações multimídias portáteis, que oferecem além do serviço de telefonia, acesso à internet e às mensagens, ao rádio e à televisão, são como escritórios de trabalho móveis, que podem funcionar ininterruptamente.

Com as inovações tecnológicas que potencializaram a velocidade do fluxo de informações criou-se a obrigatoriedade de sucessivas atualizações, produzidas e acompanhadas pelos jornalistas, inclusive fora dos horários de trabalho. Com todas essas ferramentas à disposição, os profissionais passam a se sentir responsáveis por manterem-se conectados e passam a viver sob tensão permanente.

Como lembra Paula: “*Não tem desculpa*”. As ferramentas estão todas disponíveis, mas a questão que não se coloca é da disponibilidade humana. A falha da máquina parece ser mais compreensível do que a humana, tanto pelos empregadores, quanto pelos empregados que, aparentemente, aceitaram como mais um desafio a relação com estes novos equipamentos.

Na busca por vencer esse desafio, a impossibilidade de se desligar pode tornar-se um problema psicológico, em alguns casos uma obsessão (AUBERT, 2003). Paula conta em sua entrevista que sempre liga o computador quando chega a sua casa, assim como revelam outros entrevistados. O que se transformou em um hábito é, na verdade, uma obrigação, porque os e-mails que continuam a chegar a sua caixa postal não podem deixar de ser respondidos, e as últimas notícias precisam ser lidas no momento em que surgem, antes de serem substituídas por outras, mais atualizadas.

Eu tenho um computador lá no escritório (residencial). Ele invade minha privacidade todo momento, porque dá um estalo todo momento. Vou pesquisar. Aí ele ali, de prontidão para me mostrar o que eu quero. Mas está me invadindo também. Eu acho que a grande mudança é a mudança da tecnologia. Não acho ruim não, mas para muita gente isso deve ser natural. (Paula)

A tecnologia permite que o mundo inteiro fique ao alcance de nossas mãos (Aubert, 2003). Quem vai resistir à tentação? É como Paula nota: o computador está disponível, inclusive para invadir sua privacidade.

A relação com a tecnologia é repleta de amores e ódios. Diversos casos de celulares arremessados contra pessoas ou paredes surgiram durante esta pesquisa, como o de Paula, ocorrido durante uma de suas raras visitas a seus pais, enquanto esteve trabalhando em outro estado:

Minha relação com o celular é insuportável. Eu estou cada vez mais querendo me livrar, mas não estou podendo. Mas eu já me irritei com o celular e já joguei o celular na parede porque eu estava sendo invadida no meu espaço com a minha família...e o telefone toca e uma pessoa me chama para trabalhar no dia seguinte. Eu estava na casa dos meus pais com um monte de primos, família. Isso tem quatro anos. E aí eu falei assim 'eu não quero mais essa vida.

O celular, especialmente, parece capaz de despertar a ira com mais facilidade. Está sempre presente, tocando a qualquer momento, exigindo pronto atendimento, portando informações desejadas e indesejadas, mas das quais estes profissionais não podem fugir. Entre as histórias relatadas está a de uma executiva da área de comunicação que, saturada de problemas para resolver, atirou seu celular na direção da secretária. A moça, ao se desviar, deixou o aparelho cair no chão, espalhando suas pequenas pecinhas por toda a sala. Desesperada ao ver o aparelho quebrado, a profissional ordenou que a própria secretária o consertasse imediatamente. A insanidade da chefe levou a secretária a pedir demissão.

As novas tecnologias desorganizam as agendas dos profissionais em função de possibilitarem que demandas de última hora interfiram no que já estava programado, aprisionando os indivíduos no momento presente, dentro de uma lógica onde nada pode ser resolvido depois (Aubert, 2003).

As rotinas de trabalho precisam ser interrompidas em vários momentos para resolver problemas novos que surgem pelo celular, responder mensagens que chegam, gerando um cotidiano profissional fragmentado e cansativo, repleto de idas e vindas, que geram dispersão e que não permitem a realização das tarefas com tranquilidade.

Levo um tempão abrindo, um tempão fechando (e-mail). Você tem que ter uma linha de comportamento... Às vezes a gente se perde com essas coisas e quando você vê você está num lugar que você não queria estar. E aí você sai do seu foco, das suas prioridades. Fica sendo levado, arrastado. É um arrastão. Te leva. Se você não estiver

atento. Primeiro consciente de que isso pode fazer com que você tenha excesso de informação, excesso de e-mail. Se não estiver atento.
(Ana)

Desiludida com os resultados da presença das novas tecnologias na vida privada e profissional Ana recorda que “*Os artigos de análise, de comportamento iam todos nessa linha. A gente ia ser mais feliz. Mas não foi isso que aconteceu. Terminantemente não foi isso que aconteceu*”. E, na busca por essa felicidade, “*(...) aí a gente já está querendo voltar. Tem todo um movimento, tem o Slow, para você parar, comer, tomar um banho com calma, parar ou ler um livro*”, atividades fundamentais, mas que parecem inviabilizadas aos jornalistas nos últimos tempos.

3.2. PRECARIZAÇÃO DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA

“Emprego, eu estou aqui, estou ganhando. Até quando não sei, mas eu estou. Gostam muito do meu trabalho. Burra velha, mas faz direito. Mas é muito difícil. Caiu o nível. Você conviver com aquilo (...). Aí volta a pergunta: cadê os nossos ideais? Tem saída? Não tem saída?”. (Ana)

Em suas análises sobre as mudanças econômicas que moldam as novas formas de trabalho, Sennett (2006) argumenta que não existe mais lugar para o desejo de se fazer coisas bem-feitas ou se acreditar naquilo que se faz. O mundo do trabalho tem favorecido a superficialidade e a “angústia do tempo leva as pessoas a deslizar na superfície, em vez de mergulhar” (Sennett, 2006, p. 118).

Isto é o que pode ser visto no discurso dos profissionais que não se sentem com condições de fazer um trabalho bem feito. A qualidade que vem sendo sacrificada pela velocidade gera entre os jornalistas diversas ressalvas aos sistemas de trabalho atuais.

O que vejo como problema é o tempo contar muito para valorização do trabalho. Tem um peso muito forte no valor do profissional. A qualidade no jornal ficou secundária. Você tem que atender a tantas coisas antes da qualidade. (Clara)

O repórter é mais superficial (...). Ele faz as coisas mais correndo (...) Então eu acho que os jornais hoje têm menos qualidade que no passado. (Paula)

(...) e o João tinha um preciosismo com as coisas, com os detalhes, não gostava de distorcer nada. Ele era assim muito correto com a informação. Exigia muito isso da gente. O jornalista que eu me tornei depois foi ele, que ensinava tudo mundo a escrever. Muito rigoroso. Rigoroso até demais. Não usasse palavras mais modernas. Agilizar, por exemplo, não escrevia porque não tinha no dicionário. Era uma turma de jornalistas que acabava entendendo muito (...). A gente conversava muito com os técnicos (profissionais liberais de empresas públicas e privadas). A gente tinha verdadeiras aulas aqui, às vezes nem fazia matéria. Era aula mesmo. A gente sabia tudo de mercado internacional. A gente sabia olhar uma notícia e analisar e tirar desdobramentos dali. O jornal dizia: vai ter reunião, prepara uma matéria, faz um artigo sobre isso. A gente fazia, escrevia um artigo. A gente tinha capacidade para fazer. Hoje não. As notícias não têm mais profundidade porque o mundo não quer mais profundidade. Mudou muito. (Ana)

Acho que eles não estão muito preocupados com a qualidade. Ultimamente não. Os jornais cada vez menos têm matérias muito diferenciadas. Só de repórteres especiais. (Joana).

Na negligência com a qualidade está, também, a violação de valores como a competência individual. Quando os padrões de qualidade e os valores que norteiam o trabalho para os profissionais não são os mesmos defendidos pelas empresas, “Os diferentes elementos que permitem dar um sentido para a atividade, valorizar as obras, investir-se em um coletivo de trabalho protetor e solidário, perdem sua substância e sua consistência (Gaulejac, 2007, p. 308). Nestas circunstâncias, qual o valor do esforço profissional pela boa escrita, pela fidelidade aos acontecimentos, por uma apuração bem realizada?

Lhuillier (2006) defende que a renúncia ao trabalho bem-feito, aos valores que guiam os investimentos em uma atividade profissional gera um pesado custo psíquico, uma desidentificação do indivíduo com o resultado do seu próprio trabalho e uma ameaça à saúde mental. Este é o peso que pode ser visto na decisão de Joana de mudar de profissão, apesar de ter conquistado um bom lugar no mercado de trabalho, ou nas expressões de Ana valorizando o jornalismo praticado há trinta anos atrás - “preciosismo”, “correto com a informação”, “Exigia muito”, “Muito rigoroso”, “A gente tinha capacidade para fazer” e “A gente sabia olhar uma notícia e analisar e tirar desdobramentos dali”.

Se por um lado o exercício do jornalismo exige do profissional o senso crítico desenvolvido, por outro tem deixado, nos últimos anos, cada vez menos espaço para reflexões. O vínculo com o principal produto do seu trabalho, o texto, vem se modificando. Nas novas formas de organização da produção, as formatações mais rígidas e o pouco tempo

disponível para cada tarefa limitam os profissionais e provocam questões como a levantada por Ana: “*Para que eu vou fazer essa matéria boa? Daqui a dez minutos vem outra*”.

Essa é uma pergunta feita muitas vezes por dia por muitos profissionais. A resposta poderia ser que o gosto e o talento para a pesquisa e a escrita podem não ter mais o mesmo peso no atual perfil profissional exigido pelo mercado

Ser rápida é fundamental.

Mas hoje fazer rápido é útil, porque o trabalho intelectual virou processo industrial.

O tempo é a coisa mais básica. É frustrante. Detesto a maneira como lida (o jornalismo) com o tempo. Não quero isso para minha vida. Esse trabalho é muito repetitivo. (Clara)

A velocidade que frustra Clara acirra a cada dia mais os conflitos entre o desejo dos profissionais e as condições de trabalho atuais: “Embora as organizações flexíveis precisem de gente inteligente, enfrentam problemas quando elas passam a se comprometer com a perícia” (Sennett, 2006; 100).

Sennett (2006) define a perícia como o aperfeiçoamento que depende de se poder aprender com os próprios erros, do tempo de dedicação e do compromisso com o que se está fazendo - com um envolvimento que é prazeroso por si próprio.

Compromisso significa fechamento, abrindo mão de possibilidades em nome do desejo de se concentrar em uma coisa só. Podemos, com isso, perder oportunidades. A cultura que vem emergindo exerce sobre os indivíduos uma enorme pressão para que não percam oportunidades (...) a cultura recomenda (...) cortar laços para sentir-se livre, especialmente os laços gerados pelo tempo. (p. 179)

Porém, aprender com os próprios erros já não é mais possível, como conta Joana, que iniciou a profissão há oito anos.

Antigamente eu lembro que eu errava muito, quando eu comecei a fazer esses indicadores (econômicos). É um negócio que quando você vê o documento pela primeira vez, você não sabe onde que está a informação mais relevante. Eu demorei para me acostumar. Mas antes de me acostumar, eu lembro até hoje que eu fazia erros, eu cometia erros que hoje não seriam aceitos nem se fosse foga (iniciante).

Contraditoriamente, os iniciantes não podem errar, mas as maiores críticas feitas à imprensa na atualidade são exatamente sobre os erros nas apurações das informações e na escrita da língua. Poder-se-ia concluir que estes erros estariam relacionados à falta de compromisso dos profissionais com seu trabalho.

Mas, como os profissionais podem manter vivos valores que seus próprios empregadores descartaram para se manterem bem posicionados em um mercado extremamente competitivo?

E, se os erros não podem mais ser cometidos, como os novos jornalistas, ainda não familiarizados com as rotinas complexas, poderão ter a chance do aprendizado? Se não há oportunidade de aprendizado, o que se pode esperar da formação dos novos profissionais?

Mas estas reflexões não devem ocupar os profissionais. Posicionar-se em relação a questões como a queda na qualidade coloca o profissional em conflito e pode atrapalhar o fluxo do trabalho. As empresas esperam que ele não perca tempo julgando estes problemas, mas que use sua capacidade de reflexão como uma ferramenta de trabalho apenas para dar andamento à produção, ou seja, apenas quando é liberada pela empresa. As discussões sobre a qualidade vêm perdendo espaço porque não são úteis à produção e porque não há tempo para se descobrir o que está para além do interesse imediato. “Mais profundamente, tudo aquilo que não for útil é considerado como não tendo sentido” (Gaulejac, 2007, p.74).

Nesse contexto percebe-se um desencanto dos jornalistas com o seu próprio trabalho.

Dejours (2006), em suas análises sobre o sofrimento no trabalho, afirma que quando há o reconhecimento do trabalho, os esforços, as angústias, as dúvidas, as decepções e os desânimos passam a ter sentido. Sem esse reconhecimento, o autor defende que o sujeito se veria reconduzido ao sofrimento, que gera mais sofrimento e, conseqüentemente, a perda do sentido do trabalho.

Para ultrapassar os empecilhos que comprometem a eficiência no trabalho e seguir em frente, os trabalhadores desenvolvem estratégias de defesas que, em alguns casos, significam naturalizar, de forma a tornar aceitável o que é difícil de suportar (Dejours, 2006).

Embora a questão do adoecimento pelo sofrimento no trabalho não fizesse parte das questões principais a serem exploradas por esta Dissertação, durante as entrevistas os profissionais relataram espontaneamente diversos conflitos que notamos serem bastante similares, o que nos levou a perceber que não eram por eles levados em conta como um possível problema da categoria. Pareceu-nos que os entrevistados raramente dividem seus sofrimentos ou adoecimentos, o que parece fazer parte de uma tendência ao isolamento, que se desenvolve em sentido contrário à relação entre os profissionais e ao clima nos ambientes

de trabalho existente há alguns anos passados: “*Mas eu acho que antigamente as pessoas eram mais próximas. Elas tinham mais tempo para sentar e ouvir a história do outro*” (Paula).

O isolamento inibe a exposição individual, ou seja, os jornalistas evitam falar publicamente sobre o que poderia ser interpretado como incompetência pessoal. Desta forma, as falhas ou adoecimentos que resultam das angústias e do estresse relacionado ao trabalho passam a ter que ser resolvidos por cada um, o que limita intercâmbios que poderiam levar a busca de soluções coletivas (Dejours, 2006).

Segundo Dejours (2006), para prosseguir trabalhando em condições difíceis, os profissionais constroem defesas que se manifestam como adoecimentos. Entre os sete entrevistados, dois revelaram terem desenvolvido a depressão, vinte e oito por cento em termos percentuais. Nos dois casos, o adoecimento foi associado à situação profissional, porém, sem que houvesse qualquer menção ao fato de outros colegas conhecidos terem desenvolvido o mesmo problema. Em função dos relatos, supomos que a depressão surge como um vazio que ocupa o lugar deixado pelos ideais e valores que motivaram estes profissionais, que não existem mais e não foram substituídos por algo que pudesse preencher este espaço.

Estes dois casos mereceram a atenção desta pesquisa pelo espaço que ocuparam nas falas dos entrevistados e por refletirem as dificuldades ocorridas na relação dos jornalistas mais experientes com o trabalho nos últimos anos. A relação entre a depressão e a profissão tornou-se presente nas narrativas de forma intensa e dramática, como neste trecho:

Eu vou começar a chorar. Eu li uma coisa da Roudinesco. Ela falava assim: a depressão vem quando acaba a perspectiva de qualquer coisa na tua vida. Acabaram todas as perspectivas de ser feliz. Eu não tenho mais, de uma maneira geral. Eu não tenho tesão para trabalhar. Tortura. Aquele tesão para trabalhar. Claro que a gente xingava para caramba. Trabalhei domingo, mas era só surgir um assunto, uma matéria interessante, você ia lá e fazia na maior. Você escrevia com ideal. (Ana)

Neste relato é interessante notar que a jornalista trás a depressão como uma consequência da falta de perspectiva, ao não conseguir projetar um futuro onde possa “ser feliz”, que significa voltar a trabalhar por um “ideal”.

Esse ideal surge saudosamente nas entrevistas dos jornalistas que iniciaram suas carreiras no período em que vigorava a ditadura militar no Brasil.

É uma nostalgia. Eu me lembro do Cazuza. O Cazuza nos anos 80 ele já falava ‘Ideologia, que quero uma pra viver’. Foi depois considerada a década perdida e aí depois vieram os anos 90 e aí foi a tal da globalização, informatização e individualização. (Ana)

Nesta época, os jornalistas tinham na ditadura o que se pode pensar como um inimigo comum, que unia a classe em torno dos ideais de democracia, como na lembrança de Ana: *“Foi uma época assim muito boa. A gente lutando para o país sair da ditadura. E aquilo dava muito tesão para a gente trabalhar”*. O sentimento de grupo e a proximidade entre os profissionais proporcionavam à categoria um identidade forte da qual se orgulhavam. No lugar dos ideais, o que resta é a lembrança de um tempo bom: *“Você perdeu a farra, perdeu o glamour, perdeu a farra lembra?”* (Ana).

Embora nem todos os profissionais tenham se referido diretamente à questão política, foi comum entre os jornalistas mais experientes – com exceção no caso de Marcos – as ressalvas às mudanças no clima nos ambientes de trabalho nos últimos anos.

Vale notar que a idéia do jornalismo como uma profissão comprometida com a sociedade e com valores considerados éticos não se mostrou presente nas entrevistas concedidas por Clara e Joana, que possuem uma média de dez anos de profissão. Pode-se supor, desta forma, que estes valores talvez já não estejam mais entre os ideais deste grupo. As rápidas mudanças que ocorreram no modo de se fazer o jornalismo e na sociedade como um todo nos últimos vinte anos parecem ter diluído estas antigas referências. Para nós, como observadores, parece que as diferenças entre os laços que ligam os dois grupos à profissão apresentam algumas diferenças.

3.2.1 VÍNCULOS ELETRÔNICOS

“É um silencio mortal”. (Ana)

Na agência de notícias onde foi realizada a entrevista com Carlos, o salão é repleto de mesas iguais, todas com computadores, dispostas umas de frente para as outras, mas divididas por baias relativamente baixas, ou seja, é possível ver e falar com o colega em frente, ao lado e na diagonal. Apesar dessa disponibilidade aparentemente convidativa (as pessoas estão relativamente próximas), Carlos conta que o costume é que se falem por e-mail. Comparou as antigas redações barulhentas, com máquinas de escrever, telefones tocando, gente gritando

com esta outra realidade, onde cada profissional em silêncio permanece olhando atentamente para o seu monitor, com fones de aparelhos celulares nos ouvidos para poderem atender, sem parar de escrever ou ler, as chamadas telefônicas.

Para completar essa comparação, perguntamos a Carlos: “E o cafezinho?”, que respondeu: “É complicado sair da frente do monitor. As informações entram e saem muito rapidamente. Num cafezinho você pode perder alguma coisa importante”.

Grandes mudanças. Algumas décadas atrás, uma das coisas que mais se fazia nas redações era conversar, falar sobre o que se estava escrevendo, sobre qualquer coisa, especialmente nos cafezinhos. Esses pequenos intervalos, especialmente apreciados, reduziram-se consideravelmente. Nas novas redações, o café perdeu seu lugar de destaque, assim como os encontros nos bares depois do trabalho.

Eu acho que havia uma coisa antes e depois de sair do jornal e jornalista tem aquele caráter todo boêmio. E às vezes você saía até para comemorar a edição que você fez, com outros jornalistas, com amigos e tal.

Não que isso não exista mais hoje. Mas acho que hoje a profissionalização da profissão, ela perdeu o caráter romântico que ela ainda manteve até uma determinada época. (Carlos)

As conversas informais perderam espaço e as palavras de Ana – “É um silêncio mortal” - resumem bem os sentimentos e descrições feitas por seus colegas sobre as transformações ocorridas com a entrada dos computadores nas redações. Este silêncio parece marcar uma nova postura como a que surge na história contada pela jornalista:

Eu me lembro de uma amiga minha que ficou enfurecida porque era uma bancada de computadores, de jornalistas nos seus computadores, e a menina do lado dela perguntou uma coisa para ela por e-mail, e ela teve um ataque: ‘Escuta você está do meu lado, você vira para mim e pergunta’. Então hoje eu falo com a pessoa que está do meu lado por e-mail. Não sei por que, não me pergunta por quê.

A comunicação virtual parece não deixar à vontade os jornalistas mais experientes. No que é escrito, todo o cuidado é pouco. Assim, as comunicações que são pessoais e não se referem ao trabalho perdem a espontaneidade pelos receios de mal-entendidos.

E essa troca de e-mails para perguntar tudo. Aquilo que você falava por telefone você fala por e-mail. Você não percebe o tom da pessoa,

dá muito erro. A gente aprende com isso, quer dizer, aprende como não fazer errado no termo de dar ruído na comunicação. Não dá ruído, dá verdadeiras trovoadas. Você escreve uma coisa brincando e o outro lê de outro jeito. Ela não vê o teu riso, a tua cara risonha, ela não percebe o teu sentimento jocoso. E aí a pessoa interpreta de outro jeito e às vezes dá muita confusão. Isso já aconteceu algumas vezes. Agora eu vejo e tiro palavras que possam dar margem a um mau entendimento, algum ruído gerado nesse tipo de comunicação. (Ana)

As reclamações sobre as comunicações eletrônicas repetiram-se nas entrevistas desse grupo de jornalistas que valoriza o “olho no olho”, como diz Paula. A substituição das conversas pessoais pelos e-mails trás para a jornalista o sentimento de solidão. Porém, como ela observa, “Tem gente que não sai do computador. Preenche o buraco de quem está solitário. É mais frio. É, mas preenche o buraco”.

Esse sentimento de solidão é marcante na entrevista concedida por Paula, que compara sua convivência com os colegas no passado e nos dias de hoje:

Eu não vejo esse deslumbramento que as pessoas tiveram umas com as outras. Outro dia eu estava contando uma história lá na redação (ninguém prestou atenção).

Eu achava que isso era coisa de carioca, mas a gente foi muito próximo numa história que eu tive com o Jornal X, de dezenove anos, a gente foi muito próximo. A equipe era muito próxima, um do outro.

Carlos também observa que o tempo de convivência também foi reduzido.

Aqui é o dia inteiro olhando tela... Eu cheguei aqui era cada em frente à sua tela e o dia passava e quase ninguém se falava... Só na hora que entro, ‘Oi’ e na hora que eles saem me dão um tchau. A gente se fala eletronicamente cada vez mais. Então a relação interpessoal mudou muito. É todo mundo concentrado, não dá para se distrair muito.

O tempo de convivência, que até poucos anos atrás integrava o trabalho como um espaço para troca de informações, é associado por Carlos à distração. Essa associação revela grandes mudanças no clima de trabalho e no processo de produção jornalística, que passa a ser cada vez mais solitário, competitivo e fonte de insegurança.

E você passa a ficar mais distante das pessoas, as relações ficam muito formais, tudo por e-mail. E-mail para cá, e-mail para lá. Você não tem certeza se as coisas acontecem. Tudo gera dúvida. Não tem relação pessoal. O e-mail é sempre mais duro. "Não vi teu e-mail". Então o que aconteceu? (Paula)

Como uma bola de neve, os novos hábitos se instalam incorporando inclusive os que são seus críticos, como nota Paula:

Agora você me fez pensar numa coisa que está acontecendo comigo (...) essa prática da gente escrever e não falar. Você sabe que eu não consigo mais conversar no telefone muito, às vezes porque eu passei a vida falando com as pessoas no telefone. Eu não consigo mais ficar muito tempo conversando com as pessoas do trabalho.

A comunicação quase que exclusivamente feita por e-mail, que parece desconfortável para os jornalistas com mais tempo de profissão, passa despercebida pelos mais jovens, que não mencionaram incômodos com esta questão em nenhum momento da entrevista. A comunicação por e-mail instalou-se com força, entre outras razões, pelo encolhimento das redações e excesso de trabalho. Neste contexto tornou-se muito mais prático falar com um colega sem precisar sair de sua mesa ou realizar algumas entrevistas por e-mail, evitando deslocamentos e dispêndio de tempo. Dessa forma, o novo meio de comunicação foi ganhando terreno, reforçado pela nova geração de jornalistas, e ocupando cada vez mais espaço nas relações pessoais e profissionais.

Por outro lado (...) a grande mudança, é que com os jornais encolhidos, as assessorias aumentaram muito. Você hoje em dia manda a matéria pronta para o jornal. Lá na empresa X a gente mandava até estatística e ilustração pronta para os jornais. A entrevista (com algum porta-voz da empresa) fica no site (...). Está todo mundo fazendo a mesma coisa. (Paula)

Com material disponível nas páginas das empresas na internet, os jornalistas ganharam tempo, mas perderam mais uma das oportunidades de encontrar seus colegas fora do ambiente de trabalho.

3.2.2 DO ARTESANAL À LINHA DE PRODUÇÃO

“Para mim era romântico. Não ia dar para ser assim a vida inteira. As coisas mudam e tem a velocidade mesmo. Tem muita coisa para pensar aí”. (Paula)

Vários participantes desta pesquisa associaram o jornalismo atual a uma linha de produção. Essa idéia resume bem a percepção que os profissionais têm da sua atividade, que se contrapõe à imagem tradicional de uma profissão onde a criatividade e a iniciativa são requisitos fundamentais.

Eu me lembro no jornal, de você descer da redação para a gráfica, para fazer uma correção. A matéria estava estourando. Você ia lá com o gráfico, o cara na faca, por exemplo, podia apertar linha por linha, se você não queria fazer um corte muito abrupto da matéria. Você achava que ela era importante, não podia tirar nem o pé, então tinha um jeito de dar um aperto. A tecnologia moderna já não te permite mais nada disso. O que você vê na tela do computador é o que está lá. O que vai ser impresso. Então não adianta, não tem mais estouro. Ou é aquele tamanho ou não é. (Carlos)

Neste trecho da entrevista, Carlos lembra a liberdade que existia na produção de um jornal antes da informatização das redações. Esta liberdade permitia, por exemplo, preservar um texto integralmente, caso o jornalista achasse importante. O interesse de Carlos em manter íntegro o próprio trabalho é uma forma de assinatura, o reflexo do seu engajamento profissional, um vínculo com o trabalho que se estende da máquina de escrever até o processo final, na gráfica. A ligação do profissional com seu trabalho é como a de um trabalhador artesanal ou literário e autoral. O produto final carrega a sua marca – marca que ganha vida no leitor e nos encontros com os colegas após o expediente, no café ou no bar, onde as impressões e idéias sobre o trabalho eram trocadas e a atividade podia se aprimorar.

Na direção oposta, atualmente, o tempo curto impõe uma produção em série, em ritmo industrial, que não permite interferências autorais. Nesta engrenagem, as ações devem ser quase automáticas, como numa linha de montagem.

É, e agora você já tem um espaço programado aqui (mostra a tela do computador). Chegou aqui no quadradinho, passou, o programa corta. Não precisa nem mandar para o seu chefe. Já está programado aquele espaço. Era mais artesanal sim, e aí acabou. E era romântico.

acho que a gente foi até um certo ponto e dali para frente a gente viu que a coisa deu uma volta muito grande. A gente chegou a trabalhar esse tipo de jornalismo que a gente pode até considerar mais romântico, ouvir todos os lados, aprofundar pesquisa, investigativo, o jornalismo do texto. A gente fez, mas chegou uma hora que a gente foi perdendo isso”. (Paula)

Perdeu-se o jornalismo do texto como diz Paula, com uma bagagem de mais de trinta anos de profissão.

A industrialização da produção altera as características da atividade porque comprime várias tarefas em intervalos de tempo bastante curtos. O que passa a ter valor são os pequenos textos feitos o mais rapidamente possível, que vão ser consumidos com a mesma velocidade. Essas novas formas de fazer jornalismo não deixam os profissionais muito à vontade. Os entrevistados mais experientes se ressentem de não poder exercer suas capacidades, fazem menos do que podem em relação ao que consideram como bom jornalismo, comprometido com a informação e com o público e os mais jovens condenam a velocidade com que têm que trabalhar e o excesso de tarefas.

Eu não sei, por exemplo, nas matérias do dia-a-dia, se é importante, o que o cara disse. Eu tenho isso (informação), mas descobri mais isso, vou fazer um box (quadro), mas vou fazer uma tabelinha também (...). Mais ou menos a gente editava a matéria. No Jornal X era assim. A gente podia editar a matéria, dependendo do tamanho do espaço. Quando a gente chega na redação para escrever a gente já sabe o que vai escrever, já está com a matéria na cabeça, qual é o lead (abertura).

Hoje é tudo assim: não sei quantos parágrafos de cinco linhas, umas coisas meio doidas. Você não pode criar.

Porque uma matéria de vinte linhas é diferente de uma matéria de quarenta linhas, não é só porque uma é maior do que a outra. Para escrever uma matéria de vinte linhas você tem que falar um monte de coisas de uma forma concisa e em quarenta você pode desenvolver mais (...). Se você realmente precisa de quarenta e só te dão vinte, você tem que botar aquelas quarenta em vinte. Você tem que escrever de uma forma concisa. (Ana)

Os novos esquemas de produção limitam a participação do jornalista no seu próprio trabalho. As novas organizações da mídia não oferecem muitas condições para um olhar mais amplo do jornalista sobre os assuntos que está abordando. Se os textos são menores e mais rigidamente controlados, o jornalista precisa justificar muito mais do que em tempos passados um espaço maior ou diferenciado.

Esses limites também inibem a pesquisa e o conhecimento dos profissionais sobre os assuntos. Se são quinze linhas apenas, não existe razão para se fazer uma entrevista de uma hora. É perda de tempo e desgaste desnecessário. Os jornalistas perguntam apenas o necessário para preencher o espaço certo, não mais do que isso.

As novas gerações que ingressaram no mercado de trabalho nos últimos anos vivem uma realidade profissional bastante diferente dos seus colegas mais experientes. Estes experimentaram um jornalismo em que as pesquisas e o conhecimento sobre os assuntos não estavam diretamente relacionados ou dependentes do espaço que teriam nas páginas dos veículos de comunicação. Podiam vasculhar aquilo que o faro profissional dizia que poderia render uma boa matéria:

A gente se envolvida com as matérias, torcia, 'não, isso não pode'. A gente dava palpite. É gente que está escrevendo, não é máquina que está escrevendo. Mesmo você não dando opinião, 'eu acho isso', a maneira como você escreve é uma maneira de você estar dando uma opinião. Quando você enfatiza uma coisa ou outra, já está dando uma opinião. (Ana)

A correria atual não permite mais estas iniciativas. O tempo acelerado mal dá para que os jornalistas dêem conta de um cotidiano repleto de coisas pequenas, variadas e fragmentadas como conta Joana: “Aí, eu como todo mundo trabalho trezentas mil horas por dia para vários serviços diferentes”.

A curiosidade, motor do jornalismo só pode ser exercida no tempo e no tamanho certo: apenas tantas linhas. Para Joana, mais nova na profissão, ficam as referências de um jornalismo realizado com mais envolvimento e mais autoral, que tem cada vez menos oportunidades para ser exercido:

Antigamente, acho que li no livro do Samuel Wainer (Minha Razão de Viver¹), que um editor dava um mês para um repórter apurar uma matéria especial, ficar fora de pauta (rotina diária de apuração e redação de matérias). Vê se alguém deixa algum repórter hoje fora de pauta por um mês para poder apurar, ninguém faz isso. Você tem que apurar a matéria especial e ao mesmo tempo ficar lidando com todas as pequenas pautas do dia a dia. Você fica tendo que matar um dragão por dia. E pior que no dia seguinte tem outro dragão pra matar.

¹ Minha razão de viver, autobiografia escrita por Samuel Wainer, fundador do Jornal Última Hora, considerado um marco na história da imprensa brasileira, por seu ineditismo como imprensa popular. O jornal é considerado como um porta-voz do governo de Getúlio Vargas.

Esta imagem, “*matar um dragão por dia*”, traduz o esforço mitológico ou sobre-humano que os profissionais acreditam que deva ser feito, para cumprirem suas rotinas diárias.

A visão romântica de um jornalismo envolvido com valores éticos que incluíam o compromisso com o público e com a veracidade das informações cedeu lugar à visão de uma profissão onde o trabalho visa resultados financeiros, como pode ser visto na entrevista concedida por Carlos:

Mas acho que hoje a profissionalização da profissão, ela perdeu o caráter romântico que ela ainda manteve até uma determinada época. Não sei que expressão usar. Mas hoje ela é totalmente voltada para os resultados (...). Eu vejo o jornalismo hoje muito mais uma linha de produção.

Opinião que é também expressa por Clara, “*(...) o trabalho intelectual virou processo industrial*”, e que pode sintetizar uma percepção que é comum aos outros entrevistados.

3.2.3 QUALIDADE VERSUS VELOCIDADE

“(...) quanto mais você faz, mais você faz.. Você vai dando um jeito que você faz tudo. Você não faz tão bem feito (...). Vai cabendo, tem que caber”. (Bia)

Para ser rápido o suficiente, o jornalista precisa moderar o seu envolvimento com cada tarefa. Não deve se ater mais do que o necessário em ponto algum. Deve ser ágil para poder saltar sem dificuldades entre assuntos distintos, textos variados, novas informações. Porém, como seria possível conciliar essa fluidez com o caráter investigativo da profissão?

O jornalismo é uma profissão que exige um engajamento intenso. Para André, com mais de trinta anos de carreira, não é possível ser jornalista apenas no horário do expediente: é preciso ser jornalista vinte e quatro horas por dia. É uma profissão vivida em tempo integral. A curiosidade, a atualização constante e a capacidade de reflexão crítica são talentos tão necessários quanto uma boa redação.

Conforme os limites do tempo para produção jornalística foram se reduzindo nos últimos anos, os profissionais passaram a ter que escolher entre oferecer informações mais rápidas ou mais consistentes. Na maior parte dos casos, os trabalhos devem ser realizados no menor tempo possível, comprometendo a busca pelas informações e a escrita, contrariando importantes valores profissionais. Sem outra alternativa, o jornalista prepara o material nos

moldes em que foi solicitado, mas o que fica de fora, o que não cabe no tempo determinado e que não pode ser realizado, permanece vivo.

Essa atividade bloqueada, que é impedida de ser realizada, na visão de Clot (2006), transforma-se em atividade mental, em conflitos: “A inatividade imposta lança todo o seu peso sobre a atividade presente” (Clot, 2006, p.116), ou seja, o esforço para conter a própria capacidade de agir produz cansaço, tensão. É fonte de sofrimento para o jornalista e põe em jogo seus valores individuais.

O desejo de poder pensar um pouco mais, apurar com mais segurança as informações e produzir textos com maior profundidade que permanece vivo na mente do profissional deve ser abandonado para que não atrapalhe o desenvolvimento da atividade que está sendo realizada. Porém, não poder dar vazão àquilo que se faria espontaneamente pode estressar especialmente quando algo não dá certo, e, neste caso, a tendência é que se valorize o que deixou de ser feito.

A atividade é entendida como dirigida para os outros na Clínica da Atividade, como um diálogo onde diversas vozes podem estar presentes em interação (CLOT, 2007). Nesta troca, o jornalismo tem como destinatário último de sua atividade o leitor. No entanto, entre o jornalista e o leitor muitas relações podem se dar: entre o profissional e a demanda do seu chefe; com o prazo a ser cumprido; na busca pelas informações que podem envolver pessoas, documentos etc.; com a formatação previamente determinada para o texto, entre outras.

A atividade dirigida é, como mostra Clot (2007), conflituosa. Nos diálogos cotidianos com destinatários diversos colidem as várias possibilidades de desenvolvimento das ações. No caso do jornalismo, a decisão por uma ou outra fonte de informação, por exemplo, pode levar a encaminhamentos bastante diferentes. Para que uma escolha possa ser feita, outros caminhos possíveis devem ser excluídos e algumas ações devem ser inibidas ou contrariadas. A atividade que é realizada acontece como o resultado de uma luta entre ações rivais, ou de um sistema de ações que venceram em um dado momento, mas um sistema de equilíbrio provisório, que deve ser refeito a cada nova situação.

As situações novas e inesperadas são uma rotina no jornalismo. Para navegar em um cotidiano intenso, variado, acelerado e com imprevistos, os profissionais precisam ser criativos. Mas essa criatividade necessária é, por outro lado, repudiada pelo profissional quando ultrapassa os esquemas cada vez mais limitadores de trabalho.

Não gosto de chegar na entrevista e pegar (apenas) o lead (abertura da matéria): o PIB aumentou não sei quanto segundo o presidente do IBGE. E vai embora, acabou a notícia. (Paula)

Nestas situações o profissional precisa fazer um esforço ainda maior, trabalhando sobre si para descartar aquilo que faria espontaneamente, que poderia ser a busca de mais informações que subsidiassem uma notícia mais completa para o leitor. Para que o recalque da ação espontânea se dê, a mente do indivíduo torna-se vagabunda, com o pensamento dirigido a outras questões, levando a um desligamento do trabalho. O esforço para não fazer é fonte de sofrimento, pois reprime a capacidade de agir do sujeito (CLOT, 2007).

Em função dessas dificuldades, os vínculos dos profissionais com o trabalho vão se fragilizando e a profissão perdendo seu valor. Se os salários oferecidos não são altos, as rotinas são pesadas e a atividade já não traz mais satisfação, muitos jornalistas começam a buscar outras possibilidades de trabalho.

Então tem uma frustração aí e o que acontece é que o mercado (de trabalho do jornalismo) fica todo dividido, fragmentado. O que o mercado com raríssimas exceções tem hoje? Alguns (poucos) excelentes profissionais e o resto fragmentado, gente entrando e saindo da profissão. Não se está feliz. (Paula)

A rotina feita de muitos trabalhos curtos parece cansativa e desestimulante. Os profissionais, a partir da transmissão em tempo real, passaram a ser, conforme a crítica de Ignácio Ramonet (2007), diretor do jornal *Le Monde Diplomatique*, “o fio que permite conectar o evento com sua difusão” (2007, p. 74), sem tempo para filtrar as informações, em função do risco de que o assunto seja divulgado por outros antes dele, uma falha imperdoável na profissão.

E aí as pessoas são muito estressadas porque elas teriam que ter tempo para fazer uma boa apuração, de boa qualidade, para fazer uma boa matéria escrita. Só que não pode, porque elas têm que parar (durante uma entrevista) e ligar para o jornal para passar a informação para o on-line, porque existe uma competição por segundos (...). Os jornalistas vivem pressionados porque não podem levar um furo de um minuto. Então estão enlouquecidos. (Ana).

Como relata Ana, em muitas situações não é possível escolher entre ouvir a entrevista inteira e depois divulgá-la ou repassar instantaneamente cada informação importante. Na situação citada pela jornalista, o profissional tem o compromisso de ao receber alguma informação importante, passá-la imediatamente à redação e, em função da “competição por segundos”, deve fazê-lo instantaneamente, assim que a recebe. Vários fatores estão em jogo a partir deste ponto. A informação pode não ter sido bem compreendida e divulgada com erro, ou, por exemplo, o entrevistado prosseguir com informações que modifiquem o valor do que já foi dito. Mas o jornalista fez o que estava determinado: se desligou da entrevista por alguns segundos para poder fazer contato com a redação. Os possíveis erros, em função das suas saídas momentâneas, que se tornaram relativamente comuns, são contornados nas erratas, que passaram a fazer parte de todas as edições dos jornais e revistas.

No entanto, estes erros frequentes são fortemente condenados pelos próprios profissionais, como se fossem fruto de incompetências, apesar de serem o resultado da aceleração do trabalho por eles mesmos criticada.

Porque o on-line tem aquela ânsia e jogar tudo on-line, competição com outro veículo, Você quer se antecipar e muitas vezes sai muita barbaridade, a coisa mal checada, mal contextualizada. Aquela ânsia de jogar a informação em primeiro lugar, na frente de todo mundo. (Bia)

É tudo muito correndo. Saem correndo, passam para o jornal. “Ah! Tem mais isso”, volta a ligar para o jornal para corrigir a matéria e você vê muito erro de português. Muito, muita coisa estúpida (...). É a pressa.

Mas o dia-a-dia eu acho ruim os sites. Acho mal editados e ruins mesmo. “Tem que botar matéria, tem que botar matéria” (falam os editores). E aí falou qualquer palavra, três linhas e acha que aquilo ali é uma matéria, e não é mesmo. (Ana)

Quando desliguei o computador veio o meu senso crítico e aí eu mandei uma mensagem corrigindo, com a mesma velocidade, um minuto depois. Mas a gente erra muito mais. E a gente erra muito mais, a Lia falou isso para os meus alunos. Ela falou a gente erra muito mais. A agência comete erro, um atrás do outro. As agências de notícias estão cometendo muitos erros, porque você não tem tempo de checar a informação. Aí você manda errado e daqui a pouco você está corrigindo. (Paula)

Embora pareça, por um lado, que para os jornalistas velocidade e qualidade não podem acontecer simultaneamente, por outro eles não se negam a aceitar como um desafio necessário a possibilidade de alcançar uma eficiência maior nesta combinação.

Essa disposição pode ser vista nas entrevistas quando os jornalistas que criticam a aceleração se reconhecem como acelerados e defendem esta como uma característica necessária ao exercício da profissão: “*Todo jornalista é um pouco assim*”, na opinião de Bia.

Uma coisa que está na gente (aceleração). Mas eu tenho uma dúvida aí, quem começou primeiro, foi o ovo ou a galinha? A maior parte das pessoas é acelerada mais eu não sei se eu era menos ou se fiquei pior agora, porque para mim isso é horrível. Eu acho que eu não consigo conviver comigo de tanta agitação. Hoje é um dia que eu estou muito pilhada. (Paula)

A aceleração é mais do que nunca necessária aos profissionais, que Ramonet (2007, p. 74) chama de “jornalista instantaneísta”. Para o autor, a verdade já não é mais o principal valor de uma informação: “Hoje, principalmente, trata-se da rapidez com a qual esta informação é difundida. Ora, a ‘boa’ rapidez agora é a instantaneidade que, é claro, para a qualidade da informação, é um critério perigoso”.

3.3 COMPETIÇÃO E FRAGILIZAÇÃO DO COLETIVO

“Agora, é bárbaro. Tem que ser mais rápido do que todos. Quer dizer, quem é mais rápido edita melhor”. (Paula)

Para os profissionais entrevistados, o jornalismo foi uma escolha como se vê na entrevista concedida por Ana:

Eu quis ser jornalista com seis anos de idade. Eu sempre fui apaixonada pela minha profissão. Mas os jornalistas geralmente são apaixonados pela profissão (...). A gente sabe que jornalista não é uma profissão que dá dinheiro, que enriquece.

Nessas condições, o trabalho funciona como um fator de homeostase no sentido de atender às necessidades psíquicas do sujeito, ou seja, é fonte de prazer porque facilita a livre circulação de energia psíquica, como na proposição de Dejours (2007, p.24): “Em termos econômicos, o prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza, o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho”.

O trabalho quando é vivido com identificação, como no caso destes profissionais, pode ser “um meio de relaxamento, às vezes a um tal ponto que uma vez a tarefa terminada, o trabalhador se sente melhor que antes de tê-la começado: é o caso do artista, do pesquisador, do cirurgião, quando estão satisfeitos com seu trabalho” (Dejours 2007, p.25). Assim, o trabalho favorece o fluxo da carga psíquica e passa a ser um ponto de equilíbrio.

Entre as qualidades necessárias ao exercício profissional, os jornalistas identificam a capacidade competitiva, vista como natural, e que pode ser bem traduzida pela clássica busca de informações privilegiadas, o “furo” jornalístico, bastante valorizado entre os profissionais e empresas. Essa característica possibilita que os trabalhadores suportem o estresse diário e o ritmo intenso e acelerado da profissão. A tensão diária, neste caso, funciona como um alimento na medida em que estimula o exercício dessa qualidade, garantindo que os jornalistas prossigam na atividade.

Esse misto de tensão e prazer pode ser observado nesta narrativa de Paula:

A gente chegou a fazer esses leilões todos de privatizações, e era uma loucura. O on-line funcionava ali que era um horror. Eu me lembro que eu estava na chefia e o pessoal ficava na rua, no leilão na Bolsa. Ficavam mandando informação, mandando informação. A quantidade que entrava (...). Eu me lembro que eu editava ao mesmo tempo em que estava acontecendo o leilão. Eu mapeava toda a edição do jornal: quais são as áreas, quantas empresas para cada área. À medida que o repórter mandava informação eu já estava editando. Então quando o repórter fechava o dia, (eu) já tinha fechado o que era o resultado do leilão. Mas era muito alucinante. Era como se você estivesse correndo, correndo, correndo, não sabe onde vai chegar. Eu estou cansada só de me lembrar. Fiquei cansada de me lembrar como a gente fechava edição de leilão.

A gente mapeava tudo. Quem são os concorrentes, quais as áreas. Aí vinha chegando informação. Saía de uma tela de texto, entrava na tela do mapa. Agora, é bárbaro. Tem que ser mais rápido do que todos. Quer dizer, quem é mais rápido edita melhor.

Nesta situação, a satisfação de Paula parece proporcional à quantidade de trabalho e ao estresse. No entanto, a equação que mantinha essa tensão, e que provavelmente garantiu o seu sucesso da naquele momento, parece não estar mais funcionando como equilibrante. O que se pode observar na sua narrativa e na dos demais profissionais é o aumento do estresse em função das novas dificuldades que se apresentam. Entre elas o acirramento da competição, que emerge nas descrições associado às mudanças na postura da mídia em relação ao mercado, aos processos de produção e à gestão dos seus profissionais.

Nesta imagem trazida por Paula, “Mas o computador acelerou, está todo mundo em ritmo de Fórmula 1”, pode-se ver a questão da competição condensada de forma bastante interessante. A Fórmula 1 é uma das referências mais reveladoras da busca pelo primeiro lugar em uma competição. Envolve grandes riscos, exige uma boa performance dos competidores. A tecnologia é fundamental. A relação entre os seus profissionais é aparentemente gentil, mas como entre concorrentes, é repleta de desconfianças e sigilos.

A semelhança entre a Fórmula 1 e o jornalismo surge na entrevista de Paula relacionada à entrada do computador nas redações, mas como na sua visão, como na dos outros entrevistados, a competição já estava presente anteriormente, talvez de maneira diversa, como nas lembranças de Ana:

Olha que nós éramos concorrentes diretas, eu e a jornalista Rosa. Eu era do Jornal 1 Ela do jornal 2. Nós éramos concorrentes reais e éramos muito amigas. Era uma maluquice aquilo. E a coisa não azedava por causa disso. Eu não sei nem como a gente conseguia viver assim. E dava certo. ‘Você me furou’. E a gente entendia. Mas, ao mesmo tempo, se ajudava. Dava o telefone de uma fonte (pessoa que passa informação). E a gente era amiga.

A competição para Ana não comprometia as relações de amizade. Da mesma forma, para Paula, as relações entre os colegas eram mais próximas e mais acolhedoras.

Mas eu acho que antigamente as pessoas eram mais próximas. Elas tinham mais tempo para sentar e ouvir a história do outro. Eu acho que as pessoas estão muito mais distantes umas das outras em jornal. Estão mais no seu mundinho.

Para Ana, existem algumas diferenças entre a competição antes e depois da introdução das novas tecnologias

Ninguém queria que o amigo se ferrasse. Na redação, se o colega ganhava um esporro da chefia, você ia lá ajudava: ‘Quer que eu te ajude? Quer que eu leia pra você’. Tentava ajudar. Hoje não. Tem uma menina que trabalha aqui... Ela compete com ela mesma. Ela que provar que é mais capaz. Ela entrou e minha chefe falou: ‘Você vai ficar com ela’. Tudo bem. Dois meses depois, fez um monte de coisa errada. Não mostra (o trabalho para Ana). Não faz parceria. Fica competindo com ela mesma. ‘Eu, eu, eu’.
(...)

Eu montei toda a lista básica de fornecedores, fui atrás dos designes, botei lá e agora as pessoas ficam 'Isso aqui fui eu que fiz'. Eu fico vendo isso. Não tem mais pensamento coletivo. Você está interessado em você mesmo. Você sente falta de conversar sobre o que acontece, de trocar idéias sobre as coisas. E aí vem esse pessoal mais novo. Competem com eles mesmos (...). É um inferno. É diferente da gente.

Atualmente, como Ana nota, “*Não tem mais pensamento coletivo*” e a competição parece afetar as relações entre os colegas, fragilizando o grupo profissional. Esse enfraquecimento do sentimento de grupo da categoria pode ser uma das conseqüências da rapidez com que as transformações nos processos de produção no jornalismo ocorreram nos últimos anos, dificultando o esforço que se faz necessário para articulação entre o que é novo e a experiência acumulada (Schwartz & Durrive, 2007).

De um lado, os profissionais já atuantes que precisaram se adaptar às novas ferramentas, de outro a nova geração já familiarizada com a tecnologia, todos pressionados por uma indústria que passou a trabalhar atendendo à demanda do mercado por informação em tempo real. Cada grupo com diferentes possibilidades de enfrentamento das condições de trabalho, sem espaços para as trocas que talvez possibilitassem a construção de um caminho comum.

Segundo Lhuilier (2006), é no coletivo que se constroem as estratégias para se lidar com as dificuldades impostas pelo trabalho. Com o coletivo dos jornalistas fragilizado, a tendência passa a ser de que cada um encontre individualmente formas de garantir o seu espaço no mercado de trabalho.

3.3.1 CANSAÇO E DESENCANTO

“Eu brigo muito, eu trabalho muito. Eu faço mil coisas... Isso me cansa” (Ana)

Em uma cultura que não perdoa as falhas e os fracassos, que cultiva o desempenho e o sucesso, os indivíduos passam a idealizar e perseguir a performance perfeita. Em um contexto de grandes transformações, os jornalistas devem estar sempre prontos para enfrentar os mais variados desafios, que incluem novas ferramentas e formas de trabalho, com agilidade e flexibilidade que garantam a uma rápida resposta às solicitações: “*É, você tem que estar mais ligado. Você tem que ter o poder de fazer tudo ao mesmo tempo, rapidamente*” (Bia).

Essas exigências geram nos profissionais um esforço sem fim no sentido de estarem sempre à altura das demandas do trabalho. As dificuldades que surgem passam a serem vistas

como falhas pessoais que devem ser corrigidas rapidamente afim de não atrapalharem o seu caminho profissional.

Eu tinha saído do jornal X, eu era chefe de redação. Eu cuidava de 30 repórteres, mas a minha função era pautar e ler o repórter. Eu vim para a assessoria: “Ah! Nós temos a conta da empresa Y, da Z, disso, daquilo. Você vai ser minha coordenadora, vai tomar conta das publicações também”. E chega uma hora que você não faz nada direito, eu não consigo. Mas a chefe diz assim “no mundo de hoje você tem que ser multivalente”. Aí eu falo assim: será que eu estou resistindo porque não gosto de assessoria? Porque eu não gosto. Ou será que eu estou atrapalhada com tantas funções diferentes? Quando no jornal, embora eu tivesse trinta repórteres, trinta assuntos diferentes, eu estava com uma coisa dirigida. (Paula)

Paula é uma profissional com mais de trinta anos de trabalho. Seguindo a tendência do mercado, trocou a redação do jornal onde trabalhou por mais de uma década por uma consultoria que mantém contratos com várias empresas para serviços variados que vão desde a assessoria no contato com a imprensa, à produção de jornais, folhetos, campanhas de comunicação, entre outros. Em princípio, sua experiência como jornalista seria mais do que suficiente para coordenar os serviços prestados pela consultoria. No entanto, o que essa coordenação exigia era exatamente o que Paula talvez tivesse maiores dificuldades: não poder dar a atenção suficiente a cada uma das diferentes tarefas sob sua responsabilidade.

Com o passar do tempo, com certeza Paula poderia dar conta das atividades da mesma forma com que o fazia quando chefiava a redação do jornal. Mas, a questão na experiência por ela narrada era o tempo insuficiente para que pudesse se aprimorar no que era novo. Esse é um tempo não permitido. Como disse a sua chefe, as pessoas precisam ser capazes de fazer muitas coisas diferentes ao mesmo tempo, só que sem perda de tempo.

O desafio foi aceito e Paula atualmente coordena os trabalhos na consultoria. Após uma depressão que ainda persiste nos momentos mais difíceis, procura buscar outros caminhos, como o acadêmico.

(...) eu comecei a sentir o gosto das coisas com leveza e suavidade. Eu sentia o gosto do café de manhã quando acordo. O cheiro do café quando acordo. Aí eu falava para minha terapeuta assim ‘Ai! Está tão bom’. Eu estava de licença e então eu desacelerei obrigatoriamente. Eu continuei trabalhando, mas assim sem me impor condições, sem me impor nada corrido. Eu fazia o que eu podia. Aí eu falava para

minha terapeuta “eu estou mais desacelerada” e ela falava “tomara que você tenha aprendido”.

Eu não aprendi. Eu não aprendi. Eu estou fazendo tudo igual”.

Realmente é difícil, senão impossível, Paula manter-se na profissão sem acelerar: “É difícil desacelerar porque estão me cobrando e eu própria me cobro o que eu não estou fazendo. É a minha consciência, é a consciência profissional”. Na verdade, a partir do tratamento Paula pôde reconhecer a diferença entre estar ou não acelerada, estar ou não com saúde. No entanto esse reconhecimento não garante o seu equilíbrio, porque no cotidiano da assessoria onde trabalha o ritmo é bastante intenso. Paula mantém a aceleração para sobreviver em um mercado de trabalho onde fazer com eficácia significa fazer rápido.

Assim como Paula, Ana também sofre com as exigências do trabalho. Embora relatem questões diferentes em relação ao trabalho, as duas assemelham-se no adoecimento relacionado às dificuldades que devem superar para prosseguirem em seus postos de trabalho.

Esse esforço sem fim para seguir modelos de performance profissional ditados pelo mercado produz o que Ehremberg (2000) chama de homem insuficiente: um indivíduo marcado pela exigência de ter que fazer sempre mais, que está sempre devendo, ou de que não fez o suficiente.

O fracasso no ir além dos próprios limites quando entendido como um não estar à altura dos desafios que se apresentam leva ao que (Ehremberg, 2000) chama de patologia da insuficiência ou implosão depressiva. Nestes casos, a depressão surge como uma resposta às exigências de perfeccionismo, originadas no social, mas integradas pelo indivíduo como um ideal.

Mas o cansaço também se manifesta nas entrevistas de Joana e Clara, que a ele reagem com a desistência da profissão.

Eu não gosto do jornalismo. O tempo é a coisa mais básica. É frustrante. Detesto a maneira como lida com o tempo. Não quero isso para minha vida. Esse trabalho é muito repetitivo. Não quero investir nisso. Sabe quando chegou o tempo? Exauriu. (Clara)

Se você é obrigada a fazer várias atividades ao mesmo tempo, indiretamente relacionadas ao que você faz você acaba se frustrando porque você passa muito tempo do seu dia fazendo o que você não gosta de fazer. Eu já não estava gostando do trabalho de agência, isso só piora as coisas. Vamos ver se daqui a cinco anos eu saio. (Joana)

O cansaço surge quando o trabalho não permite a redução da carga psíquica do sujeito, que se acumula, gerando tensão e desprazer. É o “trabalho fatigante” (Dejours, 2007; 25), que se apresenta em relatos como os de Clara e Joana sobre as dificuldades em enfrentar uma aceleração que degrada a atividade jornalística e que modifica a relação dos profissionais com a vida e o trabalho.

A frustração é comum às duas jornalistas que integram uma geração que já ingressou na profissão trabalhando em tempo real. Em Joana o desencanto com a profissão surge nas comparações que faz com outro jornalismo - descrito em *Minha Razão de Viver: Memórias de Repórter*, de Samuel Weiner – que valorizava o texto e a capacidade investigativa dos profissionais.

No encontro com Clara o que mais chama a atenção são as referências ao jornalismo como uma atividade que se distancia cada vez mais do ritmo de funcionamento humano. No seu caso, talvez o esforço para acompanhar esse ritmo desumano seja uma das maiores questões.

3.4 ARMADILHAS DO TEMPO REAL

No contexto da globalização, onde a competitividade é fundamental para a sobrevivência das empresas, e a informação é peça-chave neste processo. Tudo o que chega precisa ser tratado sem demora, porque perder tempo é perder dinheiro. Da mesma forma, na indústria do jornalismo o tempo faz a diferença e chegar na frente passou a ser mais importante do que o compromisso com a verdade e com o direito do público à informação isenta: a velocidade tornou-se o principal valor a ser consumido (Moretzsohn, 2000).

A partir do jornalismo em tempo real, dar a notícia em primeiro lugar pode significar divulgá-la apenas alguns segundos antes do concorrente. Esta corrida parece insana para alguns jornalistas como Ana que questiona: “*A quem interessa?*”. A resposta pode ser “*(...) a informação em tempo real é negócio, é a coisa da notícia commodities, é negócio*”, de acordo com Carlos, que vê neste caminho um dos possíveis futuros do jornalismo. Neste sentido, a disputa por segundos faz sentido. O tempo é um parâmetro de competitividade.

“*Se você está dando (notícia) depois (da concorrência) precisa saber por quê.*”, alerta Carlos. A corrida que garante um lugar no mercado da comunicação na era do tempo real envolve, inclusive, o monitoramento da concorrência, justificada por Carlos como uma forma de avaliar o trabalho da equipe em termos de competitividade. O mercado cobra da mídia, a

área comercial das empresas de mídia cobra dos chefes, que pressionam seus repórteres, como revela Joana:

(...) e tem aumentado, pelo menos no meu caso, a cobrança em termos de rapidez, de eficiência, por causa da concorrência. Cada vez mais a rapidez pela informação tem sido premente. Para mim, isso tem afetado o meu trabalho porque como o cliente cobra lá do pessoal que é meu chefe, meu chefe cobra de mim.

O processo de produção do jornalismo há trinta anos atrás já era frenético. Mas, entre a cobertura de um evento e a sua divulgação, o profissional filtrava e processava as informações, mesmo se trabalhasse para uma rádio, capaz de noticiar os fatos mais rapidamente dos que os jornais diários. Atualmente este tempo pode estar reduzido há poucos segundos, como no caso da divulgação de índices econômicos, que são ansiosamente esperados pelo mercado.

Funcionar cotidianamente neste regime exige do profissional mais ação e menos reflexão – porque não há tempo disponível. Produzir muito em pouco tempo diminui, por um lado, o compromisso dos profissionais com cada uma de suas tarefas, mas, por outro, propicia uma oferta de serviços que interessa a vários segmentos do mercado, ou seja, neste caso a superficialidade compensa (Sennett, 2006) às empresas de mídia que diversificam seus produtos e ampliam suas participações no mercado.

Para manter as páginas de notícias em tempo real e on-line é preciso que se divulguem informações incessantemente: “Tem que botar matéria, tem que botar matéria (falam os editores). E aí falou qualquer palavra, três linhas e acha que aquilo ali é uma matéria, e não é mesmo”, critica Ana. Mas os critérios do que é uma matéria jornalística foram se transformando nos últimos anos e atualmente este passou a ser um assunto aberto ao debate que envolve a questão dos blogs e da interatividade.

Na entrevista realizada com Carlos, o lugar da tecnologia é destacado no trabalho dos jornalistas. Enquanto falava sobre suas atividades profissionais, Carlos mantinha sua atenção voltada simultaneamente para o monitor do seu computador e para dois aparelhos de TV, que exibiam telejornais. No monitor, Carlos acompanhava oito pequenas telas com tabelas. Perguntado sobre como era possível acompanhar tantas telas ao mesmo tempo, o jornalista respondeu mostrando o seu celular, um modelo que também conecta a internet e recebe e-mails, e explicou que tudo isso junto é o seu equipamento profissional, que facilita, mas o mantém constantemente ligado ao trabalho.

Aqui é o dia inteiro olhando tela. Você tem que estar fazendo o teu trabalho, monitorando as concorrências e monitorando muitas coisas. No caso do internacional (noticiário), eu estou com uma, duas, oito telas aqui. Algumas mais importantes, outras menos. Mas uma notícia para mim pode surgir daqui (mostra uma das telas no monitor), e eu tenho que estar olhando. E eu estou ligado na internet para ver o que os outros portais estão dando, se tem alguma coisa que a gente não tem, que às vezes é alguma coisa grande. Ao mesmo tempo estou ligado lá no meu imbox para ver se está chegando alguma informação de outra fonte (...). Você está interconectado o tempo inteiro. Mudou bastante. Isso exige que você fique na cadeira. Se você levanta para tomar um café pode perder uma notícia.

A tecnologia, chamada ironicamente de parafernália pela jornalista Ana, em lugar de trazer mais liberdade em relação ao trabalho, tem colocado os profissionais sob pressão (Gaulejac, 2007), como fica evidente na exposição de Paula:

Não dá tempo. Eu chego em casa, vou abrir o computador, acabo vendo teu e-mail, ou, agora que eu estou dando aula, o e-mail de um aluno me pedindo informação sobre alguma coisa, e eu não vou deixar o aluno sem responder. Ou do meu colega, que mandou uma matéria para eu ler, porque eu saí no meu horário, mas ele não tinha terminado de escrever ainda. Então vira uma bola de neve. Você não tem argumento. “Você tem computador” (colega pergunta). “Tenho” (Paula responde). “Então vou te mandar aquele produto para você ler quando puder” (colega responde).

As mensagens que não param de chegar exigem inquestionavelmente respostas imediatas na visão de Paula: “Claro, tem que dar retorno. Qualquer que seja o ok. Você tem que parar e dar o retorno. Ou tem que deletar. Tudo isso dá trabalho. Isso mexe com teu tempo, te tira tempo”, e impõe a obrigatoriedade de que se esteja permanentemente conectado à internet, embora a expressão desta ligação pareça trazer cansaço e estresse para Paula.

Embora não dê tempo e “vire uma bola de neve”, Paula liga rotineiramente o computador em sua residência para conferir os e-mails recebidos. Parece sentir-se obrigada a responder o pedido de um aluno e ou de um colega atrasado porque “Você não tem argumento”. A conexão permanente abre as portas a demandas cujos limites podem ser apenas o espaço da caixa de entrada de mensagens do computador. A obrigatoriedade de responder às mensagens e ligações telefônicas sustenta e dissemina este hábito, que pode transformar-se em um vício (Aubert, 2003), como no caso de Paula:

Eu sou uma pessoa viciada no computador. Eu não consigo chegar em casa e não ligar o computador. É a primeira coisa que eu faço. Parece que eu tenho uma necessidade brutal de estar trocando com as pessoas que estão no computador, com a informação, essa coisa toda.

Narrativas como a de Paula e a de Carlos sugerem que essa nova organização do trabalho, apoiada nas novas tecnologias, passa a ser vista como natural ou inevitável manter-se permanentemente conectado, ou seja, se não houver adaptação a esta realidade, não haverá lugar no mercado de trabalho.

Para trabalhar com o tempo real o profissional precisa estar como compara Paula, “(...) em ritmo de Fórmula 1”, ou seja, um piscar de olhos pode ser fatal. Esta idéia deixa de ser apenas uma figura e ganha corpo em situações como a de uma entrevista coletiva para divulgação do Índice de Preços ao Consumidor, o índice da inflação, em um instituto de pesquisa. O relógio sobre a mesa do executivo da instituição que anuncia o índice, e a contagem regressiva criam no ambiente uma ansiedade e espécie de clima de competição. Para os jornalistas presentes, se não é possível ser um vencedor, é uma obrigação chegar ao mesmo tempo em que os demais competidores.

Capturados pelo cronômetro, os profissionais não se permitem intervalos. O tempo deve ser completamente dedicado às atividades rentáveis. Os imprevistos tornam-se problemas graves e facilmente podem se transformar em crises, porque interrompem um ciclo de trabalho já comprimido. As situações de crise estimulam o sentimento de urgência e agravam a sensação da falta de tempo (Aubert, 2003). Nestas ocasiões há uma contração no tempo de reação e de reflexão dos indivíduos.

O trabalho cronometrado não permite intervalos: “A falta mais grave é atrasar e não passar a informação na hora”, como explica Clara, ao lembrar-se do jornalista que atrasou para uma entrevista coletiva, prejudicando sua carreira e a empresa para a qual trabalhava, que perdeu diversos clientes.

A pressão do tempo é evidenciada em situações como o encontro com Joana na redação. Neste dia Joana chegou visivelmente acelerada à redação. O atraso de uma instituição na divulgação de uma informação prevista para estar disponível aos jornalistas antes das oito horas da manhã levou Joana ao estresse. A tensão tornou-se visível nos movimentos incessantes no teclado do computador, como se os toques pudessem revelar a informação ou apaziguar o nervosismo.

Enquanto acompanha no monitor a página da instituição, Joana avisa ao seu chefe que a informação está atrasada e sugere uma nota que explique ao leitor que a falha é da instituição de pesquisas e reclama: “Já são 08h01min. e o índice ainda não saiu. Vou ligar”.

A tensão de Joana reflete uma rotina onde cada ato parece ter hora e lugar previsto e não comporta falhas ou atrasos. A velocidade e a instantaneidade com que devem tratar as demandas e as informações que se apresentam favorecem um estado permanente de tensão que garante a capacidade de reação imediata, como no estado de urgência estudado por Aubert (2003), que se traduz pela ação rápida e instantânea, sem espaço para reflexões, que se torna a cada dia mais presente nos processos de trabalho em diversas áreas.

O estado de urgência é descrito por Aubert (2003) como uma das conseqüências da globalização econômica, associada à comunicação instantânea e ao tempo real. É uma condição que impõe a necessidade de respostas imediatas em todas as situações. Impõe o agir sem espera, sem o uso de critérios que possam separar o que é importante do que é, de fato, uma urgência. Aubert (2003) vê na urgência uma nova forma de relação do indivíduo com o tempo, um modo de regulação da vida social.

Na opinião de Aubert (2003), o sentimento de urgência mantém os trabalhadores sempre prontos para atender instantaneamente a qualquer chamado, permitindo às organizações interagirem com o mercado, trabalhando no sentido de atenderem com exatidão às necessidades dos consumidores, sem desperdícios, sem esforços ou investimentos desnecessários.

Acho que tem a desvantagem hoje em dia do monitoramento. Estar plugado o dia inteiro. Você na internet. Está nesse BlackBerry (celular). Você está o tempo todo com o e-mail ligado, as pessoas te acessando, sabendo onde você está. Não tem um desligamento hoje em dia do trabalho. Não é como era antigamente. Você está muito mais alcançável para qualquer coisa e não tem desculpa para isso. Tem todas as ferramentas para que você seja encontrado e possa ajudar caso necessário.

Foram novidades tecnológicas que foram interferindo no tempo do trabalho e no tempo de vida

Isso aqui (mostra o celular) é um big brother. Isso é um computador na mão. Te alerta que está chegando uma mensagem. Você não pode dizer que está desconectado de e-mail nenhum porque está aqui (celular) a internet ligada o tempo todo. (Carlos)

No caso do jornalismo o estado de urgência descrito por Aubert (2003) se apresenta especialmente no trabalho com a notícia em tempo real, mas, como já abordado anteriormente, permeia todos os ambientes profissionais onde a informação é matéria-prima.

A urgência pode corroer a relação do profissional com seu trabalho porque os prazos insuficientes contrariam o caráter reflexivo da atividade e propiciam um funcionamento maquinal, que fragiliza os laços com a profissão.

A necessidade dos indivíduos estarem sempre disponíveis, conectados e aptos para o pronto atendimento, estimula o desenvolvimento de um estado de urgência interior que, em ressonância com a urgência que vem do exterior, multiplica seus efeitos e induz os indivíduos a avaliarem as situações sob a ótica da urgência e a imprimirem uma velocidade única em todas as situações, inclusive no tempo livre. Dessa forma, a urgência se torna um regulador do ritmo da vida social e um dos sintomas das transformações na relação do homem com o tempo, identificados por Aubert (2003).

Nessas circunstâncias e a cada momento novas prioridades podem ser definidas, levando a interrupção e fragmentação do trabalho corrente, exigindo dos profissionais um esforço ainda maior a cada vez que precisam retomar algo que precisou ser abandonado em função da necessidade de completar outra atividade ou resolver um problema novo, como descreve Paula:

Você também entra no teu e-mail, vai parar uma coisa que está fazendo para responder ao e-mail porque é importante responder naquela hora, porque você se comunica por e-mail. Então você interrompe um processo de um produto que você estava pensando ou então você deixa aquilo para lá e aquilo acaba te prejudicando porque tinha um ritmo, tinha um horário.

Reféns dos computadores, celulares e cronômetros, os profissionais são aprisionados no universo do tempo real.

3.4.1 FUTURO ANTECIPADO

Uma das manifestações da compressão do tempo pode ser observada no comportamento chamado de pró-ativo, que se propõe a antecipar ações que poderiam ser realizadas no futuro, uma manifestação do desejo dos indivíduos e organizações de dominar o tempo.

A pró-atividade é também uma forma de tentar controlar todas as variantes possíveis dos eventos, para evitar imprevistos que causem desvios e atrasos. Supõe que se possa resolver no presente o que poderia vir a acontecer no futuro. As empresas não podem perder tempo resolvendo problemas inesperados, que podem retirar sua atenção em relação ao que precisa

ser realizado no presente. Estas questões precisam, portanto, ser resolvidas antes de acontecerem.

Antecipar o futuro é mais do que prever o que pode sair do controle das empresas, é moldar o futuro, afirmando no presente o que vai ser feito para cada situação que se apresentar, programando as reações. Para dar conta destas questões as empresas desenvolvem a pró-atividade, como um sistema de gerenciamento do futuro, do que ainda não aconteceu. Essa prática é estimulada dentro das grandes empresas e está entre as principais qualidades que o mercado de trabalho passou a exigir dos profissionais, especialmente dos líderes.

Um dos exemplos desta prática pôde ser observada ao acompanhar Clara durante uma entrevista coletiva em um instituto de pesquisa. A jornalista mostra no notebook o esqueleto de um pequeno texto que já havia preparado no dia anterior, para não perder tempo com a redação na hora da coletiva. Na nota, faltava apenas encaixar os índices que seriam divulgados e algumas poucas palavras para identificar se os valores haviam subido ou descido em relação a períodos anteriores. Clara telefona para a redação, dita o texto prévio e permanece conectada pelo celular com o colega que está aguardando a informação, para incluir a nota na página on-line.

Outra prática comum passou a ser, como revela Paula, que as assessorias de comunicação, responsáveis pelo cuidado com a imagem das empresas junto à imprensa, editam previamente textos que dispensam entrevistas presenciais. Este material é divulgado através das páginas das organizações na internet ou enviado aos jornalistas via e-mails.

Tem uma coisa que está acontecendo muito que é o pró-ativo: a empresa X tem um banco de dados. Eles começam a imaginar que o Presidente Lula vai visitar uma instalação daqui a duas semanas. Então eles pedem para a empresa (de comunicação) que trabalha para eles (...) fazer um texto resumindo o histórico daquela empresa e bota no banco de dados. Quando a gente passa para o cara (jornalista), já passa uma coisa mais consolidada. Então os caras (jornalistas) já têm como aproveitar melhor o espaço no jornal para (favorecer) a empresa. A empresa tem mais espaço no jornal. Já vai o material pronto para os jornais (...). Então as assessorias estão completamente cheias de gente, para colocar o produto dentro do jornal, porque o cara que está dentro do jornal não tem tempo.

Nestes comportamentos, bastante comuns nas grandes empresas, pode-se ver não apenas a tentativa de controlar, moldar o futuro, mas torná-lo presente. Pensou-se poder extinguir,

assim, os riscos que o futuro, por não ser totalmente previsível, naturalmente apresenta, buscando interferir no fluxo cronológico dos acontecimentos.

O comportamento e a gestão pró-ativa têm resultados que podemos considerar positivos. No entanto, cabe questionar se ela não é fruto de um imaginário que pensa poder ter o controle sobre todo o futuro, que não admite fissuras, rupturas e ações inesperadas.

CONCLUSÃO

Nesta conclusão não existe a intenção de generalizar ou produzir reflexões que possam abranger todas as possibilidades que o tema suscita, mas explorar algumas questões relacionadas às transformações na relação com o tempo, consideradas relevantes a partir das narrativas dos jornalistas entrevistados.

O tempo, que parece faltar, surge nesta pesquisa como tendo sido subtraído dos indivíduos pelo processo de globalização que, apoiando-se sobre novas tecnologias da informação, avança sobre povos e economias, indiferente aos limites do tempo e do espaço. Nesta operação, a informação passa a ser a matéria-prima que liga todo o planeta, conectando produtores e consumidores em uma única direção (Castells, 2000; Harvey, 2007).

Parte destas informações é produzida pela mídia que, com o jornalismo em tempo real, passou a ocupar com destaque o lugar de produtora de informações privilegiadas e instantâneas que participam decisivamente do movimento da economia global. Para os profissionais, isto significa uma nova lógica de trabalho, transformada principalmente pelo uso da internet, dos computadores e celulares, que funcionam continuamente, impondo uma ligação constante com o trabalho, que não depende de hora ou lugar.

Em termos gerais, o que se pode concluir a partir da pesquisa é, em primeiro lugar, uma aparente contradição dos profissionais em relação às novas tecnologias, que se manifesta pela crítica e, ao mesmo tempo, pela adesão. Um dos exemplos que refletem esta questão pôde ser observado em comportamentos como o de Joana que, ao mesmo tempo em que se dizia insatisfeita com uma profissão, onde a pressão do tempo está se tornando difícil de suportar, mostrou, com orgulho seu conhecimento sobre alguns modelos de fones de celular que melhoram a recepção das ligações, de forma a não prejudicar a realização de outras atividades. O repúdio e o interesse pelas novas ferramentas de trabalho mobilizaram os entrevistados.

Em segundo lugar, nossas observações nos levam a entender que o ritmo com que os jornalistas trabalham usualmente tornou-se mais acelerado a partir da introdução de novas tecnologias e do jornalismo em tempo real. A busca pela adaptação às novas ferramentas de trabalho levou os profissionais a imprimirem um ritmo ainda mais veloz à atividade, agravando as conseqüências da contração do tempo nos vários ambientes onde convivem.

As críticas dos profissionais em relação às transformações no jornalismo são dirigidas principalmente às novas tecnologias da informação que impuseram a lógica do tempo real. Estas críticas podem ser assim resumidas:

- . Os vínculos dos profissionais com o trabalho já são se devem mais ao idealismo.
- . A tecnologia, ao contrário das expectativas, aumentou o volume de trabalho.
- . A tecnologia permite que mais tarefas sejam realizadas simultaneamente, intensificando o cotidiano profissional.
- . O trabalho perdeu seu caráter artesanal e transformou-se em uma linha de produção.
- . A linha de produção impõe limites rígidos, onde o tempo e o espaço reduzidos levam à queda na qualidade: as matérias são mais superficiais e mais erros são cometidos devido à forma como o trabalho é executado.
- . A falta de tempo não permite o trabalho realizado de forma satisfatória, segundo critérios dos profissionais.
- . As empresas trabalham com modelo de gestão de metas. É preciso acima de tudo produzir e neste processo ser rápido é fundamental.
- . Não existe mais espaço para questionamentos e tempo para reflexões.
- . O trabalho invadiu a vida privada dos profissionais, especialmente através dos celulares e computadores, exigindo uma prontidão constante em qualquer momento da vida.
- . A competição no mercado de trabalho e entre as empresas de comunicação está a cada dia maior.
- . Aumentou a rotatividade no mercado de trabalho.
- . As relações entre os colegas são mais distantes e frias. A comunicação é, em sua maior parte, realizada através de e-mails.

Para se manterem em um mercado de trabalho bastante competitivo e restrito, os profissionais acabam por aderir às novas ferramentas e modos de trabalho que criticam. Não existem empregos para os que não dominam as novas ferramentas de trabalho. Desta forma é preciso preservar o lugar conquistado, e descobrir formas de lidar e sobreviver às regras que parecem impossíveis de serem seguidas e que confrontam diversos valores dos profissionais.

Neste caso, o caminho escolhido pelos profissionais parecer ser o de encarar as dificuldades como mais um desafio, entre tantos outros, relativamente comuns na profissão, como propõe Carlos: “(...) *quando você está dentro você vai se adaptando e vai assimilando aquela mudança.*”. A disposição para enfrentar desafios é uma das qualidades necessárias aos jornalistas. A paixão, os enfrentamentos, a perseverança, a coragem fazem parte das muitas histórias dos profissionais, como a relatada por Ana, vivida no período da ditadura militar:

E tanto que o prédio do jornal Y tinha dois sindicatos (...). Então aquele prédio era um alvo da direita (ditadura militar). Era um

terror. Eu me lembro que teve dois ou três princípios de incêndio nos sindicatos. Provocações. Os bombeiros chegavam assim na redação e diziam: “olha não pode ficar na redação”. A gente dizia: “bombeiro, por favor, saia que estamos escrevendo”. O prédio estava pegando fogo. A gente não queria saber se ia pegar fogo o prédio, se não ia pegar fogo. A gente queria escrever o comício das diretas.

Para continuar trabalhando em um prédio pegando fogo, Ana precisou transcender os medos dos riscos graves e reais. Não importava o fogo porque o que estava em jogo era a cobertura de um dos grandes momentos políticos do país. A coragem de Ana e do seu grupo, como ela mesma revela, foi o resultado “(...) do jornalista se envolver muito. O País era uma outra época. Havia um ideal muito grande, pessoas com idealismo. A gente trabalhava de uma forma muito engajada. Era um jornalismo engajado”, ou idealista, que valorizava a crença na função social da profissão, expressa também por Carlos, “*Eu ainda sinto uma utilidade no meu trabalho*”, e por Paula:

Acho que para ser jornalista tem que gostar muito e tem que ter uma visão social do que é a profissão. É que nem professor hoje em dia no Brasil. É um trabalho social. Eu vou ali, comprometido com o leitor, de que eu vou falar as coisas que interessam para o crescimento do país, com a verdade, a democracia, seja com o que for.

Mas, esse idealismo que no passado dava sentido ao trabalho e alimentava a coragem como na cena descrita por Ana, não se fez presente nas narrativas dos profissionais mais jovens. Entre estes, as razões sociais para o jornalismo já não parecem existir mais. Neste lugar, estão apenas as histórias contadas pelos que viveram este passado, em obras como a biografia do jornalista Samuel Wainer, citada tanto por Joana, quanto por Paula.

Nas novas condições de trabalho, o individualismo e a competição mais presentes já traduzem novos ideais, diversos daqueles que inspiravam profissionais preocupados com questões sociais. Mas, então, fica a questão: se não existe mais o mesmo idealismo que alimentou a coragem para superar barreiras, quais poderiam ser as estratégias para enfrentar os desafios impostos pelas novas tecnologias? Os velhos ideais perderam seu poder de fogo e novas armas ainda não foram elaboradas porque não existe, até o momento, bagagem suficiente para que se criem formas coletivas de enfrentamento destas novas dificuldades. Como visto anteriormente, no Capítulo III (Competição e Fragilização do Coletivo), a categoria enfraquecida enquanto grupo não possui, ainda, as condições necessárias para que

esta construção se dê. Desta forma, as iniciativas passam a ser individuais e cada trabalhador conta apenas com a sua bagagem pessoal.

Em uma cultura que valoriza o desempenho e a iniciativa individual, que não perdoa as falhas e os fracassos, os indivíduos passam a idealizar a sua performance e se tornam os únicos responsáveis pelo seu sucesso. Esses indivíduos precisam enfrentar exigências crescentes de flexibilidade para lidar com um mundo em constante mudança, onde não existe lugar para dúvidas, sofrimentos ou adoecimentos, mas apenas para a saúde, as certezas e a assertividade. Eles precisam fazer sempre mais, superar continuamente seus próprios limites. Estão sempre se exigindo mais, porque se sentem insuficientes para realizarem a multiplicidade de possibilidades que o mundo oferece. (Aubert, 2003; Ehremberg, 2000).

Nestas condições, o que poderia manter os jornalistas em combate? Uma das hipóteses é que seja através da própria rotina, como sugerido nos trechos das entrevistas expostos a seguir:

*Parece que a gente dá conta de mil coisas ao mesmo tempo. Eu sou capaz de atender dez demandas num dia (...). São diferentes, mas isso me realimenta porque você não fica burro
Então eu vejo: quanto mais você faz, mais você faz. Você vai dando um jeito, que você faz tudo (...). Vai cabendo. Tem que caber. (Bia)*

Eu sempre fui uma pessoa muito agitada, muito acelerada, fazendo mil coisas (...). Eu já entro pilhada (na sala de aula) como se estivesse dentro de um jornal (...). É um vício. (Paula)

Como um ciclo que se retroalimenta, os profissionais permanecem em atividade constante para não falharem e darem conta de todos os pedidos, acelerando suas atividades indiscriminadamente em todos os lugares e propiciando uma ligação com o trabalho que pode ir além do que a própria profissão já exige. Uma ligação que ao se transformar em uma obsessão (Aubert, 2003), como o exposto do Capítulo III (Novas tecnologias e a intensificação do trabalho), e que enlaça ainda mais os profissionais com as dificuldades que buscam enfrentar.

*A maior parte das pessoas é acelerada mais eu não sei se eu era menos ou se fiquei pior agora, porque para mim isso é horrível. Eu acho que eu não consigo conviver comigo de tanta agitação.
Mas é legal. É vício. (Paula)*

A aceleração se retroalimenta e, ao contrário de favorecer soluções para os problemas enfrentados pelos profissionais, estimula ainda mais a compressão do tempo, na medida em que quanto mais os profissionais aceleram, mais a tecnologia avança, aumentando a produção e a demanda que a sustenta, e novas angústias.

O jornalismo é um terreno onde a relação com o tempo sempre foi de urgência. O trabalho já nascia e morria no mesmo dia (Travancas, 1993) em um jornal impresso diário, antes do on-line ou do tempo real. Mas, no caso do on-line, este ciclo se repete inúmeras vezes por dia. No contemporâneo, as informações, matéria-prima do trabalho jornalístico, nascem e morrem muito rapidamente. Precisam ser processadas imediatamente. Qualquer prazo supera o seu tempo de vida. Quase não se pode falar em tempo, porque tudo é instantâneo, imediato.

O jornalista tende a viver nesse instantâneo em todas as esferas da sua vida, pela ligação permanente que mantém com a profissão e funciona reproduzindo este ritmo de trabalho em todos os ambientes onde convive. A urgência deixa de ser apenas individual e torna-se, assim, uma questão social (Aubert, 2003).

O complexo de difusão de informações da mídia torna possível interligar simultaneamente mundos distantes, confluir realidades e acontecimentos, de forma aleatória, porém em mensagens que produzem significações. O poder de penetração e de produção de sentidos da mídia revela-se como um importante aliado da economia globalizada, ao reafirmar uma cultura que privilegia a liquidez, a leveza, a flexibilidade, o presente, a urgência como um padrão de regularidade temporal. Os indivíduos, produtores e produzidos pela informação e por este universo midiático que cultua a efemeridade, tornam-se efêmeros em seus mundos, estabelecendo relações rarefeitas com pessoas, com o trabalho, com os objetos.

O ritmo da urgência por um lado pode conduzir ao prazer, pela quantidade de adrenalina que permite ao indivíduo experimentar, mas, por outro, pode levá-lo ao esgotamento quando não consegue acompanhar o seu ritmo, acarretando adoecimentos muitas vezes não reconhecidos por eles como derivados das pressões do tempo.

Estas pressões encontraram nas entrevistas uma brecha por onde puderam escoar. A pesquisa foi, para os entrevistados, como uma suspensão em um tempo sem intervalos, que os obriga a permanecerem colados à realidade, absorvidos por seus estímulos e situações e pela necessidade de reações imediatas.

Na triangulação entre pesquisador, entrevistado e as questões que se apresentaram outro tempo emergiu. Um tempo subjetivo, individual, que propiciou a distância necessária para que os jornalistas pudessem ter um olhar perspectivo, que permitisse a reflexão.

Neste intervalo pode-se falar do tempo que angustia, que se revelou nas narrativas como o tempo real, absoluto. Um tempo que tiranicamente permeou todos os campos da vida destes profissionais, reféns de um ritmo que se impôs como único e que se alastra, condicionando comportamentos reativos, e indivíduos que se esgotam em seus próprios atos. Indivíduos que se esforçam por encontrar formas de vencer os desafios impostos pela obrigação de estarem simultaneamente presentes quando e onde são solicitados.

Referências Bibliográficas

AUBERT, N. **Le culte de l'urgence**. *La société malade du temps*. Paris:Flammarion, 2003.

ADGHIRNI, Z.L. **Jornalismo online: em busca do tempo real**. Trabalho apresentado no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002. Disponível em:
<http://66.102.1.104/scholar?q=cache:4nWwlbgnEkkJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR>
Acessado em 10 de maio de 2008.

BALDESSAR, M.J. **Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições**. Um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses. Curitiba: UFSC, 2001.
Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/mariajosebaldessar.doc>.
Acesso em 10.mar.2009.

_____. **A Mudança Anunciada**. O cotidiano dos Jornalistas e a Revolução Informacional. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em:
http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/a_mudanca_anunciada_dissertacao.pdf
f. Acesso em 10 de janeiro de 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

CARRETEIRO. T.C.. **Contribuições da Abordagem Clínica ao Estudo da Cidadania**. Tese apresentada como parte dos requisitos para o Concurso de professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 1993.

CASTELLS, M.. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 1. A Sociedade em Rede. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAPARRO, M.C.. **Pragmática do jornalismo**. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

CLAUDIA, I. Q. et al. **Estudos sobre jornalismo digital**. In: Revista da Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação (e compós). V. 22, p.2-22, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/indez.php/e-compos/article/viewPDFInterstitial/119/118>. Acessado em 20 de janeiro de 2009.

CLOT, Y. **A Função Psicológica do Trabalho**. 2ª ed.Petrópolis: Vozes, 2007.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **Psicodinâmica do Trabalho**. Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

DESPRET, V. **The Body We Care for: Figures of Anthro-zoo-genesis**. In: Body and Society, Vol. 10 nos.2/3. Londres: SAGE Publications, 2004, p. 111-134.

ENRIQUEZ, E. L'analyse clinique dans les sciences humaines. In: HOULE, G. **L'analyse clinique em sciences humaines: pour une epistemologie pratique**. Canada: Les Éditions Saint-Martin, 1993, pp. 39-53.

EHRENBERG, A. **La fadiga de ser uno mismo**. Depresión y Sociedad. Buenos Aires : Ediciones Nueva Visión, 2000.

FONSECA, V.P. da S. **O Jornalismo no Conglomerado da Mídia** : Reestruturação Produtiva sob o Capitalismo Global. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005. Disponível em : <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5023>. Acesso em 2 de fevereiro de 2009.

GAUCHET, M. **Vers une mutation anthropologique ?** In : AUBERT, N. L'individu hypermoderne. Paris: Éditions Érès, 2004, p. 291-301.

GAULEJAC, V.DE. **Gestão como doença social**. Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo : Idéias & Letras, 2007.

GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo :UNESP, 1991.

GRISCI, C.L.I. ; RODRIGUES, P.H. **Trabalho Imaterial e Sofrimento Píquico** : O Pós-Fordismo no Jornalismo Industrial. Psicologia e Sociedade. V. 19, n 2, ag, 2007. Porto Alegre, 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000200007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 12 de abril de 2008.

GUATTARI, F & ROLNIK, S. **Micropolíticas – cartografias do desejo**. Petrópolis:Vozes, 1996.

HARDT. M & NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HYCNER, R. **Relação e Cura em Gestalt-terapia**. SP: Summus, 1997.

LAÏDI, Z. **A Chegada do Homem-Presente ou Da Nova Condição do Tempo**. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.

LAZZARATO, M. & NEGRI A. **Trabalho Imaterial** – Formas de Vida e Produção de Subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFÈVRE, F. **Debate sobre o Artigo de Minayo & Sanches**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.249-250, jul/set.1993.

LHUILIER, D. **Cliniques du Travail**. Paris: Éditions Érès. 2006.

KUPERMAN, D. **Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela doutor!** Disponível em <http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap8.pdf>. Acessado em 20 out 2008.

MORAES, D. **Mídia e globalização neoliberal**. Revista Contracampo. V.7, n.0, 2002. Disponível em <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/contracampo/article/view/14/13>. Acesso em 10 mar 2009.

MORETZOHN, S. **A velocidade como fetiche** – o discurso jornalístico na era do “tempo real”. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

RAMONET, I. **A tirania da Comunicação**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L.(Orgs.) **Trabalho e Ergologia**. Conversas sobre a atividade humana. Niterói: EDUFF, 2007.

SÊNECA. **A brevidade da Vida**. São Paulo: Escala, 2007

SENNETT. R. **A Cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A Corrosão do caráter**. *Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVIGNY, R. Abordagem clínica nas ciências humanas. In: ARAÚJO, J.N.G.; CARRETEIRO, T.C. (Orgs). **Cenários Sociais e Abordagem Clínica**. Belo Horizonte: Escuta, 2001, p.15-33.

SPINK. P.K. **Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. In Psicologia e Sociedade, V.15 n.2. Porto Alegre: jul/dez, 2003.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

VAN KAAAN, A. **Encuentro e Integracion: Una nueva perspectiva de la psicoterapia**. Salamanca – Espanha: Ediciones Sígueme, 1969.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)